A VISÃO DOS VENCIDOS

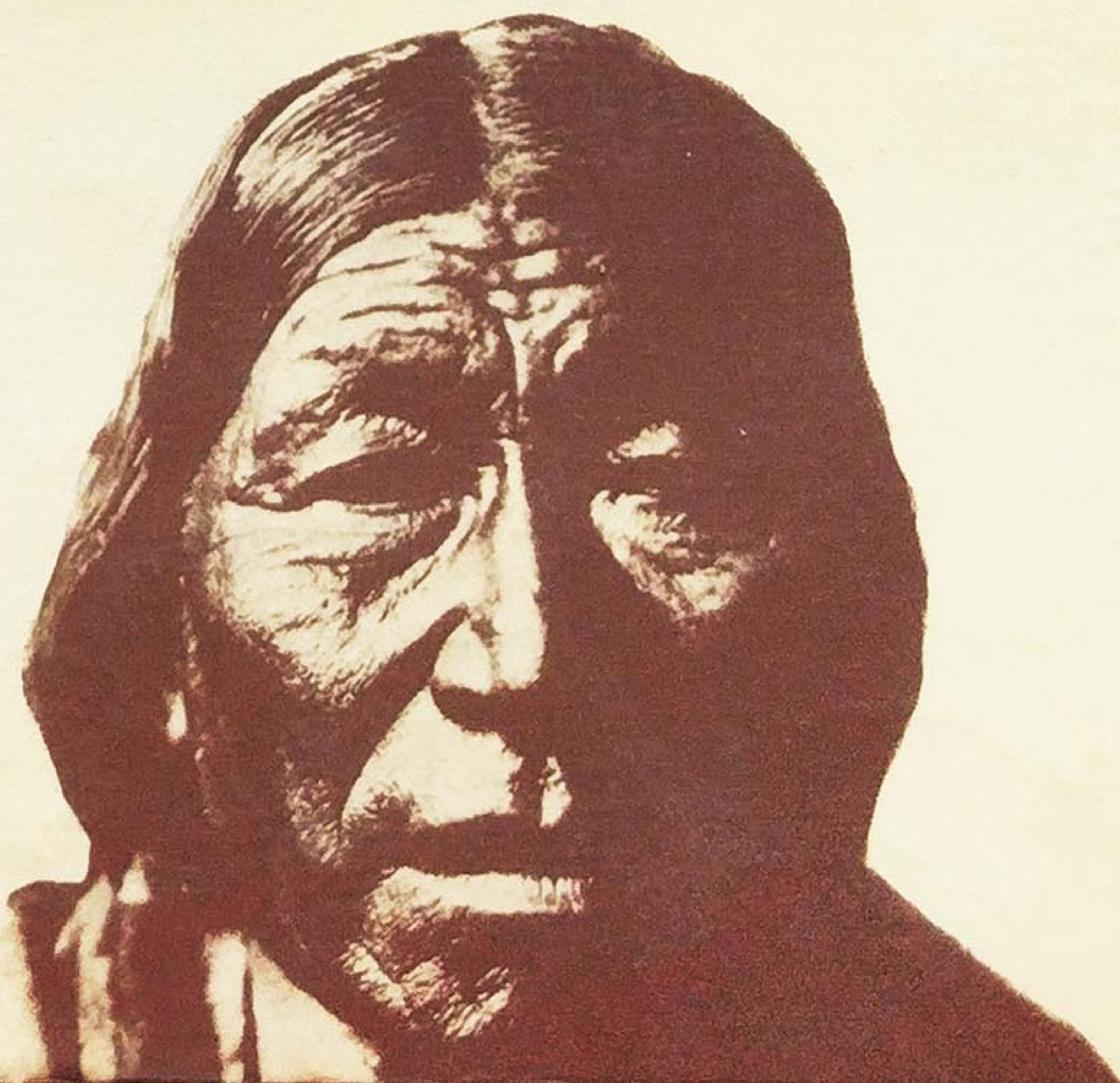
PÉS NUS SOBRE A TERRA SAGRADA

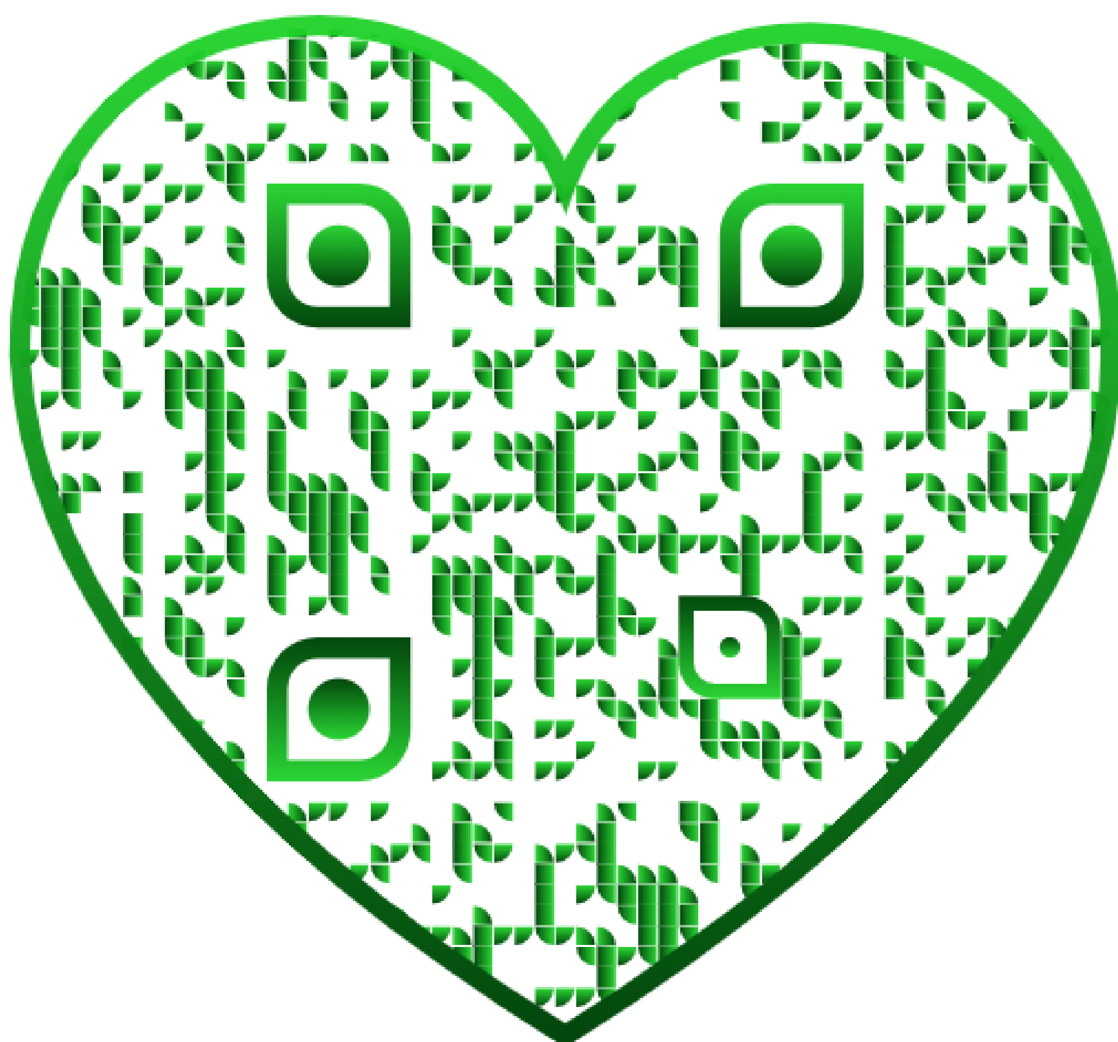
Um impressionante auto-retrato dos índios americanos

compilado por

T. C. McLUHAN

L&PM EDITORES





O crepúsculo de uma raça

Neste livro, os índios falam de si mesmos, da qualidade de suas vidas, do seu relacionamento com o mundo e com as forças cósmicas. Os trechos que o compõem foram temas de discursos e escritos de índios de todas as partes da América do Norte, entre os séculos XVI e XX. Eles falam com reverência e respeito da terra, dos objetos que integravam o território em que viviam. Os índios não consideravam virtuoso impor sua vontade sobre o ambiente: para eles, a posse privada, quase sem exceção, levava ao empobrecimento, não à riqueza. O significado de suas vidas transparecia no relacionamento com os outros e com a terra natal, cuja profundidade e ressonância era cultivada pela memória — e está resguardada nestes trechos selecionados por T.C. McLuhan.

É fácil para nós, não-índios, sentir agora compaixão e indignação por eles. Os índios, mortos ou vivos, receberiam com desdém tais sentimentos. É muito fácil sentir simpatia por um povo cuja cultura foi destruída. Este livro foi compilado com respeito e delicadeza, pretendendo apenas que os índios possam falar de novo, com a sua própria voz.

Sabemos que o único futuro digno para nós que vivemos hoje na América depende de uma redescoberta do meio ambiente. Precisamos estabelecer um relacionamento correto com a terra e seus recursos: de outro modo, à destruição dos índios seguir-se-á a destruição da natureza; e, depois desta, virá nossa própria destruição.

Pés Nus Sobre a Terra Sagrada



Tradução de Paulo Neves

Compilado por T.C. McLuhan

Pés Nus Sobre a Terra Sagrada

Um impressionante auto-retrato dos índios americanos



L&PM
EDITORES

COLEÇÃO L&PM/HISTÓRIA
Série Visão dos Vencidos, vol. 5

Título original desta obra: *Touch the Earth*

capa: L&PM Editores
revisão: Paulo Brody e Suely Bastos
tradução: Paulo Azevedo Neves da Silva

M166p Mc. Luhan, T. C.
Pés nus sobre a terra sagrada / T. C. Mc. Luhan; tradução de Paulo Neves. — Porto Alegre : L&PM, 1986.
120p. : il. ; 21 cm. — (Coleção "Visão dos Vencidos")

1.Índios americanos-História. I.Título.

CDD 970.5
CDU 97(= 081)(087)

Catalogação elaborada por Izabel A. Merlo, CRB 10/329.

Copyright © 1971 by T. C. McLuhan
Todos os direitos desta edição reservados à L&PM Editores S.A.
Rua Nova Iorque, 306 - 90.450 - Porto Alegre - RS e
Rua do Triunfo, 177 - 01212 - São Paulo - SP

Impresso no Brasil
Verão de 1987

Sumário

Introdução — O espírito da terra 9
Capítulo I — O sol da manhã, a terra nova e suave e o grande silêncio. 13
Capítulo II — O homem peludo do leste 37
Capítulo III — Minha voz tornou-se fraca 77
Capítulo IV — Se nos rendermos, morreremos 103
Notas 113



INTRODUÇÃO

O espírito da terra

A dor do índio, diante da morte do seu modo de vida, não foi plenamente compreendida pelo homem branco e talvez nunca o será. Quando Alce Negro, pajé[1] dos Sioux Oglala, fala da "beleza e estranheza da terra", está reverenciando o ambiente cotidiano, um ambiente que sempre esteve entrelaçado com a vida dos índios. Ao serem mortos os rebanhos selvagens e invadidas as terras sagradas de seus antepassados, uma forma do desejo e do espírito das nações indígenas começou a decair e a morrer. Impossível separar, sem grandes perdas, a identidade cultural dos índios do seu lugar e do modo como viviam.

Neste livro os índios falam de si mesmos, da qualidade de suas vidas. Os trechos que o compõem foram tomados de discursos e escritos de índios de todas as partes da América do Norte, entre os séculos XVI e XX. Eles falam com reverência e respeito da terra, dos animais, dos objetos que integravam o território em que viviam. Os índios não consideravam virtuoso impor sua vontade sobre o ambiente: para eles, a posse privada, quase sem exceção, levava ao empobrecimento, não à riqueza. O significado de suas vidas transparecia no relacionamento com os outros e com a terra natal, cuja profundidade e ressonância era cultivada pela memória.

Uma mulher Wintu, vivendo numa área da Califórnia em que homens brancos extraem ouro através de processos hidráulicos e explosivos, comentou: "Quando queimamos a erva contra os gafanhotos, não arruinamos tudo. Recolhemos as bolotas e as pinhas. Mas os brancos reviram a terra, arrancam as árvores, matam tudo... Explodem rochas e as espalham pelo chão. Como é que o espírito da terra pode gostar do homem branco?... Onde o branco põe a mão há sofrimento." A mesma atitude reflete-se numa carta recentemente dirigida pelos líderes religiosos da nação Hopi ao presidente dos Estados Unidos, que transcrevemos no Capítulo IV.

Muitas das passagens deste livro representam tentativas dos índios em oferecer suas idéias ao homem branco, seja como dádiva, seja na esperança de que, através da compreensão, o branco deixasse o índio viver. À medida que os índios foram conhecendo melhor o comportamento dos brancos, foram mudando também seu tom de voz, que passou do mistificado para o revoltado, deste para o desesperado e, finalmente, para o desesperançado.

É fácil para nós, não-índios, sentir agora compaixão e indignação por eles. Os índios, mortos ou vivos, receberiam com desdém tais sentimentos. É muito fácil sentir simpatia por um povo cuja cultura foi destruída. Este livro foi compilado com respeito e delicadeza, pretendendo apenas que os índios possam falar de novo com a própria voz.

Sabemos bem que o único futuro digno para nós que vivemos na América depende de uma redescoberta do meio ambiente. Precisamos restabelecer um relacionamento correto com a terra e seus recursos: de outro modo, à destruição dos índios seguir-se-á a destruição da natureza; e, depois desta, virá nossa própria destruição.

Os índios de certo modo já sabiam disso. Por gerações e gerações ensinaram como viver na América em estado de equilíbrio (um cristão diria: em estado de graça). Talvez agora, depois de ignorar por tanto tempo sua sabedoria, possamos aprender com eles.

Este não é um livro erudito. Algumas de suas passagens são bem conhecidas, mas demasiado importantes para ficarem de fora. Foram extraídas de livros, manuscritos e papéis de variada procedência. A origem de algumas é motivo de dúvida ou disputa entre estudiosos. Nesses casos, a versão mais de acordo com informações confiáveis foi a utilizada.

As fotografias foram tiradas por Edward S. Curtis nas primeiras décadas deste século sob o patrocínio e apoio de J. Pierpont e do presidente Roosevelt. Curtis passou vários anos registrando com extraordinária destreza fotográfica um povo e um modo de vida que ele sabia que estavam condenados à extinção.

Sempre tivemos muito; nossas crianças nunca choraram de fome e o nosso povo nunca passou necessidade... As correntezas do rio Rock nos deram peixe de excelente qualidade e em abundância e a terra fértil jamais deixou de produzir boas colheitas de milho, feijão e abóbora... Esta nossa aldeia manteve-se por mais de cem anos, durante os quais fomos os donos inquestionáveis do Vale do Mississípi... Nossa aldeia era saudável e não havia lugar no país que possuísse tais vantagens, nem lugares de caça melhores que os nossos. Se um profeta chegasse à nossa aldeia e nos dissesse que as coisas se passariam do jeito que se passaram, ninguém lhe teria dado ouvidos.

Ma-ke-tai-me-she-kia-kiak, ou Falcão Negro, chefe das tribos Sauk e Fox.



CAPÍTULO I

O sol da manhã, a terra nova e suave e o grande silêncio

Sagrada Mãe-Terra, as árvores e a natureza são testemunhas dos teus intentos e dos teus feitos.

Provérbio Winnebago

Nós amamos em silêncio; nós deixamos o rato brincar; quando os bosques farfalham com o vento, não o tememos.

Chefe índio ao governador da Pensilvânia, 1796

Nascido em 1868, Chefe Luther Urso-em-pé passou a infância nas planícies de Nebraska e Dakota do Sul. Aos onze anos foi um dos primeiros estudantes a se matricular na escola indígena de Carlisle, Pensilvânia, criada em 1879. Com quatro anos de escola, tornou-se professor e foi lecionar na reserva Rosebud, em Dakota do Sul. Integrou-se ao Wild West Show *de Buffalo Bill como intérprete em 1898 e passou o resto da vida dando conferências e escrevendo. No seu depoimento, Urso-em-pé fala dos Lakota, nome tribal dos habitantes das Planícies*[2] *na banda ocidental, hoje conhecidos como os Sioux (os da banda oriental os chamavam de Dakota). Lakota passou a significar o mesmo que Dakota.*

Os Lakota eram verdadeiros naturalistas — amantes da natureza. Gostavam da terra e das coisas da terra, o afeto crescendo com a idade. Os velhos chegavam a amar literalmente o solo e sentavam-se ou reclinavam-se no chão com o sentimento de estarem próximos de um poder maternal. Era bom para a pele tocar a terra, e os velhos gostavam de se descalçar e andar com os pés nus sobre a terra sagrada. Os *tipis*[3] eram erguidos sobre a terra e os altares feitos de terra. Os pássaros vinham re-

pousar na terra, lugar do repouso final de todas as coisas que viviam e cresciam. O solo era tranqüilizante, revigorador, purificador e medicinal.

Por isso é que os velhos índios ainda se sentam diretamente na terra, fonte de suas forças vitais. Para eles, sentar-se ou deitar-se no chão permite pensar com mais profundidade e sentir com mais acuidade; podem penetrar nos mistérios da vida e descobrir o parentesco com outras formas de vida ao seu redor...

Parentesco com todas as criaturas da terra, do céu e da água era um princípio ativo e real. Com o mundo dos animais e dos pássaros existia um sentimento de fraternidade que mantinha os Lakota a salvo entre eles. E alguns estavam tão próximos de seus amigos de pêlos e penas que chegavam a falar um idioma comum em verdadeira fraternidade.

Os velhos Lakota eram sábios. Sabiam que o coração do homem distante da natureza se torna duro; sabiam que a falta de respeito pelas coisas vivas leva imediatamente à falta de respeito pelos humanos. E assim conservavam a juventude sob a influência benfazeja da terra.

Ohiyesa, ou Charles Eastman, médico e escritor Dakota Santee, nasceu em 1858 perto de Redwood Falls, Minnesota. Quatro anos mais tarde, após o massacre de Minnesota, em 1862, viajou com seu tio para o Canadá, onde viveu a existência nômade dos Sioux até os quinze anos. Em 1887 graduou-se pelo Dartmouth College e três anos depois recebia um diploma de medicina pela Universidade de Boston. Serviu três anos como médico do governo na reserva de Pine Ridge, Dakota do Sul, durante os distúrbios da dança dos fantasmas,[4] *e posteriormente dedicou-se à clínica particular. Por essa época começou a escrever e dar conferências. Seu primeiro livro,* Indian Boyhood *(Infância Índia), apareceu em 1902. Ohiyesa é talvez o mais famoso dos autores índios norte-americanos. Faleceu em 1939.*

Sei que nosso povo possuía notáveis poderes de concentração e abstração, e às vezes imagino que a proximidade à natureza, tal como descrevi, mantém o espírito sensível a impressões normalmente não percebidas, bem como em contato com os poderes invisíveis. Alguns de nós pareciam ter uma intuição peculiar para a localização de uma sepultura, o que explicavam dizendo que haviam recebido uma comunicação do es-

pírito do morto. Minha própria avó era uma dessas e, tanto quanto posso me lembrar, ao acamparmos numa terra estranha, eu e meu irmão achávamos ossos humanos no lugar que ela nos indicava como sendo um antigo cemitério ou onde um guerreiro solitário houvesse tombado. Naturalmente, os sinais externos do cemitério haviam desaparecido há muito tempo.

A *ocasião para este discurso foi um conselho índio no vale do Walla Walla, em 1855, presidido por Isaac Stevens, governador do Território de Washington, e pelo general Palmer, superintendente de assuntos indígenas no Oregon. O objetivo do governador Stevens era estabelecer três reservas: uma para os Cayuse, Walla Walla e Umatilla; outra para os Nez Percé; e uma terceira para os Yakima. Jovem Chefe, dos Cayuse, se opôs ao tratado e baseou suas objeções no fato de que os índios não tinham o direito de vender uma terra que o Grande Espírito lhes havia dado. Ele falou o seguinte na cerimônia de assinatura do tratado:*

Gostaria de saber se a terra tem algo a dizer... Gostaria de saber se a terra está ouvindo o que estamos dizendo... Gostaria de saber se a terra está viva e o que se passa com ela... Contudo, eu ouço o que a terra diz. A terra diz: "Foi o Grande Espírito que me pôs aqui. O Grande Espírito mandou que eu tomasse conta dos índios, que os alimentasse bem. O Grande Espírito mostrou as raízes que os índios comem". A água diz a mesma coisa: "O Grande Espírito mandou que eu nutrisse bem os índios". A erva diz a mesma coisa: "Alimenta bem os índios". A terra, a água e a erva dizem: "O Grande Espírito nos deu os nomes. Nós devemos conservá-los". A terra diz: "O Grande Espírito quis que eu produzisse tudo o que cresce sobre mim, árvores e frutos". Do mesmo modo ela diz: "De mim é que o homem foi feito. O Grande Espírito, ao colocar os homens na terra, desejou que eles cuidassem bem dela e que um não fizesse mal ao outro..."

E*m 1859 o Senado norte-americano ratificou um acordo assinado com os índios Yakima em Walla Walla no ano de 1855. O tratado dava aos índios a posse de algumas terras, mas cedia uma parte aos Estados*

Unidos. O caso foi à Corte Suprema, que, numa votação dividida, acabou dando razão aos índios. Um novo julgamento foi realizado em 1915, quando Chefe Weninock, dos Yakima, prestou o depoimento transcrito abaixo. Por fim, os índios ganharam a causa, o que lhes permitia pescar sem ser molestados nos seus lugares de costume.

Deus criou o país índio e foi como se estendesse um grande cobertor. Pôs os índios ali. Neste País verdadeiramente justo os índios foram criados. Houve um tempo que este rio começou a correr. Então Deus pôs o peixe no rio e o veado na montanha, fazendo as leis que permitissem aumentar a pesca e a caça. Então o Criador nos deu a vida de Índios. Saíamos caminhando e, assim que víamos o veado e o peixe, compreendíamos que tinham sido feitos para nós. Para as mulheres, Deus mandou que colhessem as raízes e os grãos. E os índios foram crescendo e se multiplicando como um povo.

Quando fomos criados, recebemos nossa terra para viver, e datam desse tempo nossos direitos. Tudo isto é verdade. Tínhamos o peixe antes dos missionários chegarem, antes do homem branco chegar. Fomos postos aqui pelo Criador e esse direito é tão antigo como a lembrança do meu avô. Era o alimento de que vivíamos. Minha mãe colhia grãos, meu pai pescava e caçava o veado. Estas palavras são minhas e são verdadeiras. Minha força vem do peixe, meu sangue vem do peixe, das raízes e dos grãos. A caça e a pesca são a essência da minha vida. Não fui trazido nem cheguei aqui de um país estranho. Fui posto aqui pelo Criador.

Não tínhamos gado, nem porcos, apenas raízes, frutos, caça e pesca. Jamais pensamos que haveríamos de ter problemas por causa disso e digo, e acredito, que não estamos errados em querer esta comida. Quando chega a época de buscarmos o alimento, elevo preces de agradecimento ao Criador por sua generosidade.

Quero que este tratado mostre à Corte o que eram nossos direitos de pesca. Eu estava no conselho de Walla Walla com meu pai, que foi um dos chefes a assinarem o tratado. Lembro do que se falou naquela ocasião. Havia mais índios juntos em Walla Walla do que jamais se viu em outro lugar neste país. Além das mulheres e das crianças, havia dois mil guerreiros e lá ficaram durante uma lua, na mesma época do ano de agora, em maio e junho.

Os índios e os funcionários do governo ficaram muitos dias conversando sobre o tratado. Um dia o governador Stevens leu o que tinha es-

crito e um dos intérpretes precisou explicar aos índios. Depois que todos falaram e Pu-Pu-Mox falou, o general Stevens quis ouvir o chefe supremo dos Yakima. Ele disse: "Kamiaken, o grande chefe dos Yakima, ainda não falou. Seu povo não foi ouvido aqui hoje. Ele não tem medo de falar. Sendo assim, que fale."

Havia-se discutido sobre a crescente invasão de brancos nas terras dos índios e a conseqüente expulsão dos índios de seus territórios de caça e pesca. O governador Stevens garantira que, quando os brancos viessem, os direitos dos índios seriam respeitados.

Então Chefe Kamiaken falou: "Eu tenho medo de que os homens brancos não estejam dizendo a verdade; que seus filhos não farão o que é certo; que não farão o que o senhor promete".

Grande caçador, bravo guerreiro e orador eloqüente, Pé-de-corvo nasceu em 1821 em Blackfoot Crossing, na atual província de Alberta, Canadá. Ainda jovem tornou-se o orador da Confederação dos Índios Pés-Pretos. Em setembro de 1877, em defesa de sua nação, cedeu a contragosto, mas de boa fé, uma área de cinqüenta mil milhas quadradas de pradarias ao governo canadense, um tratado que levou ao rápido desaparecimento dos rebanhos de búfalos e trouxe a miséria aos Pés-Pretos. Pouco antes de morrer, em abril de 1890, suas últimas palavras foram sobre a vida.

O que é a vida? É o brilho de um vagalume na noite. É a respiração de um búfalo no inverno. É a breve sombra que corre sobre a grama e some ao pôr-do-sol.

"*O grande cuidado com que muitos índios utilizavam cada porção da carcaça de um animal", escreve a antropóloga Dorothy Lee, "era expressão, não de economia, mas de cortesia e respeito; na verdade, um aspecto do relacionamento religioso com a morte." Os índios Wintu da Califórnia viviam em bosques muito densos, onde era difícil até mesmo encontrar uma clareira para construir casas. "No entanto", prossegue a antropóloga, "usavam apenas madeira morta como lenha, por respeito à natureza." No texto a seguir, uma velha Wintu religiosa fala com tristeza da destruição desnecessária da terra em que viveu — um lugar onde*

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL RUI BARBOSA

a extração de ouro, e particularmente a mineração hidráulica, dilaceraram a terra.

O homem branco jamais se preocupou com a terra, nem com o veado, nem com o urso. Quando nós, índios, matamos um animal, comemos ele todo. Quando queremos arrancar uma raiz, fazemos pequenos buracos no chão. Quando construímos casas, também fazemos pequenos buracos. Quando queimamos a erva contra os gafanhotos, não arruinamos tudo. Recolhemos as bolotas e as pinhas. Não derrubamos árvores. Usamos apenas madeira morta. Mas os brancos reviram a terra, arrancam as árvores, matam tudo. A árvore diz "Não! Eu sou sensível. Não me fira". Mas eles a derrubam e a cortam em pedaços. O espírito da terra os odeia. Eles destroem as árvores e as puxam pelas entranhas. Eles serram as árvores. Isto as fere. Os índios nunca ferem nada, enquanto que os brancos destroem tudo. Explodem rochas e as espalham pelo chão. A pedra diz "Não! Você está me ferindo". Mas o branco não presta atenção. Quando os índios usam pedras, escolhem as menores e arredondadas que servem para a cozinha... Como é que o espírito da terra pode gostar do homem branco?... Onde o branco põe a mão há sofrimento.

T*atanka-ohitika, ou Búfalo Bravo, foi um famoso feiticeiro Sioux da reserva de Standing Rock, como seu pai já havia sido. Nasceu nos arredores de Pollock, Dakota do Norte, e quando estava com setenta e três anos, em 1911, descreveu seu sonho da pedra sagrada. Grandes pedras tinham valor religioso para os Sioux. Nesta passagem, Tatanka-ohitika fala de Wakan tanka, termo sioux que designa a entidade suprema que é a fonte de todas as coisas.* Wakan *significa misterioso, e* tanka, *grande. "A significação exata do termo para os Sioux", explica Frances Densmore (em* Teton Sioux Music*), "é tão difícil de formular como o significado exato da palavra Deus para os cristãos."*[5]

Quando eu tinha dez anos, olhei a terra, os rios, o céu e os animais ao meu redor, e não pude deixar de ver que eles provinham de algum grande poder. Fiquei tão ansioso para entender esse poder que comecei a indagar as árvores e os arbustos. Era como se as flores estivessem me fitando e eu queria perguntar: "Quem fez você?" Eu olhava as pedras co-

bertas de musgo; algumas delas pareciam ter os traços de um homem, mas não podiam me responder. Então tive um sonho, e neste sonho uma pequena pedra redonda apareceu e me disse que o criador de tudo era Wakan tanka, e que, a fim de honrá-lo, eu deveria honrar seus trabalhos na natureza. A pedra disse que minha curiosidade me havia tornado merecedor de ajuda sobrenatural e que, se eu estivesse tratando de uma pessoa doente, deveria pedir seu auxílio, que todas as forças da natureza me ajudariam a encontrar a cura.

É significativo que certas pedras não são encontradas enterradas na terra, mas no topo de elevações. São redondas, como o sol e a lua, e sabemos que as coisas redondas estão relacionadas umas às outras. Coisas semelhantes em sua natureza tornam-se parecidas entre si, e estas pedras jazem ali há muito tempo, olhando para o sol. Muitos seixos e pedras se formam na corrente de um rio, mas estas pedras foram encontradas longe da água e estiveram expostas apenas ao sol e ao vento. A terra contém milhares dessas pedras escondidas abaixo de sua superfície. Diz-se que o Pássaro-Trovão tem a ver com elas. Quando um homem ou animal deve ser punido, o Pássaro-Trovão ataca a pessoa e, se fosse possível seguir o percurso do raio, encontraríamos uma dessas pedras cravadas na terra. Alguns crêem que elas descem com o raio, mas eu acredito que já se encontram na terra e a força do raio as enterra. Em toda a minha vida acreditei nas pedras sagradas. Tenho vivido de acordo com suas exigências e elas têm me ajudado em todos os meus problemas. Tanto quanto possível procurei me qualificar para manuseá-las, embora eu saiba que não sou digno de falar a Wakan tanka. Faço meus pedidos às pedras e elas são minhas intercessoras.

O*kute, ou Atirador, um velho Sioux Teton, falando em 1911 sobre suas crenças religiosas, disse que seu povo acreditava num poder misterioso cuja maior manifestação era a natureza e, dentro dela, o sol. Pássaro Vermelho, da mesma tribo, acrescenta: ''Fazemos sacrifícios ao sol e nossos pedidos são atendidos''.*

Todos os seres vivos e todas as plantas devem sua vida ao sol. Se não houvesse o sol, haveria escuridão e nada cresceria, ficando a terra sem vida. No entanto o sol precisa da ajuda da terra. Se apenas o sol influenciasse os animais e as plantas, o calor seria tão grande que eles morre-

riam. Mas existem as nuvens que trazem a chuva, e a ação combinada do sol e da terra proporciona a umidade necessária à vida. As raízes das plantas se aprofundam, e quanto mais fundo elas vão, mais umidade encontram. Isto obedece às leis da natureza e demonstra a sabedoria de Wakan tanka. As plantas foram criadas por Wakan tanka e cumprem suas ordens, ficando acima do solo a parte que depende do sol e da chuva, e embaixo as raízes em busca da umidade de que precisam. Wakan tanka ensinou aos animais e às plantas o que devem fazer. Ensinou os pássaros a fazerem ninhos, embora nem todos os ninhos sejam iguais. Wakan tanka deu-lhes apenas um modelo. Alguns fazem o ninho melhor do que outros. Do mesmo modo há animais que se contentam com moradas rudimentares, enquanto outros constroem lugares atrativos para viver. Alguns animais também cuidam melhor de sua prole do que outros. A floresta é a casa de muitos pássaros e outros animais, a água é a casa dos peixes e dos répteis. Os pássaros, inclusive os da mesma espécie, não são iguais, e isso acontece também com os animais e os seres humanos. O motivo pelo qual Wakan tanka não fez dois pássaros, animais ou homens exatamente iguais é que cada um foi criado para ser uma individualidade independente e para contar consigo mesmo. Alguns animais vivem no solo. As pedras e os minerais também foram postos no solo por Wakan tanka, uns mais expostos do que outros. Quando um feiticeiro diz que conversa com as pedras sagradas é porque, de todas as substâncias do solo, estas são as únicas que aparecem freqüentemente em sonhos e são capazes de se comunicar com os homens.

Desde minha meninice tenho observado folhas, árvores e ervas, e nunca encontrei duas iguais. Podem ter uma semelhança geral, mas num exame mais minucioso descobrem-se pequenas diferenças. As plantas pertencem a diferentes famílias... O mesmo com os animais... e com os homens. Há um lugar que se adapta melhor a cada um. As sementes das plantas são levadas pelo vento até acharem o lugar onde crescerão melhor — onde a ação do sol e a presença da umidade são mais favoráveis, podendo as sementes se enraizar e se desenvolver. Todos os seres vivos e plantas servem para alguma coisa. Certos animais realizam seu propósito através de atos definidos. Os corvos, falcões e moscas possuem algo de semelhante na sua finalidade, e mesmo as cobras têm uma razão de existir. No passado os animais provavelmente vagavam por uma terra bem mais vasta até encontrarem um lugar adequado. Um animal depende em grande parte das condições naturais em que vive.

Se o búfalo estivesse hoje aqui, seria diferente do búfalo de outrora, porque todas as condições naturais se modificaram. Não encontraria a mesma comida nem o mesmo ambiente. Vemos a mudança em nossos pôneis. Antigamente podiam suportar grandes fadigas e viagens de longo curso sem água. Comiam certo tipo de alimento e bebiam água pura. Agora nossos cavalos precisam de alimento misturado, têm menor resistência e exigem constante cuidado. O mesmo se passa com os índios: são menos livres e vítimas fáceis das doenças. Antigamente eram robustos e saudáveis, bebiam água pura e comiam carne de búfalo, que havia em abundância, antes dos rebanhos começarem a ser dizimados. As águas do Missouri não são mais puras como eram e muitos dos riachos já não servem para beber.

O homem deveria desejar o genuíno e não o artificial. No passado não havia essa mistura de substâncias minerais para fabricar tintas. Havia apenas três cores de substâncias nativas — vermelho, branco e preto. Elas podiam ser obtidas apenas em certos lugares. Quando desejavam outras cores os índios misturavam extratos de plantas, mas sabia-se que essas cores se apagavam e só se conservariam se o vermelho fosse genuíno — o vermelho feito de argila queimada.

N. *Scott Momaday é um índio Kiowa contemporâneo e um ganhador do Prêmio Pulitzer. Ele descreve a seguir parte da peregrinação que fez ao túmulo de sua avó Kiowa.*

Uma colina solitária eleva-se da planície em Oklahoma, ao norte e a oeste dos montes Wichita. Para o meu povo, os Kiowa, é um antigo marco de referência e foi chamado de Montanha Chuvosa. O clima de lá é o mais inclemente do mundo. No inverno há violentas tempestades de neve, ventos quentes de tornados sopram na primavera, e no verão a pradaria é uma ponta de bigorna. A grama torna-se quebradiça e marrom, estalando sob os pés. Há faixas verdes ao longo dos rios e riachos, bosques lineares de nogueiras, salgueiros e hamamélis. A certa distância, em julho ou agosto, a evaporação da folhagem dá a impressão de uma paisagem em chamas. Grandes gafanhotos verdes e amarelos estão por toda a parte na grama alta, saltando como pipoca para picar o alimento, e as tartarugas se arrastam na terra avermelhada, indo não se sabe aonde na vastidão do tempo. A solidão faz parte da paisagem. Tudo

na planície está isolado, não há confusão de objetos na vista, mas somente um morro, ou uma árvore, ou um homem. Olhar essa paisagem de manhã cedo, de costas para o sol, é perder o senso de proporção. Sua imaginação brota para a vida, e ali, você dirá, é onde a Criação começou.

A *relação entre morte e natureza é descrita por Bedagi, ou Grande Trovão, no início de 1900. Bedagi era da Nação Wabanakis, formada por cinco tribos — Passamaquoddy, Penobscot, Micmac, Maliseet e uma tribo agora extinta que vivia junto ao rio Kennebec, no Maine.*

O Grande Espírito é o nosso pai, mas a terra é a nossa mãe. Ela nos alimenta, devolve aquilo que colocamos nela e também nos dá plantas curativas. Se nos ferimos, vamos até nossa mãe e passamos a parte ferida de encontro a ela para que fique curada. Os animais fazem o mesmo, passam os ferimentos de encontro à terra. Quando vamos caçar, não é nossa flecha que mata o alce, por mais potente que seja o arco: é a natureza que o mata. A flecha crava-se no seu corpo e, como todas as coisas vivas, o alce procura nossa mãe para se curar. Ele esfrega o ferimento de encontro à terra e, fazendo assim, enterra mais fundo a flecha. Enquanto isto eu o sigo. Está fora do alcance da vista, mas encosto o ouvido numa árvore da floresta e fico escutando, e escuto quando o alce dá o próximo salto. Ele pára de novo por causa da dor da flecha, esfrega o flanco na terra e enterra ainda mais a flecha. Eu o sigo sempre, escutando aqui e ali com a orelha colada a uma árvore. Cada vez que ele pára e esfrega o flanco a flecha se aprofunda mais e mais, até que, por fim, quando está exausto e me aproximo dele, a flecha pode ter atravessado seu corpo.

N*ascido a 20 de março de 1871, Tatanga Mani, ou Búfalo Andarilho, estava destinado a se tornar um emissário da paz em nome do governo canadense. Índio da tribo Stoney, passou seus primeiros anos em Morley, Alberta, mas logo foi adotado por um missionário branco, John McDougall. Estudou em escolas de brancos, mas jamais deixou de "estudar a natureza". Já idoso, foi convidado pelo governo para uma volta ao mundo como representante do povo índio. Num discurso em Londres, aos oitenta e sete anos de idade, declarou: "Montanhas são sempre*

mais belas que edifícios de pedra, vocês sabem. Viver na cidade é uma existência artificial. Quantas pessoas jamais sentiram o solo real sob os pés, ou viram uma planta crescer a não ser nos vasos, ou se afastaram o suficiente da iluminação urbana para surpreender o encanto de uma noite estrelada. Quando as pessoas vivem longe das paisagens criadas pelo Grande Espírito, logo acabam por esquecer suas leis." Tatanga Mani morreu em 1967.

Éramos um povo sem lei, mas nos dávamos muito bem com o Grande Espírito, criador e legislador de tudo. Vocês, brancos, diziam que éramos selvagens. Vocês não entendiam nossas preces. Nem procuravam entender. Quando cantávamos para o sol, a lua ou o vento, diziam que estávamos adorando ídolos. Sem compreender, nos condenavam como almas perdidas, só porque nossa forma de adoração era diferente da de vocês.

Víamos a obra do Grande Espírito em quase tudo: sol, lua, árvores, vento e montanhas. Às vezes nos aproximávamos Dele através dessas coisas. Havia algum mal? Acho que temos uma crença verdadeira no ser supremo, uma fé mais forte que a da maioria dos brancos que nos chamam de pagãos... Vivendo junto à natureza e do seu criador, os índios não vivem na escuridão.

Vocês sabiam que as árvores falam? Pois é verdade. Falam entre si, e falarão com você se quiser escutar. O problema é que os brancos não escutam. Não aprenderam a escutar os índios, e assim não creio que possam ouvir outras vozes na natureza. Mas eu aprendi um bocado com as árvores: às vezes sobre o tempo, às vezes sobre os animais, às vezes sobre o Grande Espírito.

Todo xamã, líder espiritual dos índios, entoa um canto particular ao convocar os espíritos protetores. Este era o canto de Uvavnuk, uma xamã esquimó, celebrando a alegria de ser movida pela natureza. Para os índios, escreve Nathalie Curtis em The Indian's Book, *"o canto é a respiração do espírito que consagra o ato da vida".* [6]

O grande mar
leva-me à deriva,
arrasta-me

como a erva num grande rio.
A terra e o tempo
me levam,
carregam-me além
e movem as minhas entranhas com alegria.

Para nós, as cinzas de nossos antepassados e o seu lugar de descanso são sagrados.
Chefe Seattle, dos Dwamish, ao entregar suas terras ao governador Isaac Stevens em 1855.

Dirigindo-se a representantes do governo em Warner's Hot Springs, na virada do século, Cecílio Dente-Preto explica por que seu povo não queria entregar suas terras.

Agradecemos por terem vindo aqui conversar conosco de um jeito que podemos entender. É a primeira vez que alguém faz isso. Vocês nos pedem para pensarmos em que outro lugar gostaríamos de viver depois deste, onde sempre vivemos. Estão vendo aquele cemitério? Ali estão nossos pais e nossos avós. Estão vendo aquelas montanhas, Ninho-de-Águia e Toca-de-Coelho? Quanto Deus as criou, Ele nos deu este lugar. Sempre vivemos aqui. Não estamos interessados em nenhum outro lugar... Sempre estivemos aqui. Gostaríamos de morrer aqui, como nossos pais. Não podemos deixá-los. Nossos filhos nasceram aqui — como podemos ir? O melhor lugar do mundo que nos derem não será tão bom quanto este... Este é o nosso lar... Não podemos viver em nenhuma outra parte. Nascemos aqui e nossos pais estão enterrados aqui... Queremos este lugar e nenhum outro...

Não há outro lugar para nós. Não queremos que comprem nenhum outro lugar. Se nos tomarem este, iremos para as montanhas como a codorna e morreremos lá, os velhos, as mulheres e as crianças. Que o governo fique satisfeito e orgulhoso sabendo que pode nos matar. Não iremos resistir. Faremos o que ele mandar. Se não pudermos viver aqui, queremos ir para as montanhas e morrer. Não queremos nenhum outro lar.

Na hora de sua morte, em 1871, Tu-eka-kas, pai de Chefe Joseph dos Nez Percé, adverte seu filho para jamais vender os ossos do pai. Chefe Joseph descreve a morte.

Meu pai me chamou. Vi que estava morrendo. Segurei sua mão e ele disse: "Meu filho, meu corpo está voltando à mãe terra, e meu espírito em breve estará vendo o Chefe Grande Espírito. Quando eu partir, pense na sua terra. Você é o chefe deste povo. Você deve guiá-lo. Lembre sempre que seu pai nunca vendeu sua terra. Tape os ouvidos quando lhe pedirem para assinar um contrato de venda de terra. Mais alguns anos e os brancos terão cercado você. Eles estão de olho nessa terra. Meu filho, nunca esqueça as minhas últimas palavras. A terra conserva o corpo de seu pai. Jamais venda os ossos de seu pai e de sua mãe." Apertei a mão de meu pai e disse-lhe que defenderia seu túmulo com a própria vida. Meu pai sorriu e passou para a terra dos espíritos.

Enterrei-o num belo vale de águas sinuosas. Amo este lugar acima de qualquer outra coisa. Um homem que não ama o túmulo de seu pai é pior do que um animal selvagem.

Chefe Seattle entregou sua terra (onde está hoje localizada a cidade de Seattle) em 1855, no tratado de Port Elliott, seu povo passando a viver confinado numa reserva. Seattle era um índio da família lingüística Salish e foi chefe da tribo Dwamish que habitava a costa noroeste do Pacífico. Ao assinar o tratado dirigiu estas palavras ao governador Isaac Stevens:

Hoje somos poucos. Meu povo se assemelha às árvores dispersas numa planície varrida pelos ventos... Houve um tempo em que cobríamos a terra como as ondas de um mar agitado sobre as conchas da praia. Mas esse tempo há muito se foi, levando a grandeza das tribos, de que resta hoje apenas uma triste memória...

Para nós, as cinzas de nossos antepassados e o seu lugar de descanso são sagrados. Vocês vagueiam longe das sepulturas de seus antepassados e aparentemente não se importam com isso. A religião de vocês foi escrita em tábuas de pedra pelo dedo de fogo de Deus para que não a esquecessem. O Homem Vermelho jamais poderá compreender isso. Nossa religião são as tradições dos antepassados — os sonhos dos velhos, reve-

lados nas horas solenes da noite pelo Grande Espírito, e as visões de nossos chefes. Ela está escrita no coração do povo.

Os mortos de vocês cessam de amar a terra em que nasceram assim que ultrapassam os portais do túmulo e viajam para além das estrelas. São logo esquecidos e não mais retornam. Nossos mortos nunca esquecem o belo mundo que os trouxe à vida...

Quando o último índio houver perecido e a memória de minha tribo se tornar um mito entre os brancos, estas praias estarão repletas com os nossos mortos invisíveis. E quando os filhos dos filhos de vocês se acharem sozinhos no campo, no mercado, no trabalho ou no silêncio dos bosques, eles não estarão sozinhos... À noite, quando as ruas das aldeias e cidades estiverem silenciosas e todos pensarem que estão desertas, estarão apinhadas de espíritos de índios que um dia habitaram e ainda amam esta bela terra. O Homem Branco nunca estará sozinho.

Que ele seja justo e trate bem meu povo, porque os mortos não são desprovidos de poderes. Eu disse, mortos? Não existe morte. Apenas mudança de mundos.

O *seguinte discurso fúnebre é relatado por Jonathan Carver, que viajou pelo interior da América do Norte entre os anos de 1766 e 1768. Carver afirma ter ouvido o discurso diretamente dos índios (talvez os Naudowessy). Como a maioria das orações fúnebres, esta também exalta as virtudes do falecido, mas com uma eloqüência pouco usual. Os parentes costumavam sentar-se ao redor do corpo, discursando cada um por vez; se o morto era um grande guerreiro, contava-se seus feitos heróicos.*

Tu ainda está entre nós, irmão, tua pessoa conserva a aparência de sempre e continua igual à nossa, sem deficiência visível, exceto a de ter perdido o poder de ação. Mas por que se esgotou o alento, com que há poucas horas mandava teu sopro ao Grande Espírito? Por que os lábios silenciam, eles que nos brindavam com uma linguagem agradável e expressiva? Por que os pés, mais velozes que o veado na montanha, já não se movem? Por que pendem inúteis esses braços que podiam escalar a árvore mais alta e vergar o arco mais duro? Ai de nós! Cada parte deste corpo que contemplávamos com admiração e espanto tornou-se agora inanimada como estava a trezentos invernos atrás. Mas não iremos nos lamentar como se estivesses perdido para sempre e teu nome condenado

ao esquecimento; tua alma ainda vive no grande país dos Espíritos com aquelas que partiram antes de ti; e, embora tenhamos ficado para trás para perpetuar tua fama, um dia haveremos de nos encontrar. Movidos pelo respeito te amparamos em vida, agora queremos te ofertar o último ato de amor que está em nosso poder ofertar: que o teu corpo não fique abandonado na planície, tornando-se presa dos animais do campo ou das aves; tomaremos o cuidado de colocá-lo junto a teus antepassados; esperando, ao mesmo tempo, que o teu espírito se alimente com os espíritos deles e esteja pronto a nos receber quando nós também chegarmos no grande País das Almas.

William Warren nasceu em maio de 1825, filho de mãe índia Ojibway e pai branco. Sua árvore genealógica revelou que era descendente de Richard Warren, um dos pioneiros do Mayflower *que aportou em Plymouth em 1620. Na infância foi educado à maneira índia. Em 1842 casou-se e mudou-se para onde é hoje Minnesota, ali trabalhando como intérprete do governo. Em 1851 foi eleito para a Câmara de Deputados de St. Paul. Quase à mesma época começou a escrever para* The Minnesota Democrat *sobre folclore e lendas indígenas. Fascinado pelas tradições e histórias dos "velhos", gastou tempo visitando-os em lugares remotos. Eles também vinham procurá-lo. Um assíduo visitante era o famoso chefe dos Pillager, Esh-ke-bug-e-coshe, ou Boca Lisa, que se referia a Warren como "neto". Warren morreu quando tinha apenas vinte e oito anos, logo após terminar uma história de seu povo, baseada nas tradições Ojibway e depoimentos orais. A passagem a seguir descreve os "felizes territórios de caça" dos índios.*

Quando um Ojibway morre, seu corpo é colocado numa sepultura, geralmente sentado e voltado para oeste. Com o corpo são enterrados todos os objetos necessários em vida para uma viagem. Se o morto é homem, sua arma, cobertor, chaleira, fuzil e pederneira, e mocassins; se mulher, seus mocassins, machado, colar, cobertor e chaleira. Acredita-se que a alma parte imediatamente após a morte do corpo, seguindo um longo caminho de terra batida para oeste; a primeira coisa que aparece neste caminho é o grande Oda-e-min (Grão do Coração), ou morango, sobre uma pedra imensa à beira da estrada, do qual o morto se serve e come na sua jornada. Ele continua a viagem até alcançar um riacho de

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL
RUI BARBOSA

águas rápidas e profundas, sobre a qual se estende a muito temida Ko-go-gaup-o-gun, ou Ponte-que-treme-e-desaba; tendo-a atravessado a salvo, o viajante olha para trás e ela assume o aspecto de uma enorme serpente, flutuando e ondulando sobre o riacho.

Depois de acampar quatro noites e viajar o dia todo por uma campina, a alma chega na terra dos espíritos, onde encontra seus parentes reunidos desde que a humanidade foi criada; todos estão alegres, cantando e dançando; vivem num belo país com arroios e lagos limpos, florestas e campos, frutos e caça em abundância — enfim, tudo o que o índio mais ambiciona na vida e é a fonte maior de sua felicidade. Uma espécie de paraíso, que ele, por seu jeito de viver na terra, merece gozar.

Antes de conversar sobre coisas sagradas, preparamo-nos por meio de oferendas... um encherá o cachimbo e passará a outro que o acenderá, oferecendo-o à terra e ao céu... depois fumarão juntos... Só então estarão prontos para conversar.

Mato-Kuwapi, ou Caçado pelos Ursos, um Sioux Santee-Yanktonai.

O*hiyesa, o médico e escritor Dakota Santee, fala em 1911 sobre o modo de seu povo rezar.*

Na vida de um índio há apenas uma única obrigação inevitável — a obrigação de rezar, o reconhecimento diário do Invisível e do Eterno. As orações lhe são mais necessárias que a comida. Ele acorda ao alvorecer, põe os calçados e caminha até a fonte. Lava o rosto com água limpa e fria ou mergulha por inteiro. Após o banho, fica de pé diante da claridade da aurora, olhando o sol que dança no horizonte, e oferece em silêncio sua oração. A companheira pode precedê-lo ou segui-lo neste ritual, mas jamais acompanhá-lo. Cada alma deve encontrar-se sozinha com o sol da manhã, a terra nova e suave e o Grande Silêncio!

Durante o dia, sempre que o caçador depara-se com uma cena especialmente bela ou sublime — uma nuvem negra com um arco-íris brilhante sobre a montanha; uma cachoeira branca no coração de um desfiladeiro verde; uma vasta pradaria avermelhada ao pôr-do-sol — ele

pára por um instante em atitude de oração. Não vê necessidade de separar um dia da semana como o dia sagrado, já que para ele todos os dias são de Deus.

Este depoimento de um velho sábio Dakota, feito por volta de 1890, mostra como as múltiplas formas de vida participavam no culto religioso dos índios. A busca de unidade transparece por toda a parte.[7]

Tudo o que se move precisa, de quando em quando, aqui e ali, fazer paradas. O pássaro suspende o vôo num lugar para fazer o ninho e num outro para descansar. Um homem caminhando interrompe sua marcha quando quer. Assim o deus também parou. O sol, tão belo e brilhante, é um lugar onde o deus parou. Do mesmo modo a lua, as estrelas e os ventos. As árvores e os animais estão aonde ele parou. O índio pensa nesses lugares e faz suas preces para alcançar o lugar onde o deus parou, para pedir sua ajuda e sua bênção.

Mato-Kuwapi, ou Caçado pelos Ursos, fala da dança do sol e do significado de Wakan tanka para os índios, pouco antes de sua morte em 1915. Mato-Kuwapi participou pela primeira vez da dança em 1867, aos vinte e quatro anos, quando "prestou juramento" como guerreiro. Nas danças do sol os participantes tinham os braços ou músculos dorsais perfurados, eram suspensos em estacas ou amarrados nos chifres de um búfalo, conforme a natureza dos seus juramentos.

A dança do sol é tão sagrada para nós que raramente falamos dela... A mutilação dos corpos em obediência a um juramento nesta dança é diferente de sofrimentos corporais que as pessoas padecem por outros motivos e as deixam deprimidas. O corpo de um homem é seu, e quando ele dá seu corpo ou sua carne está dando a única coisa que realmente lhe pertence... Se um homem diz que dará um cavalo a Wakan tanka, está apenas dando o que já é dele. Eu poderia oferecer tabaco ou outras coisas na dança do sol, mas, se possuísse e guardasse comigo o melhor, ninguém me levaria a sério. Devo dar alguma coisa realmente de valor para mostrar que estou inteiro na menor das oferendas; por isso eu ofereço o meu corpo.

Uma criança acredita que apenas a ação de uma pessoa maldosa pode causar a dor, mas na dança do sol reconhecemos primeiro a bondade de Wakan tanka, para depois sofrermos em troca do que ele fez por nós. Até hoje nunca entrei numa igreja cristã. Conservo comigo a velha crença.

Quando um homem realiza uma obra admirada por todos dizemos que é maravilhosa; mas quando vemos as mudanças do dia e da noite, o sol, a lua e as estrelas no céu, e a passagem das estações na terra, amadurecendo seus frutos, percebemos que é obra de alguém mais poderoso do que o homem. Maior do que tudo é o sol, sem o qual não poderíamos viver...

Falamos a Wakan tanka e é certo que ele nos ouve, ainda que isto seja difícil de explicar. É uma crença geral dos índios que, depois que um homem morre, seu espírito encontra-se em algum lugar na terra ou no céu; não sabemos exatamente aonde, mas temos certeza de que seu espírito ainda vive. Às vezes as pessoas pensam que, se os espíritos podem falar aos homens, deveriam aparecer para os amigos após a morte. Mas eles nunca voltam para falar conosco, a não ser nos sonhos. O mesmo se passa com Wakan tanka. Acreditamos que está por toda a parte, embora seja como os espíritos de nossos amigos, cujas vozes não podemos escutar.

T*odo ato significativo na vida diária dos Kwakiutl, índios da Columbia Britânica (Canadá), tinha uma oração e um ritual próprios. Erna Gunther, num ensaio sobre a Cerimônia do Salmão* (Further Analysis of the First Salmon Ceremony), *dá um exemplo: "O pescador pega quatro salmões prateados, do mesmo modo que o canoeiro atira quatro lascas de madeira atrás da árvore, porque os Kwakiutl, como os Tsimshian, consideram o quatro seu número ritual. Há uma fórmula bem definida para essas orações. O animal ou planta a que se dirige o crente é chamado 'Amigo, Ser Sobrenatural'. Agradece-se a ele por dar sua substância. Pede-se que proteja o crente da doença e da morte. Tanto o canoeiro como o pescador de salmão fazem a oração da mesma maneira". O texto abaixo, que data de 1900 e foi traduzido por Franz Boas, sugere a persistência desse ritual, que se desenvolve freqüentemente, como no exemplo de Gunther, em torno do uso de quatro elementos.*[8] *Começa com o*

relato de um canoeiro que, estando prestes a derrubar uma árvore, toma quatro lascas de madeira e atira delas ao pé da árvore, dizendo:

"Ó ser sobrenatural! Agora obedece ao teu poder sobrenatural!" Atirando uma segunda lasca, ele diz: "Ó amiga! Teu chefe manda-te virar a cabeça e cair para lá". Atira uma terceira e diz: "Ó doadora da vida! Viste para onde vai teu poder sobrenatural. Agora segue o mesmo caminho". Por fim atira a última, dizendo: "Ó amiga, vai para onde o cerne da madeira cai. Pousa o teu rosto no mesmo lugar". Depois disto, ele mesmo responde pela árvore: "Sim, deixo-me cair com a minha copa".

Quando uma mulher corta as raízes de um cedro jovem, reza assim: "Olha para mim, amigo! Venho pedir tua roupa, pois sei que tens piedade de nós; pois não há nada para o qual não possas ser usado ou para o que não possamos te usar; é o teu destino; pois tu queres realmente dar a roupa para nós. Faço este pedido, ó doador da longa vida, porque quero fazer um cesto com as tuas raízes. Não fica zangado, amigo, por isto que vou te fazer, e imploro que contes aos teus amigos o que pedi. Cuida de mim, amigo! Não deixa que eu venha a morrer de doença ou na guerra, ó amigo!"

H*ehaka Sapa, ou Alce Negro, pertencia ao grupo Oglala dos índios Teton Dakota, um dos ramos mais poderosos da família Sioux. Nasceu "na Lua das Árvores-que-estalam (dezembro), na pequena localidade de Powder River, quando os Quatro Corvos foram mortos, no inverno de 1863". Aparentado com o grande chefe, Cavalo Louco, chegou a conhecer Touro Sentado e Nuvem Vermelha, estando bem informado sobre o tempo em que seu povo vagava pelas Planícies. Também participou da batalha de Little Big Horn.*[9] *Em idade mais avançada, viajou com Buffalo Bill à Itália, França e Inglaterra, onde dançou perante a rainha Vitória. Alce Negro possuía singular dote espiritual reconhecido por todos, tendo sido, na juventude, instruído nas tradições sagradas de seu povo pelos grandes pajés. Seu pai foi feiticeiro e vários de seus irmãos também. Passou os últimos dias de sua vida na reserva de Pine Ridge, em Dakota do Sul. O trecho abaixo foi extraído de sua autobiografia, ditada a Arco-Íris Chamejante em 1930-31. A forma do círculo, referida*

aqui por Alce Negro e em vários dos textos seguintes, tinha um significado fundamental na vida dos índios.[10]

Vocês já perceberam que tudo o que um índio faz está dentro de um círculo, isto porque o Poder do Mundo trabalha sempre em círculos e as coisas todas tentam ser redondas. Nos velhos dias, quando ainda éramos um povo forte e feliz, o nosso poder provinha do anel sagrado da nação, e enquanto este anel manteve-se intato o povo floresceu. A árvore florida era o centro vivo do anel e o círculo dos quatro quadrantes a alimentava. O leste trazia a paz e a luz; o sul, o calor; o oeste, a chuva; e o norte, com seu vento rijo e frio, trazia a força e a paciência. Este conhecimento foi a religião que nos trouxe do mundo exterior. Tudo o que o Poder do Mundo faz é feito em círculo. O céu é redondo e ouvi dizer que a terra é redonda como a bola, e as estrelas também. O vento, no seu máximo poder, rodopia. Os pássaros constroem ninhos em círculos, pois a religião deles é igual à nossa. O sol vem e vai num círculo, como a lua, e ambos são redondos.

Mesmo as estações formam um grande círculo em suas mudanças, voltando sempre ao ponto em que estiveram. A vida de um homem é um círculo de infância a infância, e assim em tudo o que o poder move. Nossas tendas eram redondas como os ninhos dos pássaros e dispostas em círculo, o anel da nação, um ninho de muitos ninhos que o Grande Espírito nos deu para gerar nossos filhos.

O *Canto do Profeta é narrado e cantado aqui por Tatanka-Ptecila, ou Touro Pequeno — pajé, profeta e feiticeiro. Era venerado por seu povo, os Dakota Sioux, como autor de grandes milagres. Foi também um dos primeiros seguidores de Wovoka, que fundou a religião da dança dos fantasmas. "Não lute... você não deve lutar", era um dos preceitos de Wovoka. Touro Pequeno trouxe para o seu povo esses preceitos e a dança. Também criou uma "roupa do fantasma" enfeitiçada, que protegeria os índios das balas do homem branco. Foi um grande líder do seu povo.*

A tribo sempre acampava em círculo, e no meio do círculo havia um lugar chamado Hocoka, o centro.

Antes dos guerreiros saírem para a guerra, o profeta ou pajé erguia

uma tenda e sentava-se ali sozinho, sondando o futuro e tendo as visões do que aconteceria. Os homens traziam-lhe oferendas, e ele preparava sortilégios e amuletos para os proteger na guerra.

Então, antes de partirem os batedores, todos se reuniam no centro do acampamento e sentavam-se em círculo aguardando o profeta. Ele vinha, entoava uma canção sagrada e entregava aos guerreiros os amuletos que fizera, revelando a cada um o seu destino.

Há o canto de profecia que ele cantava. Na parte final desse canto, em que hoje só se articulam sons sem sentido, o profeta anunciava a cada guerreiro sua sorte nos combates. Canta-se esta canção quando a tribo vai à guerra, pouco antes dos batedores saírem à procura do inimigo.

CANÇÃO DO PROFETA

Neste círculo
Ō guerreiros
Eu decifro
Seus futuros.
Revelado
Aqui está
Neste círculo:
Escutai!

Não achamos que as grandes planícies abertas, que os montes curvos ou que os riachos sinuosos e emaranhados sejam "selvagens". Só para o homem branco a natureza é "selvagem", só para ele a terra estava infestada de animais e pessoas "selvagens". Para nós era inofensiva. A terra era generosa e estávamos cercados de bênçãos do Grande Mistério. Até que o homem peludo do leste chegasse, e com brutal furor amontoasse injustiças sobre tudo o que amávamos, não havia "selvagem" para nós. Mas quando os próprios animais da floresta começaram a fugir à sua chegada, o "Oeste Selvagem" passou de fato a existir.

Urso-em-pé, chefe dos Sioux Oglala.



Touro Sentado.

CAPÍTULO II

O homem peludo do leste

Quero que todos saibam que não estou disposto a vender parte alguma de minha terra, nem quero os brancos cortando nossas árvores ao longo dos rios, sobretudo o carvalho. Tenho uma predileção especial pelos pequenos bosques de carvalhos. Gosto de olhar para eles, porque suportam as tempestades de inverno e os calores do verão, e — da mesma forma que nós — parecem florescer por causa disso.

Tatanka Yotanka, ou Touro Sentado, guerreiro Sioux.

U*m chefe índio Gaspesian (atualmente Micmac), no ano de 1676, dirige-se a um grupo de capitães franceses na Nova Escócia, rebatendo suas afirmações sobre a superioridade da civilização francesa.*

Vocês nos censuram injustamente, alegando que nosso país é um pequeno inferno na terra em contraste com a França, um paraíso terrestre, já que possui — como dizem — todo tipo de provisão em abundância. Também afirmam que somos os mais miseráveis e infelizes dos homens, vivendo sem religião, sem educação, sem honra, sem ordem social — numa palavra, sem regras, como os animais dos bosques e florestas, privados de pão, vinho e uma infinidade de outros confortos que são comuns na Europa. Bem, irmãos, se ainda não sabem o que os índios realmente pensam do vosso país e das vossas nações, eu vou dizer agora.

Peço que acreditem — por mais que pareçamos miseráveis aos olhos de vocês — que nos julgamos muito mais felizes, porque nos contentamos com o pouco que temos. Vocês se decepcionarão enormemente se pensam em nos convencer de que vosso país é melhor do que o nosso. Se a França fosse um paraíso terrestre como estão dizendo, seria

sensato deixá-la? Por que abandonariam mulheres, filhos, parentes e amigos? Por que arriscariam a vida e as propriedades? E por que se entregariam, com todos esses perigos, às tempestades e tormentas no mar, a fim de chegar a uma terra estranha e bárbara que consideram a mais pobre e menos afortunada do mundo? Quanto a nós, que estamos convencidos do contrário, dificilmente iríamos à França, pois temos boas razões para acreditar que lá encontraríamos pouca satisfação, visto que os próprios franceses a abandonam para vir enriquecer em nossas praias. Além disso acreditamos que vocês são incomparavelmente mais pobres do que nós, e não passam de simples operários, criados, servos e escravos, ainda que aparentem ser grandes senhores e capitães, pois vemos que se glorificam em nossos velhos trapos, vestindo as miseráveis peles de castor que já nem mais usamos, da mesma forma que vêm pescar conosco o bacalhau para encontrar o sustento e o conforto à miséria e à pobreza que os oprime. Nós, em contrapartida, encontramos todas as riquezas e comodidades entre nós mesmos, sem confusão, sem expor nossas vidas aos perigos que enfrentam constantemente em suas longas viagens. E se, de um lado, nos compadecemos de vocês na doçura de nosso repouso, de outro ficamos espantados com as atribulações que passam, dia e noite, a fim de carregar seus navios. Percebemos que vocês vivem, de um modo geral, apenas do bacalhau que pescam. Eternamente bacalhau — de manhã, ao meio-dia, à noite, sempre bacalhau. A tal ponto que, se querem comer algo melhor, é às nossas custas. Pois vocês são obrigados a recorrer aos índios, que tanto desprezam, e a acompanhá-los nas caçadas, das quais tiram proveito. Agora digam-me apenas isto, se ainda possuem bom senso: qual dos dois é o mais sábio e o mais feliz — o que trabalha sem cessar e só consegue, com muito esforço, o bastante para sobreviver, ou aquele que descansa na tranqüilidade e tem tudo o que precisa no prazer da caça e da pesca?

É verdade que jamais fabricamos o pão e o vinho que a vossa França produz. Antes, porém, da chegada dos franceses a esta terra, não viviam os Gaspesian muito mais do que agora? Se já não temos nenhum daqueles velhos de 130 a 140 anos é porque vamos adotando aos poucos vossa maneira de viver. A experiência mostra que os mais longevos dentre nós são aqueles que dispensam o pão, o vinho e a aguardente de vocês, contentando-se com a alimentação natural de castor, veado, ave aquática e peixe, conforme os costumes dos nossos ancestrais e de toda a nação Gaspesian.Saibam, portanto, de uma vez por todas, quero abrir

meu coração a vocês, irmãos: não há um índio sequer que não se considere infinitamente mais feliz e mais saudável que os franceses.

Adario, chefe Huron no século XVII, era também conhecido por Kondiaronk (seu nome índio) e O Rato (como lhe chamavam os franceses). Possuía grande reputação de bravura e sagacidade, e teve participação destacada na Guerra do Frontenac (1689 — 1697) — uma série de conflitos entre franceses e ingleses, e entre os franceses com seus aliados índios e os Iroqueses. Sua habilidade diplomática e em confederar as tribos fez dele um aclamado pacificador. Morreu em Montreal durante uma importante conferência de paz em 1701. Adario viajou muito: "Estive na França, em Nova Iorque e em Quebec — disse ele — estudando os costumes e as doutrinas dos ingleses e franceses". O seguinte discurso foi feito por Adario diante do barão de Lahontan, um explorador francês, e do governador da colônia francesa de Placentia, na Terra Nova, Canadá. Lahontan havia acabado de dizer a Adario que, sem punir os maus e premiar os bons, o crime se espalharia por toda a parte e o homem branco em breve se tornaria o povo mais miserável da terra. Adario responde, dizendo como vê as leis do homem branco.

Não, vocês já são bastante miseráveis, não vejo como possam se tornar ainda mais. Que espécie de homens são os europeus? Que espécie de valores cultivam? Os europeus, forçados a fazer o Bem e não podendo evitar o Mal a não ser pelo medo da Punição... Se lhe perguntasse o que é um homem, você me responderia: "É um francês". No entanto posso provar que seu Homem é muito mais um Castor. Porque o Homem não merece este nome por saber andar sobre duas pernas, ou por saber ler e escrever, ou por exibir mil outros sinais de sua inteligência...

Quem lhes deu as terras que agora habitam? Com que direito as possuem? Elas sempre foram dos Algonkin. Na verdade, meu irmão, sinto pena de você do fundo de minha alma. Ouça o meu conselho e torne-se um Huron. Pois vejo uma enorme diferença entre sua condição e a minha. Eu sou senhor do meu próprio corpo, disponho absolutamente de mim mesmo, faço o que eu quero, sou o conjunto da minha nação, não temo nenhum homem e só dependo do Grande Espírito. Enquanto que o seu corpo, como a sua alma, estão condenados à dependência dos seus superiores, às ordens do vice-rei. Você não tem a liber-

dade de fazer o que pensa, tem medo de ladrões, assassinos, falsas testemunhas, etc., e depende de uma infinidade de pessoas que estão acima de você. É verdade ou não é?

Chefe Curly, um índio Pawnee, relata um dos primeiros contatos entre seu povo e os europeus, entre 1800 e 1820.

Ouvi dizer que houve um tempo, há muito tempo, em que só havia índios nesta terra. Depois se ouviu falar de homens que tinham a pele branca; haviam sido avistados a leste. Antes de eu nascer, vieram à nossa terra e nos visitaram. O homem que veio era do governo. Queria fazer um tratado conosco e nos trouxe presentes, cobertores, espingardas, pederneiras, ferro e facas.

Nosso chefe disse a ele que não precisávamos de nenhuma daquelas coisas. "Temos o búfalo e o milho, que o Soberano nos deu, e é tudo o que precisamos. Veja esta roupa: ela me aquece no inverno. Não preciso de cobertor", ele falou.

O homem branco trazia consigo algumas reses e o chefe Pawnee disse: "Solte um novilho aqui no campo!" Quando a rês foi solta, o chefe disparou uma flecha que a atingiu no quarto dianteiro, matando-a. "Viu como a flecha mata?" — disse o chefe. "Não preciso de suas espingardas." Em seguida pegou uma faca de pedra e esfolou o animal, cortando um naco de carne gorda. Ao fazer isso, disse: "Por que usar suas facas? O Soberano deu-me com que cortar".

Tomando enfim as madeiras de acender fogo, fez uma fogueira para assar a carne e, enquanto ela cozinhava, falou: "Você está vendo, meu irmão, que o Soberano nos deu tudo o que precisamos para obter a carne ou cultivar a terra. Agora volte ao lugar de onde veio. Não queremos seus presentes e também não o queremos aqui."

O chefe de um dos principais grupos de índios Pés-Pretos rejeita os valores monetários do homem branco, respondendo aos delegados norte-americanos que lhe pedem para assinar um dos primeiros contratos de venda de terra na região de Milk River, perto da fronteira norte-noroeste de Montana.

Nossa terra vale mais do que seu dinheiro. Ela irá durar para sempre. Nem mesmo as chamas do fogo poderão destruí-la. Enquanto o sol brilhar e as águas correrem, ela continuará aqui dando vida aos homens e aos animais. Não podemos vender as vidas dos homens e dos animais; portanto, não podemos vender essa terra. Foi o Grande Espírito que a destinou para nós e não podemos vendê-la porque não nos pertence. Vocês podem contar seu dinheiro e guardá-lo no chifre de um búfalo,[11] mas só o grande Espírito pode contar os grãos de areia e as folhas de grama desta planície. Nós daremos de presente o que quiserem. Mas a terra, jamais.

A *orgulhosa tribo dos Nez Percé (Nariz Furado) era chefiada por um homem notável chamado Hin-mah-too-yah-lat-kekht, ou Trovão-das-Alturas-Sublimes-da-Montanha, ou apenas Chefe Joseph, referido anteriormente numa passagem em que descreve a morte do pai. Seu amor pela terra natal era inesgotável, e Chefe Joseph perseverava no esforço de permanecer nos vales e montanhas em que havia nascido. Neste trecho ele deixa claro (como costumava fazer) seus sentimentos com relação à propriedade da terra.*

A terra foi criada com o auxílio do sol e deveria ser deixada como está... O campo foi feito sem linhas de demarcação e não compete ao homem demarcá-lo... Vejo os brancos por toda a parte buscando riquezas, e vejo que querem nos dar terras sem valor... A terra e eu somos uma coisa só. A medida da terra e a medida de nossos corpos é a mesma. Digam-nos, se puderem, que o Poder Criador os enviou para falar conosco. Vocês talvez pensem que foram enviados para fazer de nós o que bem entenderem. Se eu achasse que foi o Criador quem os mandou, consentiria que vocês têm direitos sobre mim. Não interpretem mal meu sentimento de amor à terra. Eu nunca disse que a terra era minha para fazer com ela o que eu quisesse. O único com direito a dispor da terra é aquele que a criou. O que exijo é o direito de viver em minha terra e lhes concedo o privilégio de viverem na de vocês.

S*mohalla, fundador da religião do sonhador, nasceu entre 1815 e 1820 e pertencia aos Sokulk, pequena tribo dos Nez Percé que vivia em Priest Rapids, margem oriental do rio Columbia, no Estado de Washington. Smohalla destacou-se como guerreiro, começando a pregar por volta*

de 1850. Rejeitava firmemente a civilização e os ensinamentos do homem branco. Sua religião do sonhador era um retorno às concepções nativas, particularmente as da Terra-Mãe benigna, os sonhos sendo a única fonte de poder sobrenatural.[12] *O texto a seguir mostra alguns aspectos da doutrina, que atraiu muitos adeptos, entre os quais Chefe Joseph e seus Nez Percé.*

Meus jovens não devem trabalhar. Os homens que trabalham não podem sonhar, e a sabedoria nos vem através dos sonhos.

Vocês me pedem para lavrar a terra. Devo então pegar uma faca e enterrá-la no peito de minha mãe? Assim, quando eu morrer, não poderei entrar em seu seio para descansar.

Vocês me pedem para cavar à procura de pedras. Devo então rasgar-lhe a pele para arrancar seus ossos? Assim, quando eu morrer, não poderei entrar em seu corpo para nascer de novo.

Vocês me pedem para cortar o capim, fazer o feno, vendê-lo e ficar rico como o homem branco. Mas como posso cortar os cabelos de minha mãe?

N*o dia 17 de junho de 1744, representantes do governo de Maryland e Virgínia negociaram um tratado com os índios da Confederação das Seis Nações, em Lancaster, Pensilvânia. Os índios foram convidados a enviar seus filhos para estudar nos colégios de brancos. No dia seguinte recusaram a oferta, com estas palavras:*

Sabemos que têm em alta conta o tipo de ensino praticado nesses colégios e que a instrução de nossos jovens seria muito dispendiosa para vocês. Estamos certos de que sua proposta visa o nosso bem e agradecemos de todo o coração. Mas vocês bem sabem que diferentes povos têm diferentes concepções a respeito das coisas e, portanto, não nos levarão a mal se dissermos que nossas idéias sobre educação não coincidem com as suas. Tivemos experiências delas. Alguns de nossos jovens foram no passado estudar em colégios das províncias do Norte. Aprenderam todas as ciências. Mas quando voltaram para casa, tinham se tornado maus andarilhos, ignorantes dos meios de se viver nos bosques... não serviam

para caçadores nem para guerreiros, nem para conselheiros. Estavam muito bem preparados... para nada.

Estamos, porém, sensibilizados com a oferta que nos fazem, embora não possamos aceitá-la. E para demonstrar nossos sentimentos de gratidão, se os cavalheiros da Virgínia nos mandarem uma dúzia de seus filhos para educá-los, nós cuidaremos deles, haveremos de ensinar-lhes tudo o que sabemos, e faremos deles Homens de verdade.

Sa-go-ye-wat-ha, ou Jaqueta Vermelha, chefe Seneca e grande orador da Confederação das Seis Nações, nasceu em 1750 na atual localidade de Geneva, Estado de Nova Iorque. Em 1805, um jovem missionário chamado Cram foi enviado pela Sociedade Evangélica Missionária de Massachusetts às terras dos Iroqueses, para catequisar os índios. Um conselho realizou-se em Buffalo, Nova Iorque, e Jaqueta Vermelha deu a seguinte resposta a Cram, explicando por que não queria que o missionário ficasse com eles. N.B. Wood, em Lives of Famous Indian Chiefs, *conta que Jaqueta Vermelha, após o discurso, estendeu a mão ao missionário. Cram rejeitou-a, dizendo: "Não há amizade entre a religião de Deus e a do Diabo". Segundo Wood, os índios sorriram e retiraram-se pacificamente.*

Amigo e irmão: Foi a vontade do Grande Espírito que nos reuniu hoje aqui. Ele dispõe de todas as coisas e preparou um belo dia para o nosso conselho. Tomou suas vestes do sol e as fez brilhar sobre nós. Por tudo isso agradecemos ao Grande Senhor, e *apenas* a Ele!

Irmão, foi você que acendeu a chama deste conselho. Atendendo ao seu pedido é que viemos aqui. Ouvimos com alegria o que nos disse. Pediu que falássemos livremente e isto nos dá grande alegria, pois agora estamos prontos a dizer o que pensamos. Todos escutamos sua voz e podemos falar como uma só pessoa. Nossas mentes estão de acordo.

Ouça, irmão, o que temos a dizer. Houve um tempo em que nossos avós possuíam esta grande ilha. Suas terras estendiam-se do nascer ao pôr-do-sol. O Grande Espírito as havia dado aos índios. Havia criado também o búfalo, o veado e outros animais para alimento. Fizera o urso e o castor. Suas peles nos serviam de roupa. Haviam sido dispersados e ele nos ensinou como pegá-los. O Grande Espírito ordenou que a terra produzisse trigo para o pão. Fez tudo isso para os seus filhos peles-

vermelhas porque os amava. Se às vezes havia disputas por territórios de caça, costumavam se resolver sem muito derramamento de sangue. Mas um dia o mal desceu sobre nós. Os brancos cruzaram o grande oceano e aportaram aqui. Vinham em pequeno número e foram recebidos como amigos, não como inimigos. Disseram-nos que haviam saído de seu país por causa dos homens maus e tinham vindo aqui praticar sua religião . Pediram-nos um pequeno pedaço de terra. Tivemos compaixão e atendemos o que pediam, deixando que sentassem à nossa mesa. Oferecemos trigo e carne. Em troca eles nos deram veneno (rum)...

Irmão, nossa terra já foi larga e a de vocês pequena. Agora tornaram-se um grande povo e nós mal encontramos lugar para estender um cobertor. Vocês nos tiraram a terra, mas não estão satisfeitos; querem ainda impor sua religião sobre nós.

Continue a escutar, irmão. Você disse que veio nos ensinar a louvar e agradar o Grande Espírito; e que se não seguirmos a religião que os brancos pregam seremos infelizes para sempre. Você acha que está certo e que nós estamos errados. Mas como saber que isso é verdade? Sua religião está escrita num livro. Se ela foi criada para todos, por que o Grande Espírito não nos deu — e não apenas a nós, mas aos nossos avós — o conhecimento deste livro e os meios de interpretá-lo corretamente? Sabemos somente o que você nos diz. Mas como saber em quem acreditar, nós que já fomos tantas vezes enganados pelos brancos?

Irmão, você diz que há só uma maneira de louvar e servir ao Grande Espírito. Mas se existe uma só religião, por que os brancos divergem tanto a respeito dela? Por que não estão todos de acordo se lêem o mesmo livro?

Não entendemos essas coisas, irmão. Contam-nos que sua religião foi dada aos seus avós e passada de pai para filho. A nossa também foi dada aos nossos antepassados e chegou até nós. Ela ensina a agradecer os favores que recebemos, a amar os outros e a permanecer unidos. Jamais discutimos por causa de religião, porque é um assunto que concerne a cada homem e ao Grande Espírito.

Irmão, não queremos destruir sua religião nem tirá-la de você; queremos apenas continuar com a nossa.

Irmão, soubemos que anda pregando para os brancos deste lugar. Essas pessoas são nossos vizinhos. Estamos familiarizados com eles. Esperaremos um pouco e observaremos o efeito de sua pregação sobre eles.

Se percebermos que os torna melhores, mais honestos e menos dispostos a enganar os índios, voltaremos a considerar o que nos disse.

Irmão, você ouviu nosso discurso e é tudo o que temos a dizer no momento. Antes de partir, queremos apertar sua mão, desejando que o Grande Espírito o proteja em sua jornada e o faça regressar em segurança aos seus amigos.

A *oposição de Jaqueta Vermelha ao cristianismo manifestava-se freqüentemente. Certa vez, referindo-se ao tolo missionário Cram, brincou: "Os brancos, não contentes com os erros que já pregaram, querem continuar martelando suas doutrinas interminavelmente".* [13] *Quando lhe perguntaram, em 1824, por que se opunha aos missionários, Jaqueta Vermelha respondeu:*

Eles não nos fazem bem. Se para os próprios brancos não são úteis nem lhes fazem bem, por que enviá-los aos índios? E se forem úteis aos brancos e lhes fizerem bem, por que não ficam em casa? Eles (os brancos) parecem ser bastante maus para precisarem do trabalho de alguém que tenta melhorá-los. Esses homens (os missionários) sabem que não compreendemos sua religião. Não podemos ler seu livro. Eles dizem-nos o que contém, mas acreditamos que o adaptam às suas conveniências. Se não tivéssemos terras nem riquezas para nos surrupiarem, esses "urubus" não se importariam nem um pouco com a nossa sorte. O Grande Espírito não nos punirá por aquilo que não conhecemos. Será justo conosco. Esses "urubus" falam ao Grande Espírito e pedem que os ilumine, quando estão cegos e discutem sobre a luz que os guia. Não compreendemos essas coisas. A luz que nos dão faz o caminho reto e plano de nossos pais ficar escuro e triste. Os "urubus" nos mandam trabalhar e plantar milho, mas eles mesmos não fazem nada, e morreriam de fome se alguém não viesse alimentá-los. Tudo o que fazem é rezar ao Grande Espírito. Mas isso não faz crescer o milho nem as batatas. Se fizesse, por que recorrem a nós e aos outros brancos? Os índios viviam em paz até chegar o homem branco; assim que cruzou o grande oceano, quis a nossa terra, ensinando-nos em troca a discutir sobre sua religião. Jaqueta Vermelha não pode ser amigo dessa gente. Se os índios agirem como os brancos, aprendendo a trabalhar e a ler como eles, isto só tornará pior sua situação... Somos poucos e fracos, mas podemos ser felizes por

BIBLIOTECA P[illegible] MUNICIP
RUI [illegible]

muito tempo ainda se nos apegarmos com firmeza à terra e à religião de nossos pais.

Chefe Falcão Voador, um índio Sioux Oglala, era sobrinho de Touro Sentado. Seu irmão gêmeo, Patada-de-Urso, foi um dos líderes da dança dos fantasmas. Falcão Voador nasceu ''na lua cheia de março de 1852'', poucas milhas ao sul de Rapid City, Dakota do Sul. Na juventude participou de guerras tribais com os Crow (Corvos) e os Piegan, e aos vinte e quatro anos lutou ao lado do grande chefe Cavalo Louco, quando as forças do general Custer foram batidas na batalha de Little Big Horn, em 1876. Tornou-se chefe com a idade de trinta e dois anos. Mais tarde Falcão Voador integrou-se ao ''Buffalo Bill Show'', ao ''Colonel Miller's 101 Ranch Show'' e ao ''Sells-Floto Circus'', viajando pelo país com essas companhias de espetáculos. Morreu em Pine Ridge, Dakota do Sul, em 1931. Fez a seguinte declaração já em idade avançada.

Nossos *tipis* (tendas) são muito melhores de se viver; sempre limpas, quentes no inverno, frescas no verão, fáceis de transportar. O homem branco constrói casas imensas, parecidas com grandes gaiolas; custam muito dinheiro, vedam a entrada do sol e não podem se mover; estão sempre doentes. Os índios e os animais sabem como viver melhor do que o homem branco; ninguém pode ter boa saúde se não dispõe o tempo todo de sol, ar fresco e água pura. Se o Grande Espírito quisesse que os homens permanecessem num único lugar, teria feito o mundo imóvel. Mas Ele quer a mudança, de modo que os pássaros e os animais possam se mover e sempre encontrar grama verde e frutos maduros, sol para trabalhar e brincar, noite para descansar; verão para as flores se abrirem e inverno para dormirem; sempre a mudança; tudo com algum benefício; nada por nada.

O homem branco não obedece ao Grande Espírito; por isso os índios jamais se entenderão com ele.

Wahunsonacock era o chefe e praticamente o fundador da Confederação Powhatan no Estado de Virgínia, no período da primeira ocupação inglesa. Em 1607 dirigiu estas palavras ao capitão John Smith em Werowocomoco, Virgínia:

Já vi duas gerações de minha gente morrer. Nenhum homem com esta idade está vivo exceto eu. Sei a diferença entre a paz e a guerra melhor do que ninguém na minha terra. Agora estou velho e morrerei em breve; minha autoridade passará aos meus irmãos — Opitchapan, Opechancanough e Catatough —, depois às minhas duas irmãs e por fim às minhas duas filhas. Desejo que saibam tanto quanto eu e que o senhor os respeite do mesmo modo que eu o respeito. Por que tomar pela força o que se pode ter pelo amor? Por que o senhor nos destruiria, a nós que abastecemos os ingleses com comida? Que conseguirá com a guerra? Podemos esconder nossas provisões e fugir para os bosques; vocês morreriam de fome por tratar injustamente seus amigos. Por que têm ciúmes de nós? Estamos desarmados e dispostos a dar o que pedem, se o fizerem de maneira amistosa, sem espadas nem espingardas, como se fossem lutar contra um inimigo. Não sou ingênuo para saber que é muito melhor comer bem, dormir confortavelmente e viver tranqüilo com a mulher e os filhos, levar uma vida alegre e agradável com os ingleses, negociando por suas machadinhas e moedas de cobre, do que fugir deles, passar frio nos bosques, alimentar-se de raízes e frutos do mato, sem poder comer ou dormir direito. Nesta guerra meus homens ficariam à espreita e, ao menor sinal, gritariam: "Lá vem o capitão Smith!" Seria um fim miserável para minha vida. Não! Levem embora suas espadas e espingardas, causa do nosso ressentimento, ou poderão morrer da mesma maneira.

Cavalo Louco era um místico, tendo sido "reverenciado e temido por todos". Chefe Sioux Oglala desdenhava a vida confinada em reservas e comprazia-se atacando os que lá viviam, como os Crow ou os Mandan. Quando os Sioux foram à guerra em 1875, reagindo à ocupação da região de Black Hills (Cerros Negros) pelos brancos e a outros agravos, Cavalo Louco e Touro Sentado eram os líderes da insurreição. Em 1876 as tribos de ambos se uniram e aniquilaram as tropas do general Custer. Na primavera seguinte, perseguido pelo general Miles nas montanhas Big Horn, Cavalo Louco foi obrigado a se render. Em setembro de 1877 teve a prisão decretada por suspeita de que estaria preparando uma nova revolta, e foi morto ao tentar escapar.

Ao contrário de outros famosos chefes índios, nenhuma fotografia foi tirada de Cavalo Louco, que costumava responder aos fotógrafos que o procuravam: "Meu amigo, por que você quer me encurtar a vida levando minha sombra?" Sempre se opôs firmemente aos costumes do

homem branco. Sua visão da usurpação de sua terra está contida na seguinte passagem.

Não pedimos a vocês, brancos, para virem aqui. O Grande Espírito nos deu esta terra para morar. Vocês têm a sua. Não queremos nos meter com vocês. O Grande Espírito nos deu terra em abundância para viver, mais o búfalo, o veado, o antílope e outras caças. Mas vocês chegaram aqui, estão nos tomando a terra, estão acabando com a caça; assim fica difícil viver. Agora nos aconselham a trabalhar. Mas o Grande Espírito não nos criou para trabalhar, mas para viver da caça. Vocês que trabalhem, se assim desejam. Não queremos nos meter com vocês. Também nos dizem: "Por que não se tornam civilizados?" Não queremos sua civilização! Queremos viver como viveram nossos pais, e os pais de nossos pais.

O grande homem queria apenas um pedacinho de terra onde plantar verduras para sua sopa, não mais do que o espaço de um couro de boi estendido. Foi aí que observamos pela primeira vez seu espírito traiçoeiro.

Dito dos índios Delaware, transmitido por tradição oral, sobre a chegada dos primeiros holandeses à ilha de Manhattan, em 1609.

A cada ano nossos intrusos brancos se tornam mais vorazes, exigentes, opressores e arrogantes... Privações e opressão é o que nos resta... Não estamos sendo privados dia a dia do pouco que sobrou de nossa antiga liberdade?... A menos que cada tribo unanimemente decida dar um basta à ambição e à cobiça dos brancos, eles em breve nos terão vencido e desunido, e seremos varridos de nossa terra natal e dispersados como as folhas de outono ao vento.

Tecumseh, chefe Shawnee, num discurso em 1812.

O *grande chefe Sioux Alce Negro, com mais de sessenta anos e quase cego, fala da invasão das terras de seu povo pelos brancos, entre 1863 e*

1890, e da violência que praticavam contra os búfalos. O "inverno dos cem mortos" a que se refere é a Batalha de Fetterman, geralmente descrita como um "massacre", na qual o capitão Fetterman e oitenta e um de seus comandados foram mortos em Peno Creek, perto do Fort Phil Kearney, em Wyoming, em 21 de dezembro de 1866.

Posso me lembrar do inverno dos cem mortos como um homem recorda um pesadelo na infância, mas não posso contar o quanto ouvi depois e o quanto compreendi quando criança. É como algo assustador na neblina, pois houve um tempo em que tudo parecia confuso e medonho.

Até então nunca tinha visto um Wasichu (homem branco) e não sabia com que se parecia. Mas todos falavam que os Wasichus estavam vindo e iam tirar nossa terra e nos roubar, e que deveríamos morrer lutando.

Outrora éramos felizes em nossa terra e raramente passávamos fome, pois os de duas e os de quatro pernas viviam juntos como parentes, havendo o bastante para eles e para nós. Mas os Wasichus vieram, construíram pequenas ilhas para nós e outras para os quadrúpedes, e essas ilhas vão se tornando cada vez menores, pois em torno delas se eleva a maré devoradora dos Wasichus, com suas águas sujas de cobiça e mentiras.

Eu tinha dez anos naquele inverno, era a primeira vez que via um Wasichu. Primeiro pensei que pareciam todos doentes e fiquei com medo de que pudessem nos atacar sem nenhum motivo. Mas por fim me habituei a eles.

Ainda me lembro de quando os búfalos eram tão numerosos que não se podia contá-los. Pouco a pouco foram sendo mortos, até que só restaram pilhas de ossos nos lugares em que costumavam pastar. Os Wasichus não os matavam para comer: matavam por causa do metal que os deixa enlouquecidos e tiravam-lhes apenas a pele para vender. Às vezes nem tiravam a pele, só a língua; ouvi dizer de barcos descendo o rio Missouri carregados de línguas secas de búfalos. Vocês hão de concordar que homens que fazem isso são loucos. Acontecia mesmo de nem lhes arrancarem a língua; matavam pelo simples prazer de matar. Quando caçávamos o búfalo, o fazíamos apenas por necessidade.

O discurso seguinte foi pronunciado por Cobra Pintada, índio Creek com mais de cem anos de idade, em 1829, quando o presidente norte-americano Andrew Jackson aconselhou os Creek, Chickasaw, Cherokee, Choctaw e Seminole a abandonarem seus territórios na costa leste e se deslocarem para longe do homem branco, a oeste do Mississípi.

Irmãos! Tenho ouvido muita conversa do nosso Grande Pai. Quando chegou de viagem do grande oceano, não passava de um homenzinho... muito pequeno. Suas pernas haviam encolhido de sentar tanto tempo no navio, e ele implorava apenas um pedacinho de terra para acender seu fogo... Mas quando o homem branco se aqueceu com o fogo dos índios e encheu a barriga com sua papa de milho, tornou-se muito grande. Com um passo escalou as montanhas e seu pé cobriu as planícies e os vales. A mão agarrou o mar a leste e a oeste, e a cabeça encostou na lua. Então passou a ser nosso Grande Pai, que gosta muito de seus filhinhos índios e lhes diz: "Vão mais para lá, para que eu não os esmague com o pé..."

Irmãos, tenho ouvido muita conversa do nosso Grande Pai. Mas sempre começa e termina assim — "Vão mais para lá, estão muito perto de mim".

A tribo hoje conhecida como Mojave-Apache, cujo território original era o Vale Verde no Arizona, era hostil à invasão norte-americana de suas terras, como os Apaches. Em 1874 foram dominados e conduzidos a uma reserva em San Carlos, Arizona, junto com os Apaches, de cuja associação resultou seu nome. "Ao serem removidos para San Carlos", escreve Nathalie Curtis em The Indian's Book, *"foi-lhes prometido que, se se comportassem bem e adotassem os costumes civilizados dos brancos, teriam permissão de regressar à sua terra e retomar sua vida agrícola... Os índios aceitaram de boa fé essa promessa, mas após vinte e nove anos... encontraram sua terra no Vale Verde completamente ocupada por colonos brancos." Um cidadão particular interessou-se por eles — prossegue Curtis — e obteve "permissão para comprar dos colonos uma porção de terra fértil destinada aos índios no Vale Verde... No Natal de 1903 a terra lhes foi entregue. Nessa noite os índios dançaram em honra de seu 'Salvador' e em ação de graças por sua terra, dizendo:*

'CONSEGUIMOS NOSSAS CASAS; SOMOS HOMENS DE NOVO'."

O texto seguinte é um exemplo da eloqüência de Touro Sentado, ao defender vigorosamente seu caráter e condenar o do homem branco.

Que tratado mantido com os brancos foi rompido pelos índios? Nenhum. Que tratado mantido conosco foi alguma vez respeitado pelos brancos? Nenhum. Quando eu era menino, os Sioux possuíam o mundo. O sol se levantava e se punha em suas terras; enviavam dez mil homens à luta. Onde estão esses guerreiros hoje? Quem os assassinou? Onde estão nossas terras? Quem as possui? Que homem branco poderá dizer que alguma vez roubei sua terra ou um centavo do seu dinheiro? No entanto, chamam-me de ladrão. Que homem branco, mesmo sozinho, foi alguma vez aprisionado ou insultado por mim? No entanto, dizem que sou um índio mau. Que homem branco já me viu bêbado? A quem deixei alguma vez faminto e desnutrido? Quem me viu bater em minhas mulheres ou maltratar meus filhos? Que leis transgredi? Estou errado em amar os meus? Sou perigoso porque minha pele é vermelha? Porque sou um Sioux? Porque nasci onde meu pai vivia? Porque eu morreria por meu povo e minha terra?

Este discurso dos chefes guerreiros das tribos Ottawan e Chippewa foi dirigido ao coronel Cadwell, superintendente de assuntos indígenas, em Chenaille Ecarti, Canadá, a 3 de agosto de 1815. Os índios denunciam com sutileza as promessas não cumpridas.

Pai, ouve o que teus filhos têm a dizer; quando falas, eles te escutam. Esperamos que os escute também e àquilo que têm a dizer.

Ouve, quero falar do que foi prometido aos nossos avós pelos ingleses. Eles prometeram aos nossos antepassados que, se tivessem algo a nos dizer, diriam com sinceridade, e o mesmo faríamos nós. Prometeram sempre nos ajudar e mostrar o bom caminho, cabendo a nós fazer o mesmo se estivessem errados.

Disseram que éramos os donos desta terra e que nos estimavam muito. Mas agora que os antigos chefes estão mortos, os chefes e guerreiros aqui presentes temem que as promessas de outrora tenham sido esquecidas.

Ouve, Pai, tua promessa aos nossos avós era de que nada nos faltaria, que tinhas o bastante para atender às nossas necessidades e para co-

brir todas as árvores do Canadá. Pai, prometeste muito, mas não cumpriste.

Prometeste que haveria fartura e que teríamos tanto ouro que nos veriam reluzindo como o sol nascente. Não nos esquecemos dessas promessas que fizeste aos nossos antepassados. Disseste que, se nos sentássemos juntos, ao te levantares haveria ouro no teu lugar. Teus filhos querem refrescar tua memória. Eles acham que esqueceste tuas promessas.

Pai, lembra do que nos foi prometido. Nosso pai em Quebec nos envia quantidades de bens que não estão chegando às nossas mãos; perdem-se pelo caminho, mas achamos que alguém é responsável por isso...

Ouve, meu pai. Quando estive em Quebec vi esses artigos, mencionei ao Grande Pai que não os estávamos recebendo em nossa terra. Talvez o culpado seja um rato branco. Estou certo de que não é um rato preto... Pai, falo assim porque nos fizeste essa promessa ao chegares de Quebec — que não botarias nada no teu bolso e nos darias tudo a que temos direito...

Isso é tudo o que tenho a dizer, é a opinião dos chefes e dos guerreiros aqui presentes. Queremos simplesmente reavivar a memória do nosso Pai...

Tah-gah-jute, ou Logan — o Mingo, foi um destacado chefe Cayuga, nascido em Shamokin, Pensilvânia, em 1725. Era bem conhecido por sua amizade com os brancos. Em 1774, vários índios, inclusive alguns parentes de Logan, foram brutalmente mortos em Yellow Creek por colonos de Ohio, em represália, segundo se alegou, pelo assassinato de imigrantes brancos. Renegando suas crenças anteriores, Logan partiu para o ataque contra os colonos. A rebelião foi sufocada, mas Logan recusou-se a comparecer ao acordo de rendição em Chillicothe; em vez disso mandou a seguinte mensagem, defendendo sua conduta.

Apelo a qualquer homem branco que diga se alguma vez entrou na cabana de Logan faminto e ele não lhe deu de comer; se estando despido e com frio, Logan não o agasalhou.

Durante a última guerra, longa e sangrenta, Logan permaneceu

quieto em sua cabana, como um advogado da paz. Tal era o meu amor pelos brancos que minha gente me acusava de "amigo dos brancos".

Cheguei mesmo a pensar em viver com eles, não fossem as ofensas de um homem, o coronel Cressap, que na última primavera, a sangue-frio e sem motivos, assassinou os parentes de Logan, sem poupar mulheres nem crianças.

Não corre uma gota do meu sangue nas veias de nenhuma outra criatura viva. Os céus clamavam por vingança e me vinguei. Matei muitos, saciei toda a sede de vingança; por meu povo me alegro ao me vingar.

Mas não pensem que minha alegria é a do medo. Logan não sabe o que é ter medo. Não irá virar os calcanhares para salvar sua vida. Quem vai chorar a morte de Logan? Ninguém!

As seguintes palavras foram ditas por Pachgantschilhilas, que nasceu na primeira metade do século XVIII e tornou-se o chefe guerreiro dos Delaware, vivendo então no vale dos rios Miami e White, no Nordeste dos Estados Unidos. Nesta alocução aos índios Moravian em Ohio — eram índios convertidos pelos missionários Moravian e que viviam separados de suas tribos — ele tenta persuadi-los a deixarem a aldeia, onde são vulneráveis a ataques de aventureiros brancos, e a procurarem um lugar seguro. A fonte desse discurso, John Heckewelder (em Account of the History, Manners and Customs of the Indian Nations)*, faz o seguinte comentário: "Onze meses após esta advertência, noventa e seis índios cristãos, sessenta dos quais mulheres e crianças, foram assassinados no mesmo lugar em que aquelas palavras haviam sido ditas, pelos mesmos homens e nas mesmas circunstâncias previstas".*

Admito que há homens brancos bons, mas em proporção infinitamente menor que os maus; os maus são mais fortes porque governam. Fazem o que querem. Escravizam os que não são de sua cor, ainda que tenham sido criados pelo mesmo Grande Espírito que nos criou. Não se pode ter fé em suas palavras. Eles pegam o índio pela mão, dizendo: "Meu amigo! Meu irmão!", e ao mesmo tempo os destroem. E vocês (referindo-se aos índios cristãos) serão em breve tratados desta maneira por eles. Lembrem-se de que neste dia os adverti para tomarem cuidado com tais amigos. Eu conheço os *facas compridas;* não merecem confiança.

"A causa principal da migração dos índios Delaware e Shawnee para oeste, em direção de Ohio" — escreve George P. Donehoo em Carlisle and the Red Man of Other Days — *"foi a devassidão provocada pelo tráfico de rum dos comerciantes brancos. Em vários momentos os chefes das tribos lamentaram esse tráfico, que estava privando os caçadores de suas peles e couros, os guerreiros de sua dignidade e as mulheres de sua virtude." Mas o rum continuou a correr e a penetrar nas aldeias dos índios. Os chefes opunham-se com firmeza à venda de rum, que consideravam a mais terrível das pragas do homem branco. Suas objeções foram em vão. Os comerciantes continuaram enriquecendo e os índios passaram a levar uma vida desregrada.*

Numa tentativa de impedir os comerciantes brancos de perverterem seu povo, Scarouady, chefe guerreiro Oneida e grande amigo dos colonizadores ingleses, fez o seguinte discurso durante o primeiro conselho índio, realizado em Carlisle, Pensilvânia, de 28 de setembro a 4 de outubro de 1753.

Desejamos que os governos de Pensilvânia e Virgínia evitem assentamentos de colonos em nossas terras além dos montes Alleghany. Pedimos que chamem sua gente de volta para este lado dos montes, a fim de que não surjam problemas no futuro e venham a pensar mal de nós... Vossos comerciantes nos levam agora pequena quantidade de pólvora, chumbo e outros artigos aproveitáveis, e cada vez mais o rum que nos arruína. Imploramos que proíbam o tráfico de bebidas, fiscalizando os comerciantes. Esses vendedores de uísque trazem trinta ou quarenta barris, colocam diante de nós e nos fazem beber, levando todas as peles com que deveríamos pagar as dívidas pelos bens adquiridos de comerciantes honestos, e com isso acabamos arruinando tanto a nós como a eles (os comerciantes honestos). Esses malditos vendedores de uísque, uma vez tendo embriagado os índios, os fazem vender as próprias roupas do corpo. Em suma, se essa prática continuar, seremos inevitavelmente arruinados.

Tecumseh, ou Estrela Caçadora, era um renomado chefe guerreiro Shawnee e adversário ferrenho dos avanços do homem branco. Foi o maior orador de sua tribo e, de acordo com um biógrafo, "os índios chegavam ao delírio com a sua inflamada eloqüência". Tecumseh organi-

zou a segunda grande confederação índia e foi nomeado general-de-brigada pelo exército inglês na guerra de 1812 contra os norte-americanos.

Num tratado assinado em Fort Wayne, em 1809, os índios cederam ao governo dos Estados Unidos uma grande extensão de terra sem o conhecimento de Tecumseh. A 12 de agosto de 1810, este reuniu-se em Vincennes com o general W. H. Harrison, governador do Território de Indiana, que representara os Estados Unidos no tratado de 1809. Tecumseh negou a validade da compra de terra.

Sou um Shawnee, meus antepassados eram guerreiros e eu sou um guerreiro. Tirei deles apenas minha existência; de minha tribo não tiro mais nada. Faço meu próprio futuro, e oh! se pudesse faria meu povo e minha terra tão grandes como as concepções de minha mente, quando penso no Espírito que governa o universo. Então não diria ao governador Harrison para rasgar o tratado (de 1809) e anular as fronteiras, mas sim: "O senhor tem a liberdade de voltar ao seu país".

O Ser interior, conversando com as gerações passadas, conta-me que até pouco tempo atrás não havia homem branco neste continente; tudo então pertencia ao Grande Espírito, que mandou as gerações passadas cuidarem da terra, percorrê-la, desfrutar-lhe as riquezas e povoá-la com a mesma raça, uma raça que já foi feliz, até conhecer a miséria com a chegada do homem branco, que nunca está satisfeito e quer sempre mais.

O jeito, o único jeito de enfrentar e deter esse mal, é os índios se unirem e exigirem direitos iguais e comuns sobre a terra, como era no começo e deveria ter sido sempre; porque a terra não era dividida, pertencendo a todos para o uso de cada um. Ninguém tem o direito de vender a terra, mesmo aos vizinhos, muito menos aos estrangeiros — que querem tudo e não se contentam com pouco. Os brancos não têm o direito de tomar a terra dos índios porque estes a tiveram primeiro... Não pode haver duas ocupações no mesmo lugar. A primeira exclui as demais. É diferente de caçar ou viajar, em que o mesmo território serve a muitos... A terra é fixa... Pertence ao primeiro que estende sobre ela uma pele ou cobertor para sentar-se, e até que resolva deixá-la ninguém mais tem o direito.

N*o grande conselho índio de outubro de 1811, os Shawnee vieram do norte e reuniram-se a cinco mil outros índios em Tukabatchi, na*

margem ocidental do rio Tallapoosa, no Alabama. Foi aí que Tecumseh, revoltado com as contínuas invasões de suas terras, começou sua pregação de vingança contra os brancos.

Maldita seja a raça que usurpou nossas terras e fez dos nossos guerreiros mulheres. Nossos pais nos reprovam de seus túmulos como escravos e covardes. Eu os escuto agora nos ventos tristes... os espíritos dos grandes mortos se lamentam. Suas lágrimas caem do céu tristonho. Que a raça branca desapareça. Eles se apoderam de nossa terra, corrompem nossas mulheres, pisam com desprezo nas cinzas de nossos mortos! Por onde eles vieram, deixando um rasto de sangue, devemos agora expulsá-los.

Nariz Romano foi guerreiro famoso e intrépido chefe dos Cheyenne do sul. Entre 1864 e 1870, quando os colonos brancos começaram a ocupar o território sagrado dos Cheyenne, Nariz Romano partiu para represálias, atacando fazendas de brancos e equipes que trabalhavam na construção da estrada de ferro Kansas-Pacific. Num encontro entre o general Palmer e os líderes Cheyenne, realizado perto de Fort Ellsworth, Kansas, em 1866, Nariz Romano protestou contra a invasão de suas terras pelos brancos.

Não queremos carroças barulhentas (trens movidos a vapor) nos campos de caça do búfalo. Se os caras-pálidas entrarem em nossas terras, haverá escalpos de seus irmãos pendurados nas tendas dos Cheyenne. Está avisado.

Tatanka Yotanka, o Touro Sentado, guerreiro e chefe tribal da divisão Hunkpapa Teton dos índios Sioux e no fim da vida um "sonhador" sagrado, esteve envolvido em combates quase ininterruptamente de 1869 a 1876. Torrentes de colonos brancos estavam invadindo suas terras, e o mais desastroso para os índios — havia sido descoberto ouro na região de Black Hills. Por causa dessa descoberta, o governo ordenou em 1875 que os Sioux abandonassem seus campos de caça em Powder River, terra que lhes fora garantida no tratado de 1868. A guerra de 1876 foi para fazer cumprir a ordem do governo. Num conselho realiza-

do em Powder River no ano seguinte, Touro Sentado expressou seu grande amor pela terra natal, "um amor inteiramente místico", escreve um biógrafo: "Ele costumava dizer que pés saudáveis podem ouvir o próprio coração da Terra Sagrada... Levantando-se sempre antes do amanhecer, gostava de molhar os pés nus, caminhando no orvalho da madrugada."

Vejam, meus irmãos, a primavera chegou; a terra recebeu o abraço do sol e em breve veremos o resultado desse amor!

Cada semente desperta, e assim toda vida animal. É através desse misterioso poder que nós também existimos, concedendo aos nossos vizinhos — inclusive nossos vizinhos animais — os mesmos direitos de habitar a terra.

Mas ouve, meu povo! Temos agora que lidar com outra raça — pequena e tímida quando nossos pais a conheceram, hoje grande e arrogante. Curiosamente preocupam-se em cultivar a terra, apesar de que o desejo de posse é uma doença entre eles. Essa gente inventou muitas regras, que os ricos podem desrespeitar mas os pobres não. Recolhem o imposto dos pobres e fracos para ajudar os ricos a governar. Reivindicam nossa mãe, a terra, como sua propriedade e levantam cercas contra os vizinhos. Eles desfiguram a terra com seus prédios e seu lixo. São como a enchente de um rio na primavera, que sai fora do leito e destrói o que encontra no caminho.

Não podemos viver lado a lado. Há sete anos fizemos um tratado pelo qual nos garantiam que os campos de búfalos seriam nossos para sempre. Agora nos ameaçam tirar. Meus irmãos, devemos nos submeter ou devemos dizer a eles: "Primeiro nos matem antes de se apossarem da nossa Pátria"...?

T*ouro Sentado jamais aceitou submeter-se à vida em reservas. "Deus fez-me um índio", declarou, "mas não um índio de reserva." Depois da batalha de Little Big Horn, em 1876, Touro Sentado refugiou-se no Canadá, onde o deixaram viver em paz. O fato de um índio americano "renegado" ser bem tratado no Canadá era causa de constante embaraço para o governo norte-americano. Finalmente, uma comissão chefiada pelo general Alfred Terry viajou ao Canadá para rogar a Touro Sentado e seu pequeno bando de Sioux que voltassem aos Esta-*

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL RUI BARBOSA

dos Unidos e retomassem sua vida normal. Em resposta, Touro Sentado relembrou primeiro todas as experiências de sua tribo com o Grande Pai Branco e os inumeráveis acordos e promessas desrespeitados, para em seguida acrescentar:

Há sessenta e quatro anos vocês perseguem meu povo. Pergunto o que fizemos para sermos obrigados a deixar nosso país. Eu lhes respondo: não tínhamos para onde ir, por isso nos refugiamos aqui. Deste lado da fronteira pela primeira vez pude caçar e viver em paz. Por essa razão estou aqui. Fui tratado com respeito e hoje aperto a mão deste povo. (Volta-se para o comissário canadense MacLeod e o superintendente Walsh, apertando a mão de ambos, e depois continua a falar com os norte-americanos).

Foi assim que conheci estas pessoas e assim desejo viver. Não demos a vocês nossa terra; vocês é que nos tiraram. Vejam como me dou bem com estas pessoas (apontando para um membro da Polícia Montada canadense). Olhem para mim: se pensam que sou bobo, vocês são muito mais. Esta casa, dos ingleses, é a casa da verdade e vocês vieram aqui contar mentiras. Não queremos ouvi-las. Já falei bastante. Vão embora. Levem suas mentiras de volta. Ficarei com estas pessoas. A terra de onde viemos nos pertencia e vocês nos roubaram. Ficaremos aqui.

Grande Urso, um dos mais famosos índios na história do Canadá, nasceu em Carlton e pertencia à tribo Cree. Foi escolhido chefe por ocasião do Sexto Tratado (dos onze tratados pós-confederação realizados no Canadá), quando liderou um pequeno grupo de índios que se recusavam a ceder por escrito os direitos territoriais de seus antepassados. Não estava disposto a aceitar o fato de que os dias de liberdade de seu povo estavam contados. No conselho em Duke Lake, a 31 de julho de 1884, Grande Urso defendeu a união dos índios e denunciou a falta de sinceridade dos brancos.

Venho tentando pegar as promessas que eles (os brancos) me fizeram; quero agarrá-las mas não consigo. Do que me prometeram que viria sem demora, ainda não vi metade.

Todos temos sido enganados assim. Esta é a razão de nosso encontro em Duke Lake. Ofereceram-me um local como reserva. Mas como sei

que não estão sendo honestos tenho medo de aceitar. Disseram que eu podia escolher entre várias pequenas reservas, mas fico triste em abandonar a liberdade de minha terra, quando em troca me oferecem pequenos sítios e nem metade do que prometeram. Quando teremos um grande encontro? Sinto alguma coisa no ar me dizendo que ainda não estamos todos unidos. Vamos aproveitar a ocasião e nos unir. Aqueles que o governo nos enviou pensam que são homens mas não são. Eles não têm honestidade. São criaturas deformadas, os rostos disfarçados de homens honestos.

Mahpiua Luta, ou Nuvem Vermelha, chefe supremo dos Sioux Oglala, nasceu na ''forquilha'' de Platte River, em Nebraska, no ano de 1822. Durante sua vida combateu as tentativas dos brancos construírem uma estrada para as regiões auríferas de Montana, atravessando a região de Powder River. Um acordo em 1851 deu aos brancos o direito de passarem pelo território índio. Mas logo começaram a desrespeitar o acordo, construindo fortes e tentando abrir novas estradas. Em 1866, num conselho em Fort Laramie, Wyoming, Nuvem Vermelha repetiu sua recusa em abrir mão dos campos de caça dos índios e, enfurecido com a desonestidade dos brancos, desafiou-os à guerra.

Ouçam, Dakotas! Quando o Grande Pai em Washington enviou seu chefe militar (general-de-brigada William S. Harney), pedindo para passar uma estrada de ferro por nossos campos de caça rumo às montanhas e ao mar ocidental, nos disseram que queriam apenas atravessar nossas terras sem permanecer, indo adiante em busca do ouro no oeste. Nossos velhos chefes pensavam mostrar amizade e boa fé ao admitirem essa cobra perigosa em nosso meio...

As cinzas do último conselho ainda não esfriaram e o Grande Pai já está construindo fortes entre nós. Temos escutado os sons dos machados dos soldados brancos em Little Piney. A presença deles aqui é um insulto e uma ameaça. É um insulto aos espíritos de nossos ancestrais. Iremos permitir que ponham lavouras de milho sobre suas sagradas sepulturas? Dakotas, sou pela guerra!

A comissão Dawes, criada pelo governo dos Estados Unidos para investigar a vida dos índios Choctaw e Chickasaw, recomendou que o

governo tribal de ambas as nações fosse deposto, suas terras repartidas e um governo territorial estabelecido, tornando-se os índios cidadãos norte-americanos. As razões invocadas iam desde "a incapacidade dos governos tribais de proteger a vida humana" até afirmações de que valiosas jazidas de carvão estavam sendo monopolizadas por uns poucos indivíduos e que muitas crianças brancas eram mantidas na ignorância em território índio por falta de oportunidades educacionais. Os índios reagiram, dizendo que a terra lhes pertencia e não aos brancos: "Temos cedido porções de nossas terras para os brancos construírem suas casas. Fizemos isso em consideração da solene promessa dos Estados Unidos, firmada em tratado, de que o pé do homem branco jamais invadiria nossa casa e que um governo estadual ou territorial não seria decretado sem o nosso consentimento. Agora lançam o argumento de que há muitos brancos em nossa terra e que, a fim de protegê-los, devemos consentir na extinção de nosso governo tribal, na repartição de nossas terras e na imposição de um governo territorial sobre nós!"

A seguinte resposta ao Relatório da Comissão Dawes foi enviada ao presidente dos Estados Unidos, ao Senado e à Câmara dos Deputados em 1895, por representantes das nações Choctaw e Chickasaw.

Desejamos relembrar um pouco da história do nosso povo. Os Choctaw e os Chickasaw não custaram um centavo sequer ao governo dos Estados Unidos. Sempre foram e continuam sendo auto-suficientes. Há pouco mais de meio século viviam felizes a leste do rio Mississípi. Suas terras eram extensas e ricas. Começou então a invasão de brancos no leste, como fazem agora no oeste. O governo dos Estados Unidos forçou que abandonássemos nossas valiosas terras para abrigar sua gente e que aceitássemos novas reservas a oeste do rio Mississípi, assegurando que lá estaríamos a salvo contra invasões. Sob a condição de que o governo nos protegeria e daria terras em pagamento, devidamente registradas; e que também se comprometeria solenemente num tratado a não impor um governo estadual ou territorial sem nosso consentimento; e como isso implicava a retirada e o abandono de nosso velho lar, nós finalmente consentimos, e com profundo pesar deixamos os túmulos de nossos pais e iniciamos uma triste marcha para o novo lar, numa região selvagem a oeste do Mississípi. Após longa caminhada sob um sol inclemente, que nos custou muitas vidas, chegamos à nova reserva, com o único consolo de reanimar nossos espíritos sabendo que nunca mais se-

ríamos molestados. Ali, nos bosques e desertos, apenas com a companhia dos animais selvagens, iríamos morar e levar nossa vida rústica, e o governo haveria de nos proteger.

Em 1855, a pedido dos Estados Unidos, arrendamos e vendemos todo o lado oeste da reserva, num total de doze milhões de acres, com a finalidade de abrigar brancos e outras tribos amigas. Em 1866, atendendo à nova requisição do governo, abrimos mão da parte arrendada aos índios amigos, cedendo-a definitivamente. Em 1890 e 1891 tivemos que abandonar... três milhões de acres... para serem ocupados pelos brancos. Menos de cinco anos depois, somos agora chamados a depor nosso governo tribal e aceitar o governo territorial; a repartir nossas terras em regime de propriedade privada e a nos tornarmos cidadãos norte-americanos; e, o que é pior, somos forçados a fazer isso contra a vontade. Em nossa opinião, uma tal mudança irá em pouco tempo aniquilar com o índio...

Perguntamos a todo amante da justiça se é correto que um governo grande e poderoso continue, ano a ano, demandando terras dos mais fracos e dependentes, sob a alegação de abrigar os que não têm casa. Enquanto o grande governo dos Estados Unidos, nosso guardião, admite anualmente a entrada de 250 mil estrangeiros pobres no país, nós é que teremos de sacrificar nossas casas e crianças em favor deles?

Convivemos com nosso povo toda a vida e sabemos mais a respeito dele do que as conclusões de uma comissão — por melhor e inteligente que seja — ao cabo de umas poucas visitas... às cidades e ferrovias, onde não vive mais do que um pequeno número de índios... Os brancos não se importam com a sorte dos índios, só querem satisfazer a própria voracidade.

O homem sentado ao chão de sua tenda, meditando sobre a vida e seu significado, aceitando o parentesco com todas as criaturas e reconhecendo a unidade com o universo das coisas, este homem estava instilando em seu ser a verdadeira essência da civilização. E quando o homem nativo deixou essa forma de desenvolvimento, sua humanização teve o crescimento retardado.

Chefe Urso-em-pé.

Em maio de 1847, o documento "Limites Territoriais, Nomes Geográficos e Trilhas dos Iroqueses" foi apresentado na Historical Society de Nova Iorque. Wa-o-wo-wa-no-onk, ou Peter Wilson, um instruído chefe Cayuga, estava presente e fez os seguintes comentários em resposta à afirmação de que "os Iroqueses não haviam deixado monumentos".

A terra de Ganono-o ou "Empire State", como vocês gostam de chamar, esteve uma vez ligada por nossas trilhas de Albany a Buffalo — trilhas que palmilhamos por séculos —, trilhas tão desgastadas pelos pés dos Iroqueses que se tornaram vossas próprias estradas, à medida que as propriedades dos brancos iam açambarcando as do meu povo. Vossas estradas ainda percorrem essas mesmas linhas de comunicação e conectam as partes da "Casa Comprida". A terra de Ganono-o, o "Empire State", é assim o nosso monumento! Nunca desejamos ocupar muito espaço para viver; uma simples árvore entre as milhares que cobriam nossos avós — um velho olmo sob o qual representantes das tribos costumavam se encontrar — nos cobre a todos; mas ao morrermos nossos corpos são enlaçados em suas raízes, no mesmo solo em que a árvore cresceu. Quem sabe ela não dure mais sendo fertilizada pelos mortos!...

Na última guerra contra a Inglaterra, vossos irmãos vermelhos — vossos irmãos mais velhos — ainda os ajudaram, como outrora na fronteira do Canadá. Será que nós, os primeiros habitantes desta próspera região, não temos parte na vossa história? Vossos pais eram felizes sentando-se à soleira da "Casa Comprida", eram ricos recolhendo o lixo de sua porta.

Por acaso nossos avós os expulsaram quando os franceses estavam batendo do outro lado, forçando a passagem para entrar e vos jogar no mar? Qualquer que tenha sido a sorte de outros índios, os Iroqueses poderiam ter sido uma nação; e ao invés de pedir o privilégio de viver dentro das vossas fronteiras, eu, eu poderia ter um país!

Nascido no verão de 1848 na atual localidade de Billings, Montana, Muitos Golpes, ou Aleek-chea-ahoosh (que significa precisamente "muitas façanhas"), recebeu este nome do avô, que sonhou que ele "viveria para contar muitas façanhas e envelhecer; meu sonho também me disse que será um grande chefe — o maior que o nosso povo já

teve", profecia que veio a se realizar. Muitos Golpes morreu em 1932, pouco depois de legar aos americanos sua terra de duzentos acres (localizada num vale ao sul de Montana) para ser um parque "em memória à nação Crow e um sinal de minha amizade por todos os povos, vermelhos e brancos". A seu pedido, foi enterrado nos fundos de sua casa, no algodoal que havia plantado quando jovem. O trecho a seguir é de sua autobiografia.

Quando eu estava com quarenta anos, percebi que nossa terra estava mudando rápido e que essas mudanças estavam tornando muito diferente nossa maneira de viver. Qualquer um podia constatar que em breve não haveria mais o búfalo selvagem nas planícies, e nos perguntávamos como iríamos viver depois disso. Havia poucas danças de guerra e quase nenhuma incursão... Os brancos com seus rebanhos nos cercavam na planície. Suas casas se aproximavam das vertentes e suas aldeias dos rios. Decidimos ser amigos deles, a despeito das mudanças que estavam trazendo. Mas isso acabou sendo difícil, porque os brancos freqüentemente prometem uma coisa e na hora de agir fazem outra.

Eles falam bem alto quando dizem que suas leis foram feitas para todo mundo; mas logo descobrimos que, embora esperem que as respeitemos, eles mesmos não se importam em desrespeitá-las. Disseram que não devíamos beber uísque, mas eles bebem e o negociaram conosco em troca de roupas e peles até que não as tivéssemos mais. Seus sábios diziam que deveríamos praticar a religião, mas quando tentávamos compreendê-la descobríamos que havia muitas religiões entre os brancos, e que dificilmente dois deles estariam de acordo sobre qual religião ensinar. Isso nos confundia um bocado, até que vimos que os brancos não levam a religião mais a sério do que o fazem com suas leis, e que carregam ambas consigo — como Ajudantes — para quando têm que lidar com estranhos. Não são esses os nossos hábitos. Respeitamos as leis que fazemos e vivemos nossa religião. Nunca fomos capazes de entender o homem branco, que vive enganando a si mesmo.

Q*uando criança, Urso-em-Pé freqüentou uma escola de brancos em Carlisle. "Lembro-me indo à escola, como se estivesse indo ao encontro da morte nas mãos do homem branco; os garotos mais velhos cantavam canções de bravura, para enfrentarmos a morte conforme o*

código dos Lakota: sem medo... O canto de bravura ajudava a enfrentar com coragem as provações e animava os espíritos vacilantes." Aqui, numa passagem de sua autobiografia, Land of the Spotted Eagle *(Terra da Águia Pintada), ele fala desta experiência e de alguns dos costumes do homem branco mais ofensivos ou deletérios para o índio.*

A indumentária do homem branco, adotada pelos Lakota, interferia com o bem-estar físico da tribo, e na escola de Carlisle, onde o abandono dos costumes tribais fez-se de maneira brusca e direta, o efeito sobre a saúde e o conforto das crianças foi considerável. Sentimos isso logo que nos obrigaram a cortar o cabelo. Os Lakota sempre usaram cabelos compridos e os membros mais velhos da tribo ainda os conservam assim. Ao saberem da regra, alguns dos garotos maiores falaram em resistir, mas percebendo a inutilidade disso acabaram se submetendo. Nos primeiros dias após o corte do cabelo nos sentíamos estranhos e desconfortáveis. Se o argumento que nos davam era verdadeiro — as crianças precisavam tirar os piolhos —, então por que as garotas não eram submetidas à mesma regra? O fato é que devíamos ser mudados e, sendo o cabelo curto a marca de cidadania do homem branco, impuseram-nos essa marca, embora conservassem o costume de cobrir o rosto com a barba.

Nossa segunda queixa foi contra as calças, por razões que considerávamos estritamente higiênicas. Nossos corpos estavam acostumados à constante exposição ao sol, ao ar e à chuva, e a função dos poros da pele — na verdade um sistema respiratório altamente desenvolvido — era bloqueada pelas calças de material pesado e absorvente, sem falar no pior de todos os tormentos: roupas de baixo de flanela. Quanto aos chapéus-de-coco, colarinho e peitilhos engomados, não havia o que louvar, e as pesadas e rangentes botas de couro eram positivamente um tormento que suportávamos porque achávamos que com elas estaríamos "vestidos". Muitas vezes rimos de nossas roupas nativas; mas pode haver algo mais estapafúrdio que os espartilhos e enchimentos nas cadeiras que nossas garotas passavam a usar depois de alguns anos na escola?

Pequenos hábitos e ritos estão às vezes relacionados com idéias mais amplas e profundas. Por razões dessa ordem os Lakota não gostavam do lenço de bolso e achavam seu uso pelo homem branco muito desagradável. O índio, vivendo essencialmente ao ar livre, não encontrava utilidade para o lenço; era praticamente imune aos resfriados e, como

os animais, não tinha o hábito de escarrar. O homem branco, vivendo essencialmente dentro de casa, era sujeito a resfriados, catarro, bronquite e outras doenças semelhantes. Tossia e escarrava freqüentemente, e o uso constante do tabaco agravava esses hábitos. Para ele o lenço era um artigo necessário. Do mesmo modo é fácil entender por que o índio considerava portar um lenço um hábito pouco saudável.

Segundo o homem branco, ao querer voltar aos seus costumes e vestimentas tribais, o índio ''volta ao cobertor''. É verdade. Mas ''voltar ao cobertor'' é a salvação, ou pelo menos o adiamento, de sua destruição final. Se o espírito do índio tivesse sido subjugado como foi seu corpo, ele já teria desaparecido. O espírito indomável é que o salva — seu apego aos costumes índios, ao pensamento índio, à tradição, o sustentou e continua sustentando. Os costumes do homem branco não eram seus, e muitas das coisas que tentou adotar mostraram-se desastrosas, para sua completa humilhação. Estivesse o índio prevenido contra as lisonjas e os ardis de seu dominador europeu, conservando a honestidade e a verdade nativas; tivesse evitado o uísque e a doença, continuando a ser o exemplo de saúde e força que sempre foi, seria hoje um homem respeitado e não um hóspede numa reserva. Mas muitos índios conseguiram sua salvação pessoal ''voltando ao cobertor''. O cobertor índio ou a pele de búfalo, vestuário tipicamente americano que conserva valor significativo enquanto linguagem, oculta por debaixo, no protótipo do índio americano, uma das mais corajosas tentativas feitas pelo homem deste continente para alcançar a verdadeira humanidade.

Vestir um homem de maneira falsa é confundir seu espírito e torná-lo incongruente e ridículo. Minha súplica ao índio americano é que conserve suas vestes tribais.

Tatanga Mani, um índio Stoney, fala da educação que recebeu do homem branco, neste trecho de sua autobiografia:

Oh, sim, freqüentei as escolas dos brancos. Aprendi a ler nos livros escolares, nos jornais e na Bíblia. Mas acabei descobrindo que isso não é o bastante. A gente civilizada depende muito da letra impressa. Eu prefiro o livro do Grande Espírito, que é o conjunto de sua criação. Você pode ler uma grande parte desse livro se estudar a natureza. Sabe, se você pegar todos os seus livros e estender no chão sob o sol e deixar que a

neve, e a chuva e os insetos trabalhem sobre eles durante algum tempo, não sobrará nada. Mas o Grande Espírito deu a mim e a você a oportunidade de estudar na universidade da natureza, as florestas, os rios, as montanhas e os animais, entre os quais nos incluímos.

Este trecho também foi extraído da autobiografia de Urso-em Pé, publicada em 1933.

O homem branco não compreende o índio pela simples razão de que ele não compreende a América. Ele está muito afastado de seu processo de formação. As raízes da árvore de sua vida ainda não se fixaram na rocha e no solo. O homem branco ainda está possuído por medos primitivos; ainda tem na consciência os perigos deste continente, muito de sua vastidão não tendo sido mostrada aos seus passos e olhos inquiridores. Estremece ainda com a lembrança da perda de seus avós nos desertos escaldantes e nas montanhas perigosas. O homem que veio da Europa é ainda um estrangeiro e um alienígena. E odeia o homem que questiona seu caminho através do continente. Mas no índio é que mora o espírito da terra; será assim até que outros homens sejam capazes de adivinhar e sincronizar com seu ritmo. Os homens devem nascer e renascer para encontrar seu lugar. Seus corpos precisam se formar da poeira dos ossos dos seus antepassados.

Nascido em março de 1890, Chefe Sol criou-se entre os índios Hopi, em Oraibi, Arizona. Na juventude freqüentou o Instituto Sherman, em Riverside, Califórnia, onde adquiriu um bom conhecimento da língua inglesa e dos costumes do homem branco. Mais tarde, porém, voltou a viver com seu povo em Oraibi. Entre 1938 e 1941 escreveu a história de sua vida. O texto abaixo é um comentário sobre suas experiências com os brancos.

Aprendi muitas palavras em inglês e podia recitar parte dos Dez Mandamentos. Sabia como dormir numa cama, rezar a Jesus, pentear o cabelo, comer com garfo e faca e fazer a toalete... Também me ensinaram que uma pessoa pensa com a cabeça ao invés do coração.

O*hiyesa, o conhecido escritor, fala aqui do seu passado.*

Quando criança eu sabia ser generoso; esqueci esta graça ao me tornar civilizado. Eu vivia a vida natural, quando agora vivo a artificial. Qualquer pedrinha colorida tinha valor para mim, toda árvore era um objeto de reverência. Agora reverencio, juntamente com o homem branco, uma paisagem pintada cujo valor é calculado em dólares! Assim o índio é reconstruído, da mesma forma que as rochas naturais são reduzidas a pó e transformadas em blocos de cimento que servirão para levantar os muros da moderna sociedade.

O índio americano combinava seu orgulho com uma singular humildade. A arrogância espiritual sempre foi estranha à sua natureza e aos seus ensinamentos. Jamais pretendeu que o poder do discurso articulado fosse uma prova de superioridade sobre a criação silenciosa; por outro lado, o considerava uma perigosa dádiva. O índio acredita profundamente no silêncio — signo de um perfeito equilíbrio. O silêncio é o absoluto repouso ou equilíbrio de corpo, mente e espírito. O homem que preserva a sua individualidade está sempre calmo e ao abrigo das tempestades da existência — nenhuma folha se agita na árvore, nenhuma onda na superfície do lago; esta, na visão do sábio iletrado, é a conduta ideal da vida.

Se lhe perguntam: "O que é o silêncio?", responderá: "É o Grande Mistério! O sagrado silêncio é a Sua voz!" Se lhe perguntam: "Quais são os frutos do silêncio?", responderá: "O autocontrole, a verdadeira coragem ou perseverança, a paciência, a dignidade e a reverência. O silêncio é a pedra angular do caráter."



Touro Sentado



Nuvem Vermelha, dos oglala dakotas.



Nariz Romano, dos cheyennes do sul.



Faca Embotada.



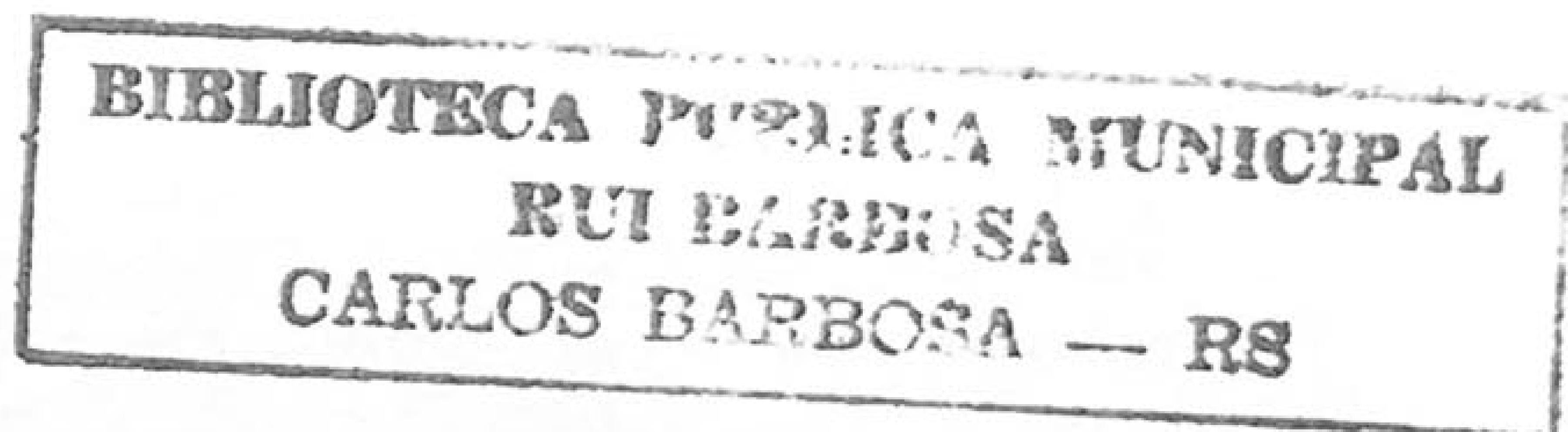
Lobo Pequeno.



Gerônimo.

CAPÍTULO III

Minha voz tornou-se fraca


BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL
RUI BARBOSA
CARLOS BARBOSA — RS

Sim, sabíamos que quando vocês viessem, morreríamos.

Chiparopai, uma velha índia Yuma

A *dança de guerra costumava realizar-se à noite. Era mostrada em público apenas em ocasiões especiais ou em reuniões domésticas de raro interesse. Na dança, o grito de guerra e a resposta sempre precediam cada canto. Ele era emitido pelo líder e respondido pelo grupo. Nenhum dos presentes tinha a liberdade de falar durante a dança. Os discursos consistiam freqüentemente em gracejos trocados entre indivíduos, ou críticas feitas às fraquezas do outro, ou ainda apelos ao sentimento patriótico. O discurso a seguir foi feito por O-no -sa.*

Amigos e parentes, temos razão em nos vangloriar dos feitos de nossos ancestrais. Vejo com tristeza o estado atual de declínio da nossa nobre raça. Houve um tempo em que os gritos de guerra e os rostos pintados eram o terror do homem branco. Nossos pais eram então fortes e seu poder reconhecido muito além do continente americano. Mas fomos subjugados e enfraquecidos pela astúcia e rapacidade da raça branca. Somos hoje obrigados a implorar como uma bênção que nos deixem viver em nossas terras, cultivar nossos campos, beber de nossas fontes e misturar nossos ossos com os de nossos pais. Muitos invernos atrás, nossos sábios antepassados predisseram que um grande monstro de olhos

brancos viria do leste e, à medida que avançasse, consumiria a terra. Esse monstro é a raça branca e a profecia está em vias de se cumprir. Nossos sábios aconselharam seus filhos, quando se tornassem fracos, que plantassem uma árvore com quatro raízes e os ramos voltados para o norte, o sul, o leste e o oeste; e então se juntassem debaixo de sua sombra, vivendo em unidade e harmonia. Proponho que esta árvore seja este nosso lugar. Aqui nos reuniremos, aqui viveremos e morreremos.

Shabonee (ou Shabbona), um pacífico chefe e porta-voz dos índios Potawatomi, nasceu em Maumee River, Ohio, em 1775, e morreu em 1859. Muitas vezes salvou aldeamentos brancos da destruição, avisando-os sobre ataques índios que estavam sendo planejados. Em 1832, o líder de uma dessas incursões, Falcão Negro, pediu a ele que aderisse à sua causa, mas Shabonee recusou. Em troca, tentou persuadir Falcão Negro a abandonar seus planos e, não conseguindo, mandou avisos aos colonos das redondezas. Os índios Sauk e Fox vingaram-se matando um filho de um sobrinho de Shabonee.

Antes disso, durante a guerra dos Winnebago contra os colonos em 1827, Shabonee também havia recusado colaborar no ataque, apresentando suas razões a dois chefes Winnebago.

Nos dias da minha juventude, vi grandes manadas de búfalos nestes prados e o veado era encontrado em cada bosque. Hoje não estão mais aqui, foram para o oeste. Naquele tempo não se via um só branco em centenas de milhas: hoje os postos comerciais e os colonos estão por toda a parte; em poucos anos se verá a fumaça de suas chaminés se elevando dos bosques e os campos estarão cobertos por suas lavouras de milho...

O índio deve deixar a terra de sua juventude e procurar um novo lar no extremo-oeste. Os exércitos dos brancos são incontáveis como os grãos de areia na praia e liquidarão as tribos que guerrearem com eles.

Em agosto de 1795 foi assinado um tratado em Fort Greenville, Ohio, pelo influente chefe Shawnee Jaqueta Azul, dando aos brancos uma grande extensão do território índio. Tecumseh, também chefe Shawnee, renegou o tratado como sem valor e uma completa fraude.

Meu coração é uma pedra: pesado de tristeza por meu povo; frio, por saber que nenhum tratado manterá os brancos afastados de nossa terra; duro, pela determinação de resistir, enquanto eu viver e respirar. Agora estamos fracos e muitos dos nossos têm medo. Mas ouçam-me: uma simples varinha se quebra, mas um feixe de varas é forte. Algum dia unirei nossas tribos irmãs e farei com elas um feixe, e juntos tomaremos nossa terra de volta.

"Sou um orador, nasci orador", costumava vangloriar-se o chefe Seneca Jaqueta Vermelha, demonstrando (nas palavras de um biógrafo) "notável pendor para a argumentação de defesa." Foi, de fato, um grande defensor do modo de vida de seu povo, tentando constantemente evitar a venda de terras. Em sua vida pessoal foi acusado várias vezes de covardia e falsidade, mas seu domínio da eloqüência verbal acabou sempre rechaçando tais acusações. Na primavera de 1792, na Filadélfia, o chefe Seneca recebeu uma medalha de prata do presidente George Washington como sinal de estima e amizade. Daquele dia em diante, passou a ostentar orgulhosamente a medalha. Desde então medalhas semelhantes dadas a outros índios tornaram-se conhecidas como "medalhas do Jaqueta Vermelha".

Primeiro você era só uma pobre plantinha que queria um pouco de terra onde crescer. Nós demos terra a você. Depois, quando podíamos tê-lo esmagado com os pés, aguamos e cuidamos de você. E agora você cresceu e tornou-se uma árvore possante, cuja copa alcança as nuvens e os galhos se espalham pela terra inteira, enquanto nós, que éramos o alto pinheiro da floresta, nos tornamos uma planta pequena e carente de proteção.

Quando você chegou aqui, pendurou-se em nossos joelhos e nos chamou de *pai;* pegamos você pela mão e o chamamos de irmão. Você cresceu mais do que nós, já não podemos alcançar sua mão; mas queremos nos pendurar em seus joelhos e ser chamados de filhos.

Em 1877, o governo dos Estados Unidos ordenou que todos os Nez Percé saíssem do vale Wallowa, no Oregon, e fossem para a reserva de Lapwai, em Idaho. A ordem era uma completa violação do acordo de

1873, que preservava o vale Wallowa da ocupação branca. Chefe Joseph e seu bando de Nez Percé receberam um prazo de trinta dias para se retirarem com todas as suas posses. Joseph achou o prazo curto e pediu ao general Oliver Howard mais tempo. "Se o prazo for ultrapassado em um dia", respondeu Howard, "os soldados entrarão em ação, e todo gado e cavalos que estiverem fora da reserva passarão a ser propriedade dos brancos." Um conselho foi convocado e os índios decidiram partir imediatamente.

Os brancos eram muitos e não podíamos enfrentá-los. Nós éramos o veado, eles o urso-pardo. Tínhamos pouco espaço, eles cada vez mais. Aceitávamos as coisas do jeito que foram criadas pelo Grande Espírito. Eles não; mudariam os rios, se estes não se amoldassem aos seus caprichos.

O*bedecendo às ordens do general Howard, em 1877, Chefe Joseph e seu pequeno bando de Nez Percé deixaram suas terras do vale Wallowa e iniciaram uma jornada para a reserva de Lapwai. Antes, porém, de chegarem a seu destino, entraram em choque com colonos brancos, impondo-lhes sérias perdas em combates. Perseguidos pelo general Nelson Miles, das forças norte-americanas, Chefe Joseph foi cercado e obrigado a render-se em 5 de outubro de 1877. Ele e seu bando foram removidos para Fort Leavenworth, Kansas, e dali para o território índio.*

O discurso de rendição do Chefe Joseph é talvez o mais famoso e o mais admirado de quantos se fizeram. A oratória era uma arte muito cultivada entre os Nez Percé, segundo afirma Herbert J. Spinden, "pois disso dependia muito do poder e do prestígio dos chefes. As decisões tomadas em conselho eram por unanimidade, e isso só seria possível através da argumentação ponderada, quando era preciso considerar os fatos, ou do apelo apaixonado, quando a decisão dependia do sentimento... Os discursos eram concisos e concretos."

Digam ao general Howard que o compreendo. O que ele me disse antes, trago agora no coração. Estou cansado de lutar. Nossos chefes estão mortos. Espelho Brilhante está morto. São os jovens que dizem sim ou não. E aquele que os chefiava está morto. Faz frio e não temos cobertores. As criancinhas estão morrendo congeladas. Alguns do meu povo

fugiram para as montanhas e estão sem cobertores nem comida; ninguém sabe como estão — talvez morrendo de frio. Quero ter tempo de procurar meus filhos e ver quantos consigo encontrar. Talvez já os encontre mortos. Ouçam, meus chefes! Estou cansado. Meu coração está magoado e triste. De agora em diante onde o sol se levanta, não mais tornarei a lutar.

Ollokot era irmão de Chefe Joseph. Morreu com muitos outros Nez Percé na batalha de setembro de 1877. A viúva de Ollokot, Wetatonmi, disse as seguintes palavras ao deixar as terras de sua tribo na noite de rendição de Chefe Joseph, pouco depois dele ter sido derrotado em combate.

Foi triste a partida. Marido morto, amigos enterrados ou feitos prisioneiros. Senti que estava deixando tudo o que eu tinha, mas não chorei. Talvez você saiba o que é perder amigos e parentes na morte por doença. Não se importaria de morrer também. Pois conosco foi pior. Homens fortes, mulheres saudáveis e criancinhas, todos mortos e enterrados. Não haviam feito nada de errado para serem mortos dessa maneira. Apenas havíamos pedido para permanecer em nossas casas, a casa dos nossos antepassados. Partimos com tristeza no coração e o espírito deprimido. Mas ainda éramos livres... Completamente perdidos, caminhávamos em silêncio na noite gelada.

Em 14 de janeiro de 1879, Chefe Joseph falou numa grande reunião com ministros do governo e parlamentares. Pedia ao presidente Hayes que permitisse a volta de sua tribo à terra de origem, no noroeste, pois o exílio a estava matando. O apelo não foi em vão, pois em 1883 um pequeno grupo de mulheres e crianças foi autorizado a voltar ao antigo lar. Joseph não teve esse privilégio e passou o resto de seus dias na reserva de Colville, em Nespelim, Estado de Washington, onde morreu a 21 de setembro de 1904.

Apertei a mão de muitos amigos, mas ninguém soube me explicar uma coisa. Como é que o governo manda um homem para nos combater, como fez com o general Miles, e depois não cumpre sua palavra? Há

qualquer coisa de errado com um tal governo... Não compreendo por que não se faz nada por meu povo. Tenho ouvido muito palavreado, mas nada de concreto. Belas palavras são inúteis se não levam a alguma coisa. Belas palavras não nos devolvem os mortos, não nos devolvem a terra — hoje ocupada pelos brancos. Não nos devolvem os cavalos e o gado, nem protegem as sepulturas de nossos pais.

Belas palavras não trazem de volta meus filhos. Belas palavras não fazem cumprir a promessa do vosso chefe guerreiro, general Miles. Belas palavras não vão devolver a saúde nem impedir que meu povo continue morrendo. Belas palavras não nos darão um lugar onde viver em paz.

Estou cansado de conversas que não levam a nada. Meu coração padece só de lembrar as belas palavras e as promessas que já ouvi. Tenho escutado muita conversa de gente que não tinha o direito de falar. Tem havido muita interpretação errada, muitos mal-entendidos entre brancos e índios.

Se o branco quer viver em paz com o índio, é simples, não há problema: basta que todos os homens sejam tratados igualmente. Que a mesma lei se aplique a todos. Que todos tenham a mesma chance de viver e crescer... Assim como os rios não voltam para trás, não se pode esperar que um homem que nasceu livre se contente em viver confinado e sem liberdade de ir onde quiser. Se amarrarem um cavalo num poste, esperam que ele engorde e cresça? Se confinarem o índio num pequeno pedaço de terra e o forçarem a permanecer ali, ele não se conformará e não irá crescer nem prosperar.

Perguntei a alguns Grandes Chefes Brancos onde é que se fundamentavam para dizer que o índio deveria permanecer num único lugar, quando os brancos podem ir aonde quiserem. Não souberam me responder.

Apenas peço ao governo para ser tratado como todos os outros homens. Se não posso voltar à minha própria terra, deixem-me viver num lugar onde meu povo não venha a morrer tão depressa...

Sei que minha raça terá que mudar. Não podemos continuar a ser o que éramos, vivendo com os brancos. Apenas pedimos uma chance de viver como os outros vivem. Queremos ser reconhecidos como homens. Pedimos que a mesma lei valha para todos. Se um índio infringir a lei, será punido. Se um branco infringir a lei, que seja punido também.

Deixem-me ser um homem livre — livre para viajar, para escolher onde ficar, para trabalhar, para negociar com quem quiser, para esco-

lher meus próprios mestres, livre para seguir a religião de meus pais, livre para pensar, falar e agir por mim mesmo — e serei obediente à lei, ou me submeterei às suas penalidades.

C*hiparopai, uma velha índia Yuma, fala das mudanças que presenciou no começo deste século.*

A doença veio com o homem branco e centenas de nós morreram. Onde está a nossa força?... Nos velhos tempos éramos saudáveis. Costumávamos caçar e pescar. Plantávamos um pouco de milho e melões e comíamos sementes de algarrobo. Agora tudo mudou. Comemos a comida do homem branco e ela nos deixa fracos; vestimos as pesadas roupas do homem branco e elas nos deixam doentes. Antigamente, todo dia no verão e no inverno íamos tomar banho na beira do rio. Isso fortalecia e enrijecia nossa pele. Mas os colonos brancos ficavam chocados em ver índios nus e tivemos que nos afastar. Antes usávamos tangas e mantos feitos de cortiça e juncos. Trabalhávamos todo o inverno com vento — as pernas e os braços de fora — e nunca tínhamos resfriados. Mas agora, quando sopra o vento das montanhas, começamos a tossir. Sim, sabíamos que quando vocês viessem, *morreríamos*.

C*ontrário à imigração e desejando que sua tribo, os Choctaw, pudesse ficar por mais tempo em suas terras a leste do Mississípi, um importante chefe da tribo, coronel Cobb, dirige-se a um funcionário do governo que viera remover os índios.*

Irmão! Ouvimos suas palavras, enviadas por seu pai, o Grande Chefe Branco em Washington, e meu povo pediu que lhe respondesse...

Irmão! Lutamos como amigos ao seu lado e derramamos nosso sangue por você. Mas agora nossos braços estão cansados. Você cresceu muito. Meu povo ficou pequeno e não há quem tenha piedade dele.

Irmão! Minha voz tornou-se fraca — você mal pode me ouvir. Não é mais um grito de um guerreiro, mas o choro de uma criança. Minha voz gastou-se de tanto lamentar a desolação e os sofrimentos de minha gente. Estes são seus túmulos, que você vê espalhados ao redor. Nos

ventos que agitam os velhos pinheiros se ouve os fantasmas dos mortos gemendo. Suas cinzas estão aqui e cabe a nós protegê-las. Quase todos os nossos guerreiros partiram para o oeste, mas aqui ficaram os mortos. Seremos nós também obrigados a partir, deixando seus ossos para os lobos?

Irmão! Nosso coração está ferido. Doze invernos atrás nos disseram que nossos chefes tinham vendido nossa terra. Os guerreiros que aí estão, mortos e enterrados, se opuseram ao tratado; se a voz do nosso povo tivesse sido ouvida, esse acordo não teria existido. Mas, enfim! ainda que estejam ao nosso lado não podem mais ser vistos nem ouvidos. Suas lágrimas caem como gotas de chuva. Seus lamentos foram levados pelos ventos. Os caras-pálidas não os atenderam e a terra nos foi tomada.

Irmão!... Você fala as palavras de uma nação poderosa. Eu sou uma sombra e mal chego aos seus joelhos. Meu povo está disperso e sem esperança. Quando eu grito, ouço minha voz nas profundezas da floresta, mas ninguém me responde — tudo é silêncio ao meu redor! Por isso minhas palavras são poucas. Não posso dizer mais nada.

K*eokuk, um índio Sauk, nasceu em 1780 às margens do rio Rock, em Illinois, e morreu em 1848. Após uma negociação feita em 1832, os índios foram obrigados a deixar sua terra. Keokuk fez um discurso de despedida, manifestando surpreendente generosidade.*

Irmão! Eu e meu povo viemos apertar-lhes as mãos. Chegou a hora de partirmos. Não estamos felizes por deixar essa terra em que vivemos tanto tempo.

Haveremos de lembrar os muitos dias de sol e lua que passamos aqui. O Grande Espírito nos sorriu e nos fez felizes. Mas concordamos em partir.

Vamos para uma terra da qual sabemos muito pouco. Nosso novo lar fica além de um grande rio no caminho do poente. Ergueremos as tendas em outra terra, onde o Grande Espírito também nos sorrirá.

Os homens que tomarão posse de nossas terras não poderão dizer que Keokuk e seu povo alguma vez levantaram o machado de guerra contra eles. Sempre estivemos em paz e você foi gentil conosco. Em paz dizemos adeus. Que o Grande Espírito o abençoe nesta terra e lá para onde vamos. Pensaremos em você, pense em nós também. Se quiser nos

visitar, repartiremos com você a carne de veado e lhe daremos as melhores boas-vindas.

Dirigindo-se ao general George Washington em 1971 na Filadélfia (então a sede do governo), o chefe Seneca Pé-de-Milho solicita ao presidente que devolva à sua tribo a terra que lhe foi tomada no Tratado de Fort Stanwix, assinado alguns anos antes.

Pai! A voz da nação Seneca dirige-se a ti, o Grande Conselheiro, em cujo coração os homens sábios dos treze fogos (os treze estados da federação) depositam sua sabedoria. O que temos a dizer poderá parecer pequeno aos teus ouvidos, por isso rogamos que nos ouças com atenção, pois vamos falar de coisas muito importantes.

Quando teus exércitos entraram na terra das Seis Nações, nós te chamamos "O Destruidor da Cidade", e desse dia em diante, sempre que esse terrível nome é ouvido, nossas mulheres empalidecem e as crianças se encolhem no peito de suas mães. Nossos chefes e guerreiros são homens e não podem ter medo, mas seus corações sofrem com a aflição das mulheres e das crianças.

(Pé-de-Milho apresenta, em continuação, detalhes dos estratagemas e outros métodos iníquos empregados para enganar os índios, forçando-os a entregar grande quantidade de terras. Refere-se à sua própria participação nas resoluções do tratado, descrevendo os efeitos negativos que se produziram com relação a ele no meio do seu povo.)

Pai! Quando a grande terra te foi entregue, havia poucos chefes presentes e eles viram-se compelidos a agir assim. Não são apenas as Seis Nações que recriminam esses chefes por terem cedido aquela terra; os Chippewa, e todas as nações que vivem nas terras do oeste, nos chamaram e perguntaram: "Irmãos de nossos pais, onde está o lugar que haviam reservado para repousarmos?"

Pai! Fomos obrigados a fazer algo de que nos envergonhamos. Não sabemos o que dizer aos filhos dos irmãos de nossos pais. Quando, na última primavera, nos pressionaram para que fôssemos à guerra para resgatar o chão perdido, os Seneca rogaram que esperassem até virmos aqui...

Pai! É preciso que saibas que o Grande Deus, e não um homem, tem preservado Pé-de-Milho das mãos de seu próprio povo. Porque eles

perguntam a toda hora: ''Onde está a terra em que nossos filhos, e os filhos deles, irão repousar?'' Você nos disse, eles dizem, ''que a linha traçada da Pensilvânia ao lago Ontario marcaria sempre o limite a oeste. Mas vemos que não é assim. Porque vem um, e logo em seguida outro, e nos invade as terras, cumprindo ordens daqueles mesmos que deveriam assegurá-las para nós''. Pé-de-Milho fica em silêncio, pois não há o que responder. Quando o sol se põe, ele abre seu coração para Deus, e antes que o sol apareça de novo sobre as montanhas, agradece a proteção durante a noite; porque ele sabe que apenas Deus poderá protegê-lo no meio de homens revoltados com os erros que cometeu. Pé-de-Milho ama a paz e distribui mantimentos entre os que têm sido roubados pelos brancos, para que não comecem a saquear os inocentes em represália. Na época da caça, enquanto os outros saem em busca de alimentos para suas famílias, Pé-de-Milho se esforça pela paz; neste momento sua mulher e seus filhos passam privações, sem ter o que comer; seu coração sofre por eles, mas Pé-de-Milho sabe que o Grande Deus lhe exige firmeza naquilo que é correto.

Pai! Disseste que estamos em tuas mãos e te basta fechá-las para sermos esmagados. Estás disposto a nos esmagar?...

Pai! Homens inocentes de nossas melhores famílias foram assassinados um após outro, e até agora nenhum dos brancos que cometeu esses crimes foi punido. Nós te perguntamos: teu povo tinha a intenção de matar os Seneca, confiando na impunidade e na tua proteção contra nossa vingança?

Pai! Isso é muito importante para nós. Sabemos que és muito forte: temos ouvido dizer que és sábio: esperamos agora tua resposta para sabermos se és justo também.

H*á numerosas versões sobre a morte de Cavalo Louco em Camp Robinson, poucos meses após sua rendição e confinamento em 1877. Sobre a rendição, Chefe Urso-em-Pé afirma que Cavalo Louco ''previa as conseqüências''. A rendição ''significava a submissão diante de um povo que ele não considerava igual; significava a sentença de morte de sua raça. Cavalo Louco não temia homem nenhum e quando se rendeu não o fez por vontade própria, mas por causa de sua gente que estava cansada de guerra''.*

Na versão de sua morte pelo major H. R. Lemly, que servia em Camp Robinson, Cavalo Louco defendeu seu caráter ao morrer.

Eu não era hostil ao homem branco. Ocasionalmente meus jovens guerreiros atacavam um grupo de Crow ou Arickaree e roubavam seus cavalos, mas o mais das vezes nós é que éramos atacados. Tínhamos o búfalo como alimento e suas peles como abrigo, preferíamos a caça a uma vida de indolência, intrigas e ciúmes, bem como aos freqüentes períodos de miséria nas reservas.

No entanto, Raposa Cinzenta (general Crook) veio na neve e no frio cortante e destruiu minha aldeia. Todos teríamos morrido de fome e frio se não recapturássemos nossos cavalos.

Cabelo Comprido (general Custer) veio do mesmo modo. Dizem que nós o massacramos, mas ele teria nos massacrado se não nos defendêssemos e lutássemos até a morte. Nosso primeiro impulso era escapar com as mulheres e as crianças, mas estávamos tão cercados que tivemos que lutar...

De novo Raposa Cinzenta mandou soldados para cercar-me e à minha aldeia; mas eu estava cansado de lutar. Tudo o que queria era ser deixado em paz, por isso me antecipei e viajei a noite toda até a reserva de Spotted Tail. O funcionário da reserva disse que devia primeiro falar com o grande chefe branco em Black Hills. A pedido dele cheguei aqui desarmado, mas em vez de conversar quiseram me prender, e quando tentei fugir um soldado me atingiu com a baioneta.

Tenho dito.

Em seguida, escreve o major Lemly, "numa voz fraca e trêmula, começou a entoar o estranho e agora famoso canto de morte dos Sioux. No mesmo instante se ouviram vozes clamando do lado de fora e Grande Morcego disse-me que eram do pai e da mãe de Cavalo Louco, que imploravam para ver seu filho. Eu não tinha permissão para deixá-los entrar e não pude atender o pedido, por mais pungente que fosse. Por fim, Cavalo Louco tombou para trás com um estertor na garganta."

E*sta é uma mensagem de despedida do chefe Muitos Golpes, pronunciada no conselho de Little Big Horn, Montana, em 1909.*

O chão onde estamos é um chão sagrado. É o pó e o sangue dos nossos antepassados. A estas planícies o Grande Pai Branco de Washington enviou soldados armados de espadas e espingardas para matar o índio. Muitos deles repousam lá naquele monte onde Pahaska — Chefe Branco do Cabelo Comprido (general Custer) — bravamente lutou e morreu. Dentro em pouco o sol não nos verá mais aqui. O nosso pó e os nossos ossos se espalharão nestas mesmas pradarias. Vejo como em sonho o fogo agonizante de nossos conselhos, as cinzas frias e brancas. Não vejo mais os anéis de fumaça saindo de nossas cabanas. Não ouço mais os cantos das mulheres preparando a comida. O antílope sumiu, os campos de búfalo estão vazios. Só se escuta o uivo do coiote. A medicina do homem branco é mais forte do que a nossa; seus cavalos de ferro correm mais do que a trilha do búfalo. Ele fala conosco através do espírito-que-fala-baixo'' (o telefone). Somos como pássaros de asa quebrada. Meu coração está frio dentro de mim. Meus olhos já não enxergam bem. Estou velho...

Quando os Choctaw assinaram o Tratado de Dancing Rabbit Creek, a 27 de setembro de 1830, cederam o último acre de suas terras no Estado do Mississípi. Ficou decidido que deveriam se transferir para uma região no oeste de Arkansas. Pelo artigo décimo-sexto do tratado, o governo norte-americano se encarregaria de remover, às suas custas, os aproximadamente vinte mil membros da tribo ''em vagões, e de barco a vapor se fosse necessário''. George W. Harkins, um chefe local da nação Choctaw, expressou os sentimentos de seu povo ao deixar o Mississípi num barco a vapor. Sua mensagem foi publicada na imprensa no inverno de 1832.

Ao povo americano:

É com muita dificuldade que me dirijo ao povo americano, conhecendo e sentindo bem minha incompetência, e acreditando que a mente mais desenvolvida deste povo dificilmente se interessará pela mensagem de um Choctaw. Mas ficando decidida, neste outono, nossa emigração para o oeste do rio Mississípi, achei que deveria fazer umas considerações sobre as idéias e os sentimentos que nos ocorrem na despedida.

Tivemos que escolher entre dois males e optamos pelo menor. Não reconhecemos o direito que o Estado do Mississípi se arvorou de legislar

sobre nós. Se é verdade que o Estado deve elaborar leis para os seus cidadãos, isto não o qualifica a legislar sobre um povo tão diferente em hábitos e costumes, como são os Choctaw em relação aos habitantes do Mississípi. Mesmo admitindo que o Estado compreenda o nosso povo, poderia remover a montanha de preconceitos que sempre obstruiu os canais da justiça, impedindo o acesso de meus conterrâneos à sua salutar influência? Nós, como Choctaw, preferimos sofrer e ser livres do que viver sob a influência degradante de leis em cuja formação nossa voz não foi ouvida.

Contudo, por mais que o Estado do Mississípi nos tenha prejudicado, não trago no coração senão o desejo ardente de que se torne próspero e feliz.

Gostaria de acreditar que nossas gerações futuras não mais sentirão os efeitos das medidas opressivas que nos foram impostas de maneira tão pouco liberal; e que a paz e a felicidade serão sua recompensa. Em meio à tristeza e às formalidades desta separação, nos anima a esperança de que em breve teremos um lar, e que nenhum ato de perfídia irá arrancá-lo de nós, e que lá nós seremos livres. Se os vossos ancestrais conquistaram a liberdade nos caminhos do perigo e da glória, os nossos a possuíam como um direito de nascença. No entanto, temos agora de comprá-la, como o mais vil dos escravos compra sua liberdade...

Assim é a instabilidade das promessas. O homem que nos disse que poria um aviso numa tabuleta e riscaria uma linha ao redor de nós, além da qual ninguém passaria, foi o primeiro a dizer que não poderia mais proteger-nos, apagando em seguida os traços da linha. Devo confessar meu temor de que a presente promessa também não seja cumprida. Tenho maus presságios. Quem não os teria após testemunhar o que foi feito?

Eu vos peço em nome da justiça que nos concedam a paz, a mim e a meu sofrido povo. Deixai-nos sós — não vos faremos mal, queremos só descansar. Esperamos, em nome da justiça, que nunca mais se cometa injúrias contra nós...

Amigos, minha ligação com a terra natal é forte, e esse vínculo agora está rompido; temos que partir como viajantes numa terra estranha! Eu devo ir — imploro que nos vejais com sentimentos de bondade. E, quando a mão da opressão se erguer contra nós, que em cada canto dos

BIBLIOTECA ... MUNICIPAL
RUI BA...
CARLOS BARBOSA — RS

Estados Unidos, enchendo os vales e as montanhas, ecoe uma voz dizendo Não!...

Respeitosamente,

George W. Harkins.

Ma-ke-tai-me-she-kia-kiak, o Falcão Negro, foi chefe dos índios Sauk e Fox. Após a guerra de 1812 entre ingleses e norte-americanos, colonos brancos começaram a ocupar as terras de Illinois, velho território dos Sauk e Fox. A maioria dos índios, liderados por Keokuk, cruzou o Mississípi em direção do oeste; mas Falcão Negro recusou-se a partir e, em 1832, como chefe dos remanescentes, declarou guerra contra as novas colônias. Foi capturado no mesmo ano e levado à prisão. O seguinte discurso teria sido feito na hora de sua rendição, em Prairie du Chien, Wisconsin, em 27 de agosto de 1832.

Fui aprisionado com todos os meus guerreiros. Isto me deixa deprimido, porque esperava, se não derrotá-los, ao menos resistir por mais tempo e dar-lhes mais trabalho antes de me render. Tentei em vão emboscá-los, mas vosso general conhece as táticas dos índios. O anterior não era tão esperto. Quando percebi que não poderia derrotá-los taticamente, decidi enfrentá-los num combate homem a homem. Lutei com valentia. Mas as vossas armas falaram mais alto. As balas voavam como pássaros no ar, zunindo em nossos ouvidos como o vento no inverno. Meus guerreiros tombavam ao meu redor; começou a ficar sombrio. Senti que minha hora havia chegado. O sol levantara-se opaco naquela manhã e à noite mergulhava numa densa nuvem, parecendo uma bola de fogo. Este foi o último sol que viu Falcão Negro. Seu coração está morto, não bate mais em seu peito. Falcão Negro agora é prisioneiro do homem branco, farão com ele o que quiserem. Mas saberá enfrentar a tortura, sem medo da morte. Ele não é covarde. Falcão Negro é um índio.

Ele não fez nada de que um índio deva se envergonhar. Lutou por seus conterrâneos, mulheres e filhos, contra o homem branco que, ano após ano, os vinha enganando e arrebatando suas terras. Vocês sabem o motivo desta guerra. Os brancos o conhecem muito bem. Eles é que deveriam se envergonhar. Os índios não são velhacos. O branco fala mal do índio e olha para ele com desprezo. Mas o índio não diz mentiras; o índio não rouba.

Um índio que fosse ruim como os homens brancos não poderia viver em nossa nação; seria condenado à morte e comido peos lobos. Os brancos são maus mestres-escolas, carregam livros falsos e procedem com falsidade; sorriem no rosto do pobre índio para enganá-lo; apertam sua mão para ganhar-lhe a confiança, e fazê-lo beber, e roubá-lo, e seduzir suas mulheres. Pedimos que nos deixassem em paz e se afastassem de nós; mas eles nos seguiam, obstruíam nosso caminho, insinuavam-se entre nós como a serpente. Eles nos envenenavam ao tocar. Não estávamos a salvo, vivíamos em perigo. Estávamos nos tornando como eles, hipócritas e mentirosos, parasitas preguiçosos e adúlteros, todos conversadores, nenhum trabalhador.

Recorremos então ao Grande Espírito. Decidimos procurar o Grande Pai Branco, que nos encorajou. Seus conselheiros nos fizeram promessas. Mas não ficamos satisfeitos. As coisas iam de mal a pior. Não havia mais veado na floresta. O gambá e o castor debandavam, as fontes estavam secando, nossas mulheres e crianças vivendo na miséria. Resolvemos convocar um conselho e acender uma grande fogueira. O espírito de nossos pais veio e falou para nos vingarmos das injustiças, ou então morrermos. Todos falamos ante o fogo do conselho. Estava quente e agradável. Entoamos o canto de guerra e erguemos no ar as machadinhas; nossas facas estavam prontas, e o coração de Falcão Negro cresceu dentro do peito ao conduzir os guerreiros à luta. Ele está satisfeito. Cumpriu seu dever. Irá em paz ao mundo dos espíritos, lá será recebido e elogiado por seu pai.

Falcão Negro é um índio de verdade e não irá chorar como uma mulher. Ele sente por sua mulher, seus filhos e amigos. Mas não se preocupa consigo mesmo. Preocupa-se com sua nação e com os índios. Eles vão sofrer. Falcão Negro lamenta sua sorte. Os brancos não fazem o escalpo, mas fazem pior — envenenam o coração. Não há pureza neles. Os índios não serão escalpelados, mas em breve se tornarão como os brancos e não se poderá mais confiar neles; e logo haverá, como nos povoamentos brancos, quase tantos guardas quanto homens para serem vigiados e mantidos em ordem.

Adeus, meu povo! Falcão Negro tentou salvá-los e vingá-los das injustiças. Tomou o sangue de muitos brancos, mas foi feito prisioneiro e seus planos falharam. Não pode fazer mais nada, está chegando ao fim. Seu sol está se pondo e não tornará a levantar-se. Dêem adeus a Falcão Negro.

Em 1833, Falcão Negro ditou sua autobiografia a Antoine LeCalir. Nela aparece uma dedicatória ao general-de-brigada H. Atkinson, o "Castor Branco" — "o grande guerreiro que comandou o exército americano contra o meu pequeno bando", levando Falcão Negro à rendição.

Senhor, a inconstância do destino e as vicissitudes da guerra vos fizeram meu conquistador. Quando os meus últimos recursos se exauriram, os guerreiros cansados de longas e estafantes caminhadas, resolvi entregar-me e tornar-me vosso prisioneiro.

A história de minha vida é contada nas páginas seguintes; ela está intimamente ligada, e em certa medida identificada, com uma parte da vossa própria história. Por isso é dedicada ao senhor.

As mudanças de muitos verões trouxeram-me a velhice e não espero sobreviver a muitas luas. Mas antes de me pôr a caminho da terra de meus pais, quero expor os motivos e as razões de minhas hostilidades contra os brancos no passado, bem como defender meu caráter contra as más interpretações. A amabilidade com que fui tratado como prisioneiro de guerra me assegura que o senhor irá confirmar os fatos contidos em minha narrativa, na medida em que foram por vós observados.

Sou agora um obscuro membro de uma nação que antigamente honrava e respeitava minhas opiniões. O caminho para a glória é duro e muitas horas sombrias o obscurecem. Que o Grande Espírito ilumine os seus, e que nunca sofra a humilhação que o governo americano me impôs — é o desejo de quem, nas suas florestas nativas, foi uma vez orgulhoso e forte como o senhor.

Falcão Negro
Décima Lua de 1833.

Touro Sentado rendeu-se em Fort Buford, Canadá, em 1881, "sob a promessa de anistia", sendo a seguir enviado à reserva de Standing Rock, onde a maior parte de seu povo vivia. Quando a delegação norte-americana chegou para levá-lo de volta aos Estados Unidos, começou a resposta entregando um rifle ao seu filho de oito anos, dizendo que o passasse ao major Brotherton, da Polícia Montada canadense.

Entrego este rifle ao senhor através do meu filho. Quero que ele aprenda os hábitos dos brancos. Quero também que se lembre de que fui o último homem de minha tribo a entregar as armas, como estou fazendo agora. O que o senhor tiver para me dizer, gostaria que o dissesse, pois quero estar bem informado. Enviei diversas vezes mensageiros até aqui mas nenhum deles voltou com notícias. Os outros chefes, Rei Corvo e Bílis, não queriam que eu viesse e nunca recebi boas notícias através deles. Quero pedir ao senhor, agora, permissão para viver tanto deste lado da fronteira (Canadá) como do outro, conforme eu achar melhor. Minha intenção é continuar vivendo da caça, mas podendo cruzar a fronteira de ambos os lados. Aqui (Canadá) é a minha terra e não quero ser forçado a abandoná-la. Meu coração se entristece quando estou longe da terra da Grande Mãe. A Grande Mãe tem sido minha amiga, mas não quero que meus filhos cresçam longe de nossa terra natal... Gostaria que todo o meu povo fosse reunido numa reserva junto ao Pequeno Missouri (rio afluente do Missouri). Deixei várias famílias entre Wood Mountain e Qu'Appele. Muitos dos meus estão vivendo com os Yankton em Poplar Creek, e gostaria que eles e os que foram para Standing Rock ficassem juntos na minha reserva.

Confinados numa reserva perto de Fort Reno em agosto de 1877, os Cheyenne do Norte tornaram-se vítimas da doença e da morte. Após uma ano nesta situação, dois chefes, Faca Embotada e Lobo Pequeno, pediram ao superintendente da reserva, John D. Miles, que deixasse os índios voltar para suas terras na região de Black Hills. Faca Embotada, na verdade, estava bastante doente, e Lobo Pequeno falou em nome dos dois.

Viemos pedir ao superintendente que nos deixe voltar para nossa terra nas montanhas. Meu povo vivia bem lá, numa terra de pinheiros e rios de águas frias e cristalinas. Sempre tivemos boa saúde e havia carne para todos. Vivíamos felizes até que os soldados do Grande Pai nos trouxeram para cá. Após um ano nessas reservas do sul, muitos dos nossos morreram. Não é um bom lugar para nós. Há muito calor, poeira e pouca comida. Queremos voltar para nossa casa nas montanhas. Se o senhor não tem poderes para tanto, permita a ida a Washington de alguns de nós, ou quem sabe o senhor mesmo escreve para lá e consegue a permis-

são... Não podemos esperar mais, queremos ir agora. Antes que um novo ano tenha se passado, estaremos todos mortos e não haverá mais ninguém para viajar ao norte.

N*a Lua da Mudança de Estação, a 16 de outubro de 1867, um dos mais famosos conselhos índios na história do país teve início em Medicine Lodge, Kansas. O conselho reuniu cerca de quatro mil índios, incluindo os Arapaho, Cheyenne, Kiowa, Comanches e Apaches das Planícies. Um plano de paz do governo procurava confinar essas cinco tribos numa única e grande reserva ao sul do rio Arkansas. Um discurso memorável foi feito por Parra-Wa-Samen, ou Dez Ursos, poeta e chefe guerreiro Comanche, que assinou o tratado juntamente com os outros. Ele morreu cinco anos depois.*

Meu coração enche-se de alegria ao vê-los aqui, como os riachos se enchem com a neve derretida na primavera; e fico alegre como os pôneis quando a grama nova desponta no começo do ano...

Meu povo jamais foi o primeiro a disparar uma flecha ou um tiro contra os brancos. Houve problemas na linha de fronteira que nos separa e dançamos a dança de guerra. Mas não fomos nós que começamos. Os brancos mandaram o primeiro soldado, nós o segundo. Dois anos atrás cheguei aqui seguindo as pegadas do búfalo, desejando ver minhas mulheres e meus filhos rechonchudos e bem aquecidos. Mas os soldados dispararam, e desde então só se ouviu barulho de trovão, nós sem termos aonde ir...

Não fomos feitos para chorar. Os soldados de azul e os Ute (uma tribo de índios norte-americanos) vieram na calada da noite e fizeram de nossas cabanas fogos de acampamento. Meus homens foram sua caça. Isto aconteceu no Texas. Levaram a dor ao nosso acampamento e saímos feito os búfalos quando suas fêmeas são atacadas. Revidamos matando e pendurando escalpos em nossas tendas.

Os Comanches não são fracos e cegos, como cachorrinhos recém-nascidos. São fortes e enxergam longe, como os cavalos crescidos. Pegamos a estrada e fomos em frente. Enquanto as mulheres brancas choravam, as nossas riam.

Mas andei escutando aqui certas coisas que não me agradaram. Não são doces como o açúcar, mas amargas como a cabaça. Vocês (os

brancos) querem nos colocar numa reserva, construir nossas casas e nos dar medicamentos. Eu não desejo isso. Nasci nas pradarias onde o vento sopra livre e não há nada tapando a luz do sol. Nasci num lugar sem cercas onde tudo respira livremente. Quero morrer ali, não entre quatro paredes. Conheço cada riacho e cada bosque entre o rio Grande e o Arkansas; passei minha vida caçando neste lugar. Vivo do jeito que meus pais viveram e como eles vivo feliz.

Quando estive em Washington, o Grande Pai disse que as terras dos Comanches eram nossas e ninguém nos impediria de viver nelas. Então, por que desejam que deixemos os rios, o sol e os ventos para morar em casas? Não nos peçam para trocar os búfalos por ovelhas. Os jovens ouviram falar nisso e ficaram aborrecidos e zangados...

Se os texanos se afastassem de nossas terras poderia haver paz. Essa onde vocês querem que a gente viva é muito pequena. Os texanos ocuparam os lugares em que a grama e a madeira crescem melhor. Se não tivéssemos perdido esses lugares, poderíamos até fazer o que pedem. Mas é tarde demais. O homem branco conquistou a terra que amávamos, e o destino que nos resta é vagar pelos campos até morrer.

E*m 1905, Goyathlay, ou Gerônimo, contou a história de sua vida para Asa Daklugie, filho de um chefe Apache inimigo que lutou ao lado de Gerônimo nas últimas campanhas. Posteriormente, Daklugie recontou a história para S. M. Barrett, superintendente de educação em Lawton, Oklahoma.*

Gerônimo rendeu-se pela última vez em agosto de 1877. Ele e seu bando (cerca de 340 homens) foram feitos prisioneiros de guerra e mais tarde levados para a reserva de Fort Sill, Oklahoma. Foi de lá que Gerônimo pediu ao presidente dos Estados Unidos que pudesse regressar à sua terra antes de morrer.

Existe uma grande questão entre os Apaches e o governo. Durante vinte anos fomos mantidos como prisioneiros de guerra, de acordo com o tratado de paz estabelecido entre o general Miles, em nome do governo dos Estados Unidos, e eu, como representante dos Apaches. Esse tratado não chegou a ser respeitado integralmente pelo governo, embora no presente o esteja sendo mais do que no início. O que ficou acertado com o general Miles era que aceitávamos sair do Arizona e que passaría-

mos a viver como os brancos. Creio que meu povo é agora capaz de viver conforme as leis dos Estados Unidos, e gostaríamos, portanto, de retornar àquelas terras que são nossas por direito divino. Nossa população diminuiu e, tendo aprendido a cultivar o solo, já não necessita de tanta terra como antes. Não pedimos toda a terra que o Todo-Poderoso nos deu no início, mas o suficiente para cultivar. O que não precisamos daremos de bom grado ao homem branco.

Estamos atualmente sendo mantidos em terras dos Comanches e Kiowa, que não atendem às nossas necessidades... Nossa população diminuiu aqui e continuará diminuindo a menos que nos seja permitido voltar à terra natal...

Não há clima nem solo que se compare, no meu entender, aos do Arizona. Teríamos muito solo cultivável, muito pasto, muita madeira e muitos minerais nessa terra que o Todo-Poderoso criou para os Apaches. É a minha terra, o meu lar, a terra de meus pais, que estou pedindo de volta. Quero passar meus últimos dias lá e ser enterrado entre aquelas montanhas. Só assim morrerei em paz, sabendo que meu povo, de volta ao lar, tornará a crescer em número em vez de diminuir como agora, e que seu nome não se extinguirá.

Tenho certeza de que meu povo, retornando àquela região montanhosa nas cabeceiras do rio Gila (Novo México), saberá viver em paz e agir de acordo com a vontade do presidente. Haverá de ser próspero e feliz arando o solo e aprendendo com a civilização dos brancos, que agora respeita. Pudesse ver isto cumprido, esqueceria todos os males que já me fizeram e morreria satisfeito e feliz. Mas para isso não podemos fazer nada a não ser esperar a decisão das autoridades. Se eu não for atendido em vida — se acaso morrer na servidão —, espero que os remanescentes de minha tribo possam ter direito a esse único privilégio com que sonham, que é voltar ao Arizona.

H*ehaka Sapa (Alce Negro), o pajé dos Sioux, fala do empobrecimento espiritual do seu povo ao ser obrigado a deixar sua terra e adotar o modo de vida dos brancos.*

Os Wasichus (homens brancos) nos puseram nessas caixas. Nosso poder dissipou-se e estamos morrendo, porque o poder não está mais em nós. Olhem para os nossos meninos e verão o que se passa conosco.

Quando vivíamos de acordo com o Poder do Círculo, os meninos tornavam-se homens aos doze ou treze anos. Agora demoram muito mais para amadurecer. Infelizmente é assim. Somos prisioneiros de guerra enquanto esperamos aqui. Mas existe um outro mundo.

Em sua autobiografia, Gerônimo mostra a importância da relação do seu povo com a terra, e os efeitos disso na vida e no espírito dos Apaches.

Estamos desaparecendo da terra, embora eu não pense que sejamos desnecessários, ou Usen (nome Apache para Deus) não nos teria criado...

Para cada tribo de homens que Usen criou, criou também um lugar. Na terra que ele criou para determinada tribo, colocou o que seria melhor para o bem-estar daquela tribo.

Quando Usen criou os Apaches, criou também suas terras no Oeste. Pôs ali a quantidade de cereais, frutos e caça que precisavam. Para curá-los das doenças, ensinou onde encontrar ervas e como preparar com elas medicamentos. Deu-lhes um clima agradável e tudo o que precisavam para se vestir e se abrigar estava à mão.

Foi assim no início: os Apaches e a sua terra criados um para o outro. Quando são tirados desta terra, adoecem e morrem. Quanto falta para se dizer que não existem mais Apaches?

Esta oração de Alce Negro foi feita em Harney Peak, na região de Black Hills, em 1931.

Hey-a-a-hey! Hey-a-a-hey! Hey-a-a-hey! Avô, Grande Espírito, olha uma vez mais para mim na terra e ouve a minha fraca voz. Viveste primeiro, és mais velho que toda a necessidade, mais velho que toda a oração. Todos te pertencem — os de duas e os de quatro pernas, os de asas e as coisas verdes vivas. Puseste os poderes dos quatro quadrantes para cruzarem-se entre si. O bom caminho e o caminho das dificuldades quiseste que se cruzassem; e onde eles se cruzam, o lugar é sagrado. Dia após dia, para sempre, és a vida de todas as coisas...

Disseste-me, quando eu ainda era jovem e podia esperar, que mi-

nha voz haveria de clamar em dificuldade por quatro vezes, uma para cada canto da terra...

Hoje minha voz clama por um povo desesperado.

Do oeste deste-me a taça de água corrente e o arco sagrado, o poder de dar e tirar a vida. Do norte, onde vive o gigante branco, deste-me um vento sagrado e as ervas — o poder de purificar e o de curar. A estrela da manhã e o cachimbo, eu os recebi do leste; e do sul, o anel sagrado das nações e a árvore que deveria florescer. Levaste-me ao centro do mundo, mostrando-me a beleza, a bondade e a estranheza da terra verdejante, mãe primeira — e ali, as formas do espírito das coisas de como haveriam de ser, tu me revelaste e eu vi. No centro desse anel sagrado, disseste, eu deveria fazer a árvore florescer.

Com as lágrimas correndo, ó Grande Espírito, Grande Espírito, meu Avô — com as lágrimas correndo eu devo confessar que a árvore jamais floresceu. Um velho desprezível é o que vês; fracassei e não fiz nada. Aqui, no centro do mundo, onde me ensinaste quando jovem, me vês agora, velho, e a árvore secou, Avô, meu Avô!

De novo, e talvez pela última vez, invoco a grande visão que me enviaste. Pode ser que alguma pequena raiz da árvore sagrada esteja ainda viva. Nutre ela bem, para que ela se cubra de folhas e volte a florescer, se enchendo com o canto dos passarinhos. Ouve-me, não por mim, mas por meu povo. Estou velho. Ouve-me, para que eles possam mais uma vez refazer o anel sagrado e encontrar a boa estrada vermelha, a árvore protetora!

É com tristeza que elevo a ti esta fraca voz, ó Seis Poderes do Mundo! Ouve a minha dor, que talvez eu não volte a chamar. Faz o meu povo viver!

Khe-tha-a-hi, ou Asa de Águia, recorda a herança deixada pelos índios aos brancos.

Meus irmãos, os índios sempre haverão de ser lembrados nesta terra. Nossas línguas deram nomes a muitas coisas belas e lugares que sempre falarão de nós. Minnehaha, com o nosso riso; Seneca, com o brilho da nossa imagem; Mississípi, com o murmúrio dos nossos ais. O largo Iowa, o ondulado Dakota e o fértil Michigan hão de sussurrar nossos nomes ao sol. O bramido do Niágara, o suspiro de Illinois e o cantar de De-

laware repetirão para sempre nosso Dta-wa-e (Canto de Morte). Quem poderá ouvir esse canto eterno sem um coração aflito? Fomos culpados de um só pecado — possuir o que o branco cobiçava. Partimos rumo ao poente, entregamos nossa casa ao homem branco.

Irmãos, entre as lendas de meu povo conta-se que um chefe, após atravessar com sua gente um grande rio, fincou a estaca de sua tenda no chão e exclamou: ''A-la-ba-ma!'' Em nossa língua quer dizer: ''Aqui podemos descansar!'' Mas ele não viu o futuro. Veio o homem branco e os índios não puderam mais descansar; foram varridos dali, jogados num pântano escuro, afundados na lama e mortos. A desafortunada palavra que ele usou tornou-se o nome de um dos Estados americanos. Debaixo das estrelas não há mais lugar que nos espere com um sorriso, onde o índio possa pisar e suspirar. ''A-la-ba-ma!'' Pode ser que Wakanda[14] nos reserve um tal lugar. Mas parece que será apenas ao Seu lado.

> Onde estão os Pequot? E os Narragansett, os Mohawk, os Pokanoket e tantas outras daquelas poderosas tribos de outrora? Despareceram sob a pressão e a cobiça do homem branco, como a neve ao sol de verão.
>
> *Tecumseh, chefe Shawnee.*

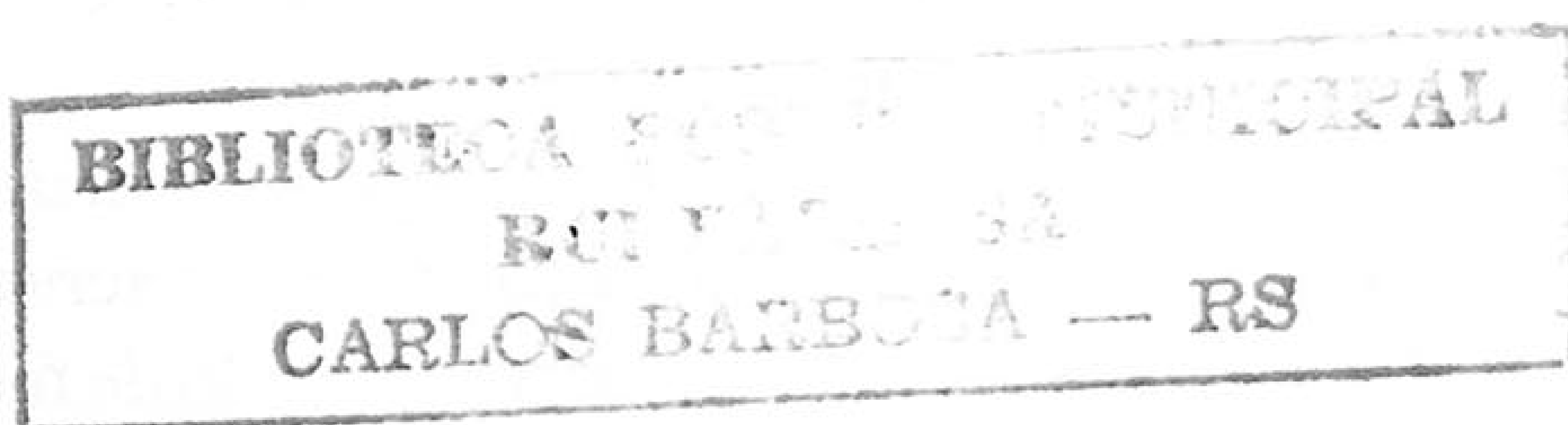
Nossas idéias acabarão sobrepujando as de vocês. Vamos deixar em pedaços todo o sistema de valores do país. Não importa que hoje existam apenas quinhentos mil índios... Temos um modo de vida superior, isso é o que importa. Nós, índios, temos uma filosofia de vida mais humana. Nós, índios, mostraremos como agir humanamente. Algum dia este país haverá de rever suas leis, sua constituição, em termos de direitos humanos, não mais de propriedade. Se o Poder Índio (Red Power) *tem algum sentido neste país é por causa de sua ideologia... Qual é o valor supremo da vida humana? Esta é a questão.*

Vine Deloria, Jr., 1971



CAPÍTULO IV

Se nos rendermos, morreremos



D*an George, chefe hereditário da tribo Coast Salish e chefe honorário da tribo Squamish na Columbia Britânica, fez o seguinte discurso em Vancouver, em 1967, por ocasião do centenário de independência do Canadá.*

Há quanto tempo eu te conheço, ó Canadá? Cem anos? Sim, cem anos... E muitos, muitos "seelanum"[15] mais. Hoje, quando celebras teu centenário, Canadá, me entristeço por todos os índios desta terra.

Porque eu te conheci quando tuas florestas ainda eram minhas, quando elas me davam roupa e comida. Eu te conheci nos teus riachos e rios, onde o peixe prateava no ar, onde as águas diziam vem, vem, come da minha fartura. Eu te conheci na liberdade dos teus ventos. E o meu espírito, como os ventos, outrora vagou em tuas terras.

Mas nos cem anos desde que o homem branco chegou, vi minha liberdade desaparecer como o salmão indo misteriosamente para o mar. Os costumes estranhos do homem branco, que não pude jamais entender, me sufocaram até eu não mais poder respirar.

Por tentar defender minha terra e minha casa, fui chamado de sel-

vagem. Por não entender nem aceitar este modo de vida, fui chamado de preguiçoso. Por querer governar meu povo, fui privado de autoridade.

Meu povo foi ignorado em teus livros, considerado não mais importante na História do Canadá de que o búfalo nas planícies. Fui ridicularizado em tuas peças e em teus filmes, e bebi tua aguardente até me embebedar e esquecer.

Ó Canadá, como é que eu posso festejar contigo este aniversário, estes cem anos? Devo agradecer pelas reservas que me ficaram de minhas belas florestas? Pelo peixe enlatado de meus rios? Pela perda do orgulho e da autoridade entre o meu próprio povo? Pela falta de vontade de lutar? Não! Eu devo esquecer o que passou.

Ó Deus do Céu! Devolve-me a coragem dos velhos chefes. A coragem de enfrentar meu ambiente. Que eu possa de novo como antigamente dominar o que me cerca. Que eu aceite com humildade esta nova cultura e através dela me recupere e prossiga.

Ó Deus! Como o Pássaro-Trovão dos velhos dias quero outra vez me erguer do mar; quero agarrar os instrumentos de sucesso do homem branco — sua educação, suas habilidades, e com essas novas ferramentas fazer de minha raça o segmento mais valoroso de tua sociedade. Antes de seguir os grandes chefes que vieram antes de mim, ó Canadá, gostaria de ver tais coisas se realizarem.

Quero ver nossos jovens guerreiros e nossos chefes sentados no parlamento e no governo, governando e sendo governados pelo conhecimento e a liberdade de nossa grande terra. Vamos remover as barreiras do isolamento. Que os próximos cem anos sejam os maiores da valorosa história de nossas tribos e nações.

Em novembro de 1969, um grupo de índios tomou a ilha de Alcatraz, antigo presídio, que estava ocupada apenas por alguns guardas. Os índios rejeitaram as ordens do governo para se retirarem, tendo sido removidos à força em junho de 1971. As razões que os levaram a reivindicar a ilha estão no texto a seguir.

PROCLAMAÇÃO: AO GRANDE PAI BRANCO E A TODO O SEU POVO

Nós, os americanos nativos, reivindicamos a terra conhecida como ilha de Alcatraz, em nome de todos os índios americanos, por direito de descoberta.

Desejamos ser justos e honrados nas nossas transações com os habitantes caucasianos desta terra, e assim propomos o seguinte acordo:

Adquiriremos a ilha de Alcatraz por 24 dólares, em contas de vidro e roupas indígenas, os mesmos objetos com que o homem branco adquiriu uma ilha semelhante a trezentos anos atrás. Sabemos que os 24 dólares em artigos comerciais, por dezesseis acres de terra, superam o que foi pago aos índios pela ilha de Manhattan, mas aprendemos que o valor da terra cresce com os anos. Nossa oferta de 1,24 dólar por acre é maior do que os 47 centavos que os brancos estão pagando atualmente pelas terras dos índios na Califórnia. Daremos aos habitantes desta ilha uma porção de terra para uso próprio, com a garantia da Comissão de Assuntos Indígenas e o controle perpétuo do Departamento de Assuntos Caucasianos — enquanto o sol se levantar e os rios desaguarem no mar. Haveremos de orientar os habitantes na maneira correta de viver. Ofereceremos a eles nossa educação, nossa religião, nossos costumes, a fim de ajudá-los a alcançar nosso nível de civilização, arrancando-os assim (e a todos os seus irmãos brancos) do estado selvagem e infeliz em que se encontram. Propomos esse acordo de boa fé e queremos ser justos e honrados em nossas transações com todos os homens brancos...

Achamos que a assim chamada ilha de Alcatraz é mais do que apropriada para uma reserva indígena, dentro dos padrões do próprio homem branco. Queremos, com isto, dizer que a ilha se parece a uma reserva indígena nos seguintes aspectos:

1. Está isolada das vantagens da vida moderna, sem meios adequados de transporte.
2. Não tem córregos de água fresca.
3. Suas instalações sanitárias são inadequadas.
4. Não tem direitos de extração mineral e de petróleo.
5. Não possui indústria, e assim o desemprego é muito alto.
6. Não possui instalações de atendimento à saúde.
7. O solo é rochoso e improdutivo, e o lugar não favorece a caça.
8. Não há instalações educacionais.
9. A população sempre excedeu a capacidade do local.
10. A população sempre foi mantida como prisioneira e dependente de outros.

Além disso, seria adequado e simbolicamente significativo que os navios de todo o mundo, ao cruzarem a Golden Gate, avistassem primeiro terra índia, recordando assim a verdadeira história desta nação. Esta minúscula ilha seria um símbolo das grandes terras que um dia pertenceram a índios nobres e livres.

Harold Cardinal, um índio Cree, nasceu em 1945 em High Prairie, Alberta (Canadá), tendo sido criado na reserva de Sucker Creek. É hoje um hábil político, lutando em defesa dos direitos dos índios do Canadá. A história desses direitos ele descreve como "uma crônica vergonhosa do descaso do homem branco... de sua arrogância... e de suas repetidas traições". A passagem a seguir foi extraída de seu livro The Unjust Society, The Tragedy of Canada's Indians *(A Sociedade Injusta — A Tragédia dos Índios Canadenses).*

Nosso povo não acredita mais. Isto é um fato e um fato triste. O governo canadense pode prometer participação, consultas, programas de promoção humana e desenvolvimento econômico. Não acreditamos mais nisso...

Depois de incontáveis frustrações com o governo do Canadá, nosso povo está cansado e impaciente. Antes que o governo venha com novas declarações políticas hipócritas, novas promessas vazias, novas ambigüidades de linguagem, nosso povo exige o cumprimento de todos os tratados e direitos indígenas. O cumprimento desses direitos deverá preceder necessariamente qualquer possível cooperação entre os índios e o governo da rainha. Não pedimos mais. Não esperamos menos.

O primeiro-ministro atiçou nossas esperanças com sua conversa de uma sociedade justa e compassiva. Mas logo em seguida seu ministro para Assuntos Indígenas declarou que nossos problemas somente acabariam se nos tornássemos gentis e sociáveis como os demais canadenses. Até recentemente o próprio primeiro-ministro empregava essa linguagem ambígua. Num discurso em Vancouver, o senhor Trudeau afirmou que "o governo federal não está preparado para garantir os direitos nativos dos índios canadenses..."

Para os índios do Canadá, os tratados representam a Carta Magna índia. São importantes para nós, porque pusemos fé nessas negociações, na esperança de uma vida melhor. Temos sobrevivido há um século

apenas com esta esperança. Teria o homem branco feito os acordos com outras intenções? Ou estarão simplesmente os herdeiros desrespeitando os compromissos assinados pelos seus antepassados? Os índios participaram das negociações como homens honrados que vinham tratar de igual para igual com os representantes da rainha. Nossos líderes de então acreditavam que estavam lidando com gente honrada. Juntamente com eles, com seu povo e seus descendentes, comprometeram-se a honrar o que estava sendo feito.

Nossos líderes supuseram equivocadamente que tais pessoas fariam o mesmo que os índios, isto é, obrigar a si mesmas e a seus herdeiros o cumprimento dos contratos...

Os tratados foram o modo pelo qual os brancos legitimaram aos olhos do mundo sua presença em nossa terra. Foram uma tentativa de estabelecer os termos de ocupação numa base legal e moral, extinguindo a legítima reivindicação de nosso povo pelo direito à terra neste país. Os índios jamais tiveram qualquer dúvida de que a terra do Canadá lhes pertencia.

Na língua dos índios Cree, as reservas são conhecidas como *a terra que guardamos para nós* ou *a terra que não damos ao governo*. Em nossa língua: skun-gun...

No que nos diz respeito, os tratados representam um compromisso honroso e sagrado entre nós e o governo canadense, que não pode ser revogado pelo capricho de ninguém, a menos que o governo esteja disposto a nos devolver o direito à nossa terra.

Nossos direitos são muito valiosos para cederem frente à retórica ou para serem trocados por barras de ouro. As palavras mudam, o valor da moeda flutua, pode até desaparecer. Nossa terra, não.

Não podemos abrir mão de nossos direitos sem nos destruir enquanto povo. Se tais direitos não têm valor, se não valem nada os tratados existentes entre a nossa sociedade e a dos brancos, assinados por homens honrados e de boa fé de um lado e de outro, antes que o presente governo decidisse rasgá-los como simples pedaços de papel, então nós, enquanto povo, também não temos nenhum valor. Não podemos nem iremos aceitar isso. Sabemos que enquanto lutarmos por nossos direitos continuaremos vivos. Se nos rendermos, morreremos.

E*m 1970, a Peabody Coal Company, subsidiária da Kennecott Cooper Company, começou a explorar carvão numa região de 65 mil*

acres arrendados das tribos Navaho e Hopi. Representantes da companhia disseram que essa mineração não causaria prejuízos às terras dos índios e, ao contrário, beneficiaria muitos Navaho e Hopi. Discordando deles, um grupo de Hopi enviou a seguinte mensagem ao presidente Nixon.

Caro Sr. Presidente:

Nós, os verdadeiros e tradicionais líderes religiosos, reconhecidos como tais pelo povo Hopi, possuímos plena autoridade sobre toda terra e toda vida contida dentro do Hemisfério Ocidental. Foi-nos dado esse poder em virtude de nosso conhecimento, sobretudo do que significam Natureza, Paz e Harmonia, tal como nos foi revelado por Ele, o que o povo chama de Massau'u, ou Grande Espírito, que há muito tempo atrás nos deu as tábuas de pedra sagradas que preservamos até hoje. Por muitas gerações antes da chegada do homem branco, por muitas gerações antes da chegada dos Navaho, o povo Hopi viveu na região sagrada que o senhor identifica como o sudoeste e nós como o centro espiritual do continente. Dedicados a seguir integralmente o caminho do Grande Espírito, nós, os líderes da nação Hopi, recebemos uma mensagem das nossas profecias para ser transmitida ao senhor.

O homem branco, na sua insensibilidade à natureza, tem dessacralizado a face da Mãe-Terra. A capacidade tecnológica do homem branco é o resultado desta falta de consideração pelo caminho espiritual e o modo de ser das coisas vivas. Seu desejo de poder e riquezas materiais o impede de ver a dor que está causando à Mãe-Terra, ao buscar aquilo que chama de recursos naturais. O caminho do Grande Espírito tornou-se difícil de perceber para a maioria dos homens, mesmo para muitos índios, que preferem seguir o caminho do homem branco...

Hoje as terras sagradas dos Hopi estão sendo profanadas por homens que procuram carvão e água no solo a fim de levarem mais poder às cidades do homem branco. Isto não deve continuar, caso contrário a Mãe-Natureza reagirá de tal maneira que quase toda a humanidade perecerá. O Grande Espírito disse para não deixar que isso aconteça, tal como foi profetizado aos nossos antepassados. O Grande Espírito disse para não tirar da Terra — não destruir as coisas vivas. Massau'u, o Grande Espírito, quer que o homem viva em harmonia e mantenha a terra limpa para as crianças que virão. Os Hopi e outros irmãos índios defendem

firmemente esse princípio religioso, e o Movimento pela Unidade Espiritual Tradicional se esforça por reacender a chama espiritual nos índios de todo o país. Vosso governo praticamente destruiu a religião que era o sustento de nosso povo nesta terra do Grande Espírito. Sentimos que, para sobreviver ao próximo Dia da Purificação, precisamos retornar aos princípios religiosos básicos e nos congregarmos como líderes de nosso povo.

Hoje quase todas as profecias estão se cumprindo. Grandes estradas riscam a paisagem como rios; o homem fala com o homem através do emaranhado das linhas telefônicas; viaja por estradas no céu com seus aviões; duas grandes guerras foram deflagradas por aqueles que portavam as insígnias da suástica e do sol nascente; o homem está se intrometendo com a lua e as estrelas. A maioria dos homens afastou-se do caminho que leva ao Grande Espírito. Só Massau'u é bastante grande para mostrar esse caminho.

Disse o Grande Espírito que, se um vaso de cinzas for despejado sobre a Terra, muitos homens morrerão e chegará ao fim esta forma de vida. Interpretamos assim o lançamento de bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki. Não gostaríamos que isso acontecesse de novo em nenhum lugar, mas que toda essa energia fosse canalizada para fins pacíficos, não para a guerra.

Nós, líderes religiosos e legítimos porta-vozes da nação Hopi independente, recebemos do Grande Espírito a instrução de convidar o presidente dos Estados Unidos e os líderes espirituais do mundo todo para se unirem a nós e pensarem no bem-estar da humanidade, de modo que a Paz, a Unidade e a Fraternidade sejam compartilhadas por todos os homens.

Sinceramente,

(assinam) Thomas Banyacya, em nome dos líderes da Aldeia Tradicional Hopi: senhores Mina Lansa, Oraibi Caude Kawangyawma, Shungopavy Starlie Lomayaktewa, Mushongnovi Dan Katchongwa, Hotevilla.

Muito da atual economia dos índios é baseada na reação e na adaptação ao racismo... Eventos recentes... parecem indicar um distúrbio nesse equilíbrio. É difícil prever que magnitude terá o distúrbio e em que medida afetará a vida do índio americano.

Lionel de Montigny (Métis)

Notas

1. No original, *holy man*. Achei apropriado traduzir por ''pajé'', que na língua tupi era o chefe espiritual dos indígenas. (N. do T.)
2. Região dos vales dos rios Mississípi e Missouri, no centro dos Estados Unidos. (N. do T.)
3. Tenda de forma cônica característica dos Sioux. (N. do T.)
4. A dança dos fantasmas foi um dos movimentos religiosos messiânicos surgidos entre os índios norte-americanos no final do século passado, cujo ritual consistia em se dançar até encontrar os fantasmas dos índios que voltariam a habitar a terra. (N. do T.)
5. Frances Desmore, na sua monografia *Teton Sioux Music,* discute em profundidade o significado de Wakan tanka entre os Sioux. ''Antigamente'', ela escreve, ''o termo Wakan tanka não era usado na conversação ordinária, sagrado demais para ser pronunciado, salvo com a devida reverência e no momento oportuno.'' Em relação a isso — prossegue — ''deve ser lembrado que muitas tribos de índios evitam mencionar o nome de um homem, sobretudo em sua presença. O estudo de qualquer aspecto do pensamento índio terá sempre que levar em conta êsse caráter não expresso. Uma expressão plena e completa não está de acordo com os costumes indígenas. O elemento não expresso pode ser um obje-

to de mútua compreensão que não está indicado em palavras, ou pode ser algo sugerido de maneira a tornar-se inteligível apenas para aqueles a quem se dirige a mensagem. Assim, há uma 'linguagem secreta' usada pelos feiticeiros, em que as palavras familiares adquirem um significado oculto. Diversos índios idosos, consultados sobre o significado da palavra *wakan,* deram a seguinte resposta: 'Um homem comum possui os meios naturais de fazer as coisas. Eventualmente surge um homem que tem o dom de fazer coisas extraordinárias, e esse homem é chamado *wakan.* Embora seja um dom sobrenatural, poderá usá-lo apenas através do esforço e do estudo. Um homem pode ser capaz de fazer coisas de um modo misterioso, mas jamais se encontrou alguém que pudesse controlar o sol e a lua ou a mudança das estações. As maiores maravilhas que um homem pode fazer são diferentes dos trabalhos da natureza. Quando mudam as estações, isto é uma dádiva do sol, o mais poderoso de todos os poderes misteriosos de *wakan.*' Um outro depoimento diz o seguinte: 'Usamos as palavras Taku wakan para tudo aquilo que possui um poder misterioso. Assim, um cachimbo é Taku wakan, pois com ele se fazem súplicas e são obtidos favores. Não podemos ver o trovão, e dizemos que ele é *wakan,* mas vemos o raio e sabemos que o raio e o trovão são um sinal de chuva, que traz benefícios à terra. Tudo o que tiver um poder semelhante é *wakan,* mas acima de todas as coisas está o sol, mais poderoso do que tudo.' Outras respostas, parecidas com a precedente, expressam a convicção de que os Sioux sempre acreditaram num poder misterioso, cuja maior manifestação é o sol, sendo Wakan tanka a designação desse poder.''

Desmore descreve também a crença dos Sioux em pedras sagradas.

''Grandes pedras ou rochas no campo eram 'objetos de devoção' entre os índios Sioux. Escrevendo em 1880, Stephen Riggs observou que 'grandes blocos de pedra arredondada eram escolhidos e adornados com tinta verde e vermelha, onde os Dakota pudessem rezar e oferecer seus sacrifícios'. Um interessante relato de uma dessas pedras, conhecida como Eyay Shah, 'Rocha Vermelha', foi feito por H. C. Hovey em 1887. Essa pedra estava situada perto de St. Paul, Minnesota, e os Sioux a visitaram pela última vez pouco antes de sua rebelião em 1862. Muitas pedras das planícies de Dakota teriam sido vistas do mesmo modo pelos Sioux. Para eles, falar dessas pedras é 'conversa sagrada'.

Sonhar com as pedras sagradas era considerado uma grande honra. Os sonhos eram desejados pelos Sioux, embora se admitisse uma corres-

pondência entre o sonho e o caráter do homem. Dizia-se que 'um jovem não tinha uma grande visão de mundo e, portanto, seu sonho não seria como o de um chefe; seria um sonho comum; mesmo assim, o jovem teria que cumprir o que o sonho lhe indicasse'. A primeira obrigação de um sonho era o seu anúncio à tribo. Isso era feito através de uma performance representando a natureza do sonho, juntando-se o sonhador a outros que haviam tido sonhos semelhantes. Se o sonho estava relacionado com as pedras sagradas, ou com ervas ou animais usados no tratamento de doenças, considerava-se obrigatório que o sonhador aproveitasse a ajuda sobrenatural concedida e agisse de acordo com ela. Cumprir um sonho era tão compulsório quanto cumprir um juramento, e o desrespeito de ambos, dizia-se, era punido pelas forças da natureza, geralmente um raio'' (Frances Densmore, *Teton Sioux Music,* Bulletin 61, Bureau of American Ethnology, Washington D.C., p. 157, 206). (N. do A.)

6. Natalie Curtis escreve em *The Indian's Book:* ''Nem todos os cantos são religiosos, mas dificilmente há uma tarefa, leve ou pesada, dificilmente há um evento, grande ou pequeno, que não tenha o seu canto correspondente. Em quase todos os mitos dos índios o criador CANTA e é pelo seu canto que surge a vida. Verdade, tradição, história e pensamento são preservados no ritual do canto e da poesia. Nele os índios registram os ensinamentos dos seus sábios, os feitos de seus heróis, as visões de seus profetas e o culto de seu Deus'' (*The Indian's Book,* Nova Iorque, New Edition: Dover, 1968, p. xxiv).

''Sempre fui um homem pobre. Não conheço um único canto.'' Esta afirmação de um informante Navaho, falando sobre práticas agrícolas, mereceu o seguinte comentário do antropólogo W. W. Hill: ''É impossível se manifestar com mais força a crença no poder do canto. Nesta afirmação está resumida a atitude completa dos Navaho com relação à vida e à possibilidade de sucesso. No que toca à agricultura, não eram as vicissitudes do meio ambiente que determinavam o sucesso ou o fracasso das colheitas, mas sim o controle das forças da natureza através do ritual'' (*The Agricultural and Hunting Methods of the Navaho Indians,* New Haven, Yale University Press, 1938, p. 52. Citado em ''American Indian Prose and Poetry'', de Margot Astrov (Org.), p. 21).

Knud Rasmussen registrou em 1923, entre os esquimós, uma notável expressão sobre o canto do caçador: ''Meu talento — isto é o que eu chamo este canto, pois ele me é tão necessário quanto respirar'', disse

o xamã e poeta Orpingalik, entoando em seguida: "Vou cantar este canto, um canto que é forte..."

Segundo Orpingalik, "os cantos são pensamentos cantados com a respiração, quando grandes forças movem as pessoas e o discurso ordinário não é mais suficiente. O Homem é movido da mesma forma que um pedaço de gelo para cá e para lá na corrente. Seus pensamentos são arrastados num fluxo quando está alegre ou quando está triste. Os pensamentos podem afogá-lo como numa inundação, fazendo o sangue saltar nas veias e o coração palpitar. Se o tempo esfria, algo mantém nosso corpo aquecido. E nós, que sempre nos achamos pequenos, nos sentiremos ainda menores. E teremos medo de usar as palavras. Mas as palavras que precisamos virão por si mesmas. Quando isto acontece — as palavras brotando por si — temos um novo canto" (*The Netsilik Eskimos, Social Life and Spiritual Culture,* Report of the Fifth Thule Expedition 1921-1924, vol. 8, n.os 1-2, Copenhagen, p. 321). (N. do A.)

7. Os seguintes trechos procuram explicar o significado do culto à natureza pelos índios.

"Alice Fletcher observa (*Report,* Peabody Museum, vol. III, p. 276) que para a mentalidade índia a vida do universo não tem que ser analisada e classificada, formando-se com as partes uma grande síntese. As múltiplas formas de vida seriam igualmente importantes e nobres. Um velho índio devoto diz o seguinte: 'A árvore é como um ser humano, porque tem vida e cresce; assim nós rezamos para ela e lhe fazemos oferendas para que o deus (da árvore) possa nos ajudar'. Dentro do mesmo espírito é feita a apologia de um animal abatido, pois a vida de um é tirada para suprir a de outro, 'a fim de que possamos viver', como se diz. Estas manifestações de vida, lugares de repouso do deus, não são propriamente objetos de culto ou símbolos; parecem funcionar mais como meios de comunicação com a força oculta que permeia tudo, vaga e temerosamente apreendida. Em conseqüência, o índio está do lado da natureza. Não a enfrenta e por isso não pode tornar-se o seu senhor, ou observá-la cientificamente e à parte de sua própria vida mental e emocional. Ele apela à natureza, mas não a venera" (James Dorsey, *A Study of Siouan Cults,* 11th Annual Report of the Bureau of Ethnology, 1889-1890, Washington, 1894, p. 435).

Em contraste, Claude Lévi-Strauss interpreta a passagem do sábio Dakota como exemplo de "uma filosofia metafísica comum a todos os Sioux, dos Osage no sul aos Dakota no norte, segundo a qual as coisas e

os seres seriam formas materializadas de uma continuidade criativa'' (Claude Lévi-Strauss, *Totemism*, Boston, Beacon Press, 1963, p. 98). (N. do A.)

8. O número quatro é um número sagrado para a grande maioria das tribos da América do Norte. O antropólogo Paul Radin relata uma interessante especulação feita por um velho filósofo Sioux Oglala, chamado Tyon, sobre o significado desse número:

''Nos tempos antigos os Lakota classificavam todas as suas atividades em grupos de quatro. Era assim porque reconheciam quatro direções: o oeste, o norte, o leste e o sul; quatro divisões do tempo: o dia, a noite, a lua e o ano; quatro partes em tudo o que cresce do chão: a raiz, o caule, as folhas e o fruto; quatro tipos de coisas que respiram: as que rastejam, as que voam, as que andam sobre quatro pernas e as que andam sobre duas pernas; quatro coisas acima do mundo: o sol, a lua, o céu e as estrelas; quatro tipos de deuses: os grandes, os associados ao grande, os deuses abaixo destes e os espíritos; quatro períodos da vida humana: período de lactância, infância, idade adulta e velhice; e, finalmente, a humanidade tem quatro dedos em cada mão, quatro dedos em cada pé, e os polegares das mãos e os dedos grandes dos pés, juntos, também formam quatro. Já que o Grande Espírito quis que tudo fosse em grupos de quatro, a humanidade, tanto quanto possível, deveria fazer do mesmo modo''. (Paul Radin, *Primitive Man as Philosopher*, Nova Iorque e Londres, D. Appleton, 1927, p. 278). (N. do A.)

9. Famosa batalha em que os índios derrotaram as forças norte-americanas comandadas pelo general Custer, em 1876. (N. do T.)

10. ''Um dos símbolos mais completos que os índios das Planícies empregam para expressar o relacionamento entre o homem e o mundo circundante é uma cruz inscrita num círculo. O símbolo aparece pintado em inúmeros objetos rituais e nos corpos e cabeças de homens que participam das cerimônias da tribo. Sua forma reflete-se na tenda cônica com o fogo central (o *tipi* ou a casa dos índios norte-americanos); seu padrão é encontrado na dança do sol, nas tendas de purificação e em muitos movimentos ritualizados. Por exemplo, na cerimônia Hako dos índios Pawnee, o oficiante desenha com o dedo um círculo no chão; a explicação dada era que 'o círculo representa um ninho, e é desenhado por um dedo porque a Águia (símbolo do Grande Espírito) constrói seu ninho com as garras. Embora estejamos imitando o pássaro ao fazer o ninho,

BIBLIOTECA PÚBL... MUNICIPAL
RUI BA... A
CARLOS BARBOSA ... RS

há um outro significado na ação; estamos pensando em TIRAWA fazendo o mundo para os homens nele habitarem!'

No centro do círculo, no ponto em que se cruzam as quatro direções do espaço e todas as outras quaternidades do Universo, está o Homem. Sem a consciência de que traz em si o centro sagrado, um homem é menos que um homem. É para lembrar a realidade virtual deste centro que os índios têm tantos ritos baseados na cruz dentro do círculo.

Uma das mais precisas expressões desta 'centralidade' encontra-se num dos ritos da dança do sol dos Arapaho, em que a Roda Sagrada é contraposta a cada uma das quatro direções do corpo humano, começando por baixo, pelos pés, e movendo-se para cima em direção à cabeça; então a roda é girada quatro vezes na direção do sol nascente e por fim colocada no alto da cabeça, com quatro penas de águia pendendo sobre o peito do homem, de modo que ele está ritualmente no centro, um eixo vertical em relação à horizontal'' (Joseph Epos Brown, *The Spiritual Legacy of the American Indian,* Wallingford, Pensilvânia, Pendle Hill Publications, 1964, p. 13-5. Para maiores informações sobre a ''Cerimônia Hako dos Pawnee'', ver Alice Fletcher, *The Hako: a Pawnee Ceremony,* 22nd Annual Report of the Bureau of American Ethnology, part 2, 1904).

Clifford Geertz comenta que, para a maioria dos Oglala, ''o círculo, seja encontrado na natureza, pintado no pêlo de um búfalo ou representado na dança do sol, é sempre um símbolo luminoso, cujo significado é intuitivamente percebido sem ser interpretado conscientemente... Muitas vezes a idéia de um círculo sagrado, uma forma natural com um sentido moral, apresenta, ao se aplicar ao mundo em que os Oglala vivem, novos significados; o círculo integra continuamente os elementos de sua experiência que, de outro modo, ficariam totalmente soltos e... incompreensíveis.

A rotundidade do corpo humano e do caule de uma planta, da lua e de um escudo, do *tipi* (tenda) e do acampamento em círculo proporciona aos índios uma significação vagamente concebida, mas sentida com intensidade. E esse elemento significativo comum, uma vez abstraído, pode ser empregado para fins rituais — na cerimônia da paz, por exemplo, quando o cachimbo, símbolo da solidariedade social, descreve um círculo ao passar de um fumante a outro, a pureza da forma invocando o benefício dos espíritos — ou para explicar mitologicamente os peculiares paradoxos e anomalias da experiência moral, quando se vê na

forma de uma pedra redonda o poder do bem prevalecendo sobre o mal'' (Clifford Geertz, ''Ethos, World-View and the Analysis of Sacred Symbols'', in *Man Makes Sense,* Boston, Little, Brown, 1970, P. 326-7).

Toda a tribo ao sair para a caça anual ''acampava em círculo e mantinha sua divisão política, o círculo tendo freqüentemente algo em torno de um quarto de milha de diâmetro. Às vezes o acampamento era disposto em círculos concêntricos, cada círculo representando um clã. Os Dakota denominam-se os 'fogos dos sete conselhos', e no passado acampavam em dois grupos ou divisões, um composto de quatro e outro de três círculos concêntricos. Os Omaha e seus parentes próximos, na caça anual do búfalo e durante as grandes cerimônias tribais, também acampavam em círculo. Cada um dos dez clãs da tribo tinha o seu lugar definido na linha. As mulheres de cada clã sabiam onde colocar as tendas e, ao chegarem num local de acampamento, dirigiam-se aos lugares correspondentes, de modo que, quando todas as tendas da tribo estivessem erguidas, cada clã estaria na posição ditada pelas normas relacionadas com antigas crenças e costumes. Em cerimônias especiais, sobretudo na grande dança anual do sol, os Kiowa, Cheyenne e outras tribos acampavam num círculo feito de diferentes divisões políticas em ordem fixa e regular.

''O círculo tribal, cada segmento composto de um clã ou grupo, era um retrato vivo da organização e das responsabilidades da tribo. Dava ao espectador a posição relativa dos grupos de parentesco e sua interdependência, tanto para a manutenção da ordem interna quanto para a defesa contra inimigos externos; ao mesmo tempo, a abertura para o leste e a posição das tendas cerimoniais lembravam as obrigações e os ritos religiosos, através dos quais as diferentes partes eram mantidas num todo coeso'' (Frederick Webb Hodge (Org.), *The Handbook of Indians of Canada*). (N. do A.)

11. Provável referência à cornucópia mitológica, símbolo da riqueza e do comércio. (N. do T.)

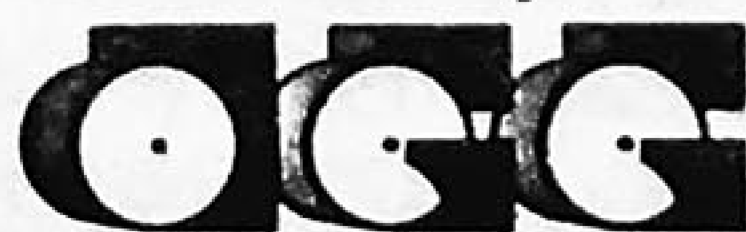
12. Para maiores informações sobre a religião do sonhador, ver Herbert J. Spinden, *The Nez Percê Indians,* The American Anthropological Association, *Memoirs,* vol. 2, pt. 3, Lancaster, 1908. (N. do A.)

13. Trata-se de um trocadilho intraduzível com o nome do missionário, Cram, que também designa um verbo, em inglês, usado na expressão

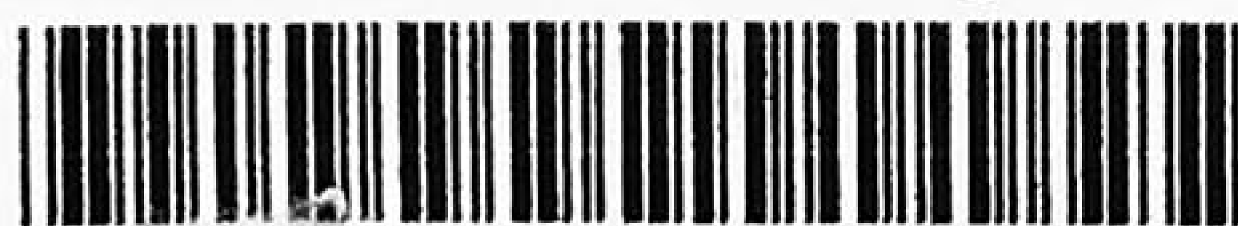
idiomática: "To cram down one's throat" (repetir muitas vezes a alguém). Daí o uso do verbo "martelar" na tradução, remetendo à ação de "pregadores" como Cram. (N. do T.)

14. Um dos nomes da divindade suprema dos índios. (N. do T.)

15. Entre aspas no original. Provavelmente, um termo indígena que designa uma medida de tempo. (N. do T.)



Este livro foi impresso pela
artes gráficas guaru s/a.
Rod. Presidente Dutra, km 214
Fone 912-1388 - Guarulhos



A Harmonia Rompida

O homem branco jamais se preocupou com a terra, nem com o veado, nem com o urso. Quando nós, índios, matamos um animal, o comemos todo. Quando queremos arrancar uma raiz, fazemos pequenos buracos no chão e arrancamos apenas uma. Quando queimamos a erva contra os gafanhotos, não arruinamos tudo. Recolhemos as bolotas e as pinhas. Não derrubamos árvores. Usamos apenas a madeira morta. Mas os brancos não: eles reviram a terra, arrancam as árvores, matam tudo. A árvore diz: "Não! Eu sou sensível. Não me fira." Mas eles não escutam. Derrubam-na e a cortam em pedaços. O espírito da terra os odeia. Os índios nunca ferem nada, enquanto os brancos destroem tudo. Explodem rochas e as espalham em pedaços pelo chão. A pedra grita: "Não, você está me ferindo!" Mas o branco não presta atenção. Quando os índios usam pedras, escolhem apenas as menores e arredondadas, que encontram no chão. Como é que o espírito da terra pode gostar do homem branco? Onde o branco põe a mão há sofrimento.

Reunidos por T.C. McLuhan, os textos indígenas apresentados em Pés Nus Sobre a Terra Sagrada *são de uma eloqüência tocante e perturbadora. O equilíbrio rompido, os tratados desrespeitados, os massacres desnecessários, o genocídio preconcebido são heranças da conquista que, queiramos ou não, nos acompanharão para sempre, como uma lembrança indelével de que esta civilização foi construída num mundo que não lhe pertencia. Os brancos são usurpadores, invasores, espoliadores do continente americano — um continente que, com rapidez cada vez mais assustadora, estão arrasando e empobrecendo.*

L&PM
EDITORES